



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

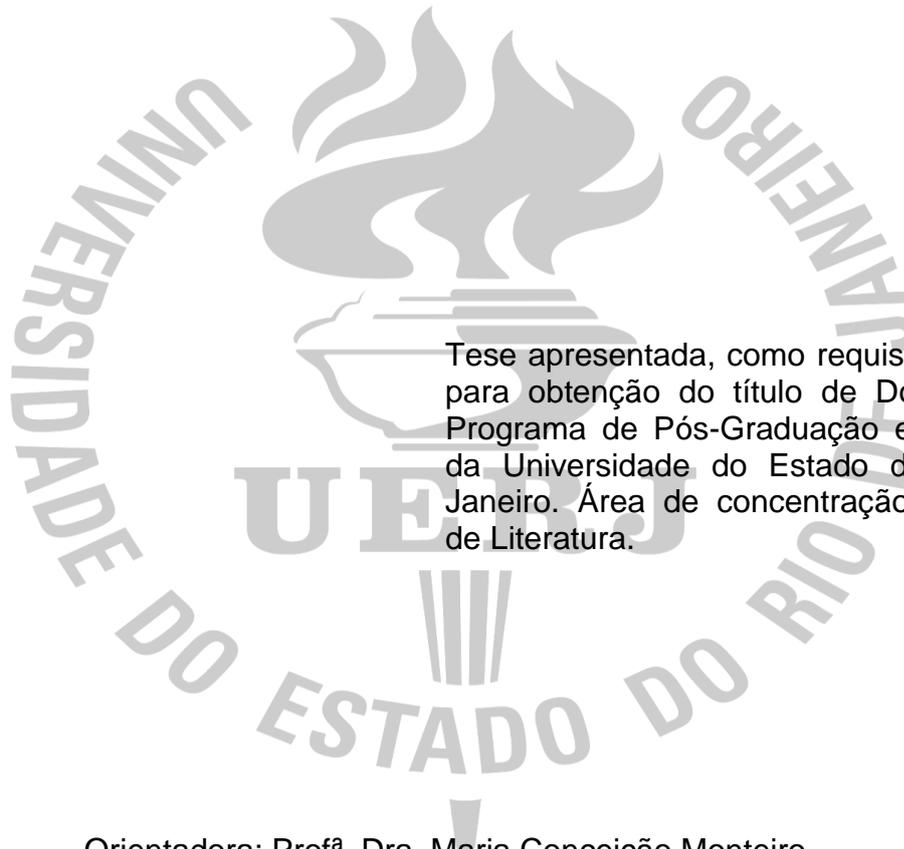
Priscilla Pellegrino de Oliveira

**A “questão da mulher” norte-americana:
confluências entre o movimento e a literatura feministas nos
Estados Unidos**

Rio de Janeiro
2022

Priscilla Pellegrino de Oliveira

**A “questão da mulher” norte-americana:
confluências entre o movimento e a literatura feministas nos Estados Unidos**



Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Conceição Monteiro

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

O48 Oliveira, Priscilla Pellegrino.
A “questão da mulher” norte-americana: confluências entre o movimento e a literatura feministas nos Estados Unidos / Priscilla Pellegrino Oliveira. – 2022.
173 f.: il.

Orientadora: Maria Conceição Monteiro.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Feminismo na literatura - Teses. 2. Feminismo – Estados Unidos – Teses. 3. Literatura norte-americana – Teses. 4. Mulheres na literatura – Teses. 5. Gay, Roxane – Crítica e interpretação – Teses. 6. Crime sexual – Teses. I. Monteiro, Maria Conceição. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 820(73)-055.2

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Priscilla Pellegrino de Oliveira

**A “questão da mulher” norte-americana:
confluências entre o movimento e a literatura feministas nos Estados Unidos**

Tese apresentada, como requisito parcial,
para obtenção do título de Doutora, ao
Programa de Pós-Graduação em Letras, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Estudos de
Literatura.

Aprovada em 31 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Maria Conceição Monteiro (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Adriana de Souza Jordão Gonçalves
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Davi Ferreira de Pinho
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Heleno Álvares Bezerra Júnior
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Prof^a. Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que compreendem as suas opressões e àquelas que
ainda as entenderão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por esta permissão;

A meus pais, Sônia e Ronaldo, pelo amor incondicional;

A meus irmãos, Simone e Felipe, pelo eterno incentivo;

Aos professores da UERJ, pela transmissão de tão caro conhecimento;

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Conceição Monteiro, quem muito admiro, por me mostrar o caminho em direção a meus objetivos acadêmicos;

À banca examinadora, Prof. Dr. Davi Pinho, Prof. Dr. Heleno Álvares, Profa. Dra. Adriana Jordão e Profa. Dra. Nícea Nogueira, pelo aceite em participar desta fase de minha jornada, por meio de suas contribuições intelectuais;

Aos professores suplentes desta banca, Profa. Dra. Ângela Dias (UFF) e Prof. Dr. Guillermo Giucci (UERJ), pela predisposição em participar da defesa;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001;

Ao ensino público brasileiro, sem o qual eu jamais teria chegado ao sonhado título de doutora em Letras.

Women should be able to move through the world with the same ease as men. Women should be able to live in a society where their bodies are not legislated. They should be able to live their lives free from the threat of sexual violence.

Roxane Gay

As mulheres tomaram a palavra. Em primeiro lugar, para denunciar a opressão. Em segundo lugar, para anunciar a plena realização do humano.

Rachel Gutiérrez

Feminism is one of the basic movements for human liberty. To view it in any less serious aspect, to ridicule present-day feminism as the passing fancy of a handful of malcontents, is to display a shocking ignorance of the history of one half of the human race.

Miriam Schneir

To live is to live a life politically, in relation to power, in relation to others, in the act of assuming responsibility for a collective future.

Judith Butler

RESUMO

OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino de. *A “questão da mulher” norte-americana: confluências entre o movimento e a literatura feministas nos Estados Unidos*. 2022. 173 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O feminismo, enquanto movimento organizado, completa mais de um século e já possui seu lugar na academia por meio da teoria e da crítica literárias, além de ter se consolidado na literatura. As ativistas têm conseguido se expressar, inclusive no meio digital, no qual ganham popularidade. Esta tese apresenta um estudo histórico e epistemológico do movimento feminista e da literatura de autoria feminina de cunho feminista nos Estados Unidos desde o século XIX até a contemporaneidade. Trata-se, em um primeiro momento, de um levantamento documental e bibliográfico do arcabouço teórico e literário que compõe esse movimento e suas manifestações ao longo de sua história. Essa exploração é realizada com base na divisão, convencionalmente aceita, do movimento, em primeira, segunda, terceira e quarta ondas. Desse modo, faz parte deste estudo o pensamento filosófico criado por mulheres que desejavam modificar a “condição da mulher” na sociedade americana no período mencionado. Movimento político, teoria e literatura se encontram, revelando que as feministas militam em diversas frentes. Na segunda parte desta tese, apresenta-se a obra da escritora e ativista norte-americana Roxane Gay. A análise consiste em perceber como a problemática da violência sexual é explorada tanto em sua obra ficcional quanto não ficcional. Assim, o estupro e seu *aftermath* são estudados em suas obras de ficção – em seu romance *An untamed state* (2014); nos contos “Things I know about fairy tales” e “Sweet on the tongue”, da coletânea *Ayiti*, publicada em 2011 e relançada em 2018; “I will follow you” e “La negra blanca”, do livro de contos *Difficult women* (2017) – e em seus textos ensaísticos e autobiográficos contidos em *Bad feminist* (2014) e *Hunger* (2017). A dor e o trauma marcam suas personagens e sua própria história de vida, permitindo-nos encontrar, dessa forma, um paralelo entre realidade e ficção.

Palavras-chave: Feminismo. Literatura feminista. Literatura norte-americana. Violência sexual. Roxane Gay.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino de. *The North-American “woman question”*: confluences between the feminist movement and literature in the United States. 2022. 173 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Feminism as an organized movement is now more than a century old and already has its place in the academy through literary theory and criticism, in addition to having been consolidated in literature. Activists have been able to express themselves even in the digital environment, in which they have gained popularity. This PhD dissertation presents a historical and epistemological study of the feminist movement and the literature written by women of a feminist nature in the United States from the 19th century to the present day. It is, at first, a documentary and bibliographic research of the theoretical and literary frameworks that constitute this movement and its manifestations throughout its history. This exploration is performed on the basis of the conventionally accepted division of the movement into first, second, third and fourth waves. Thus, the philosophical thought created by women who wanted to change the "condition of women" in American society in the mentioned period is contained in this study. Political movement, theory and literature meet, revealing that feminists militate on several fronts. In the second part of this dissertation, the work of the American writer and activist Roxane Gay is presented. The analysis consists of realising in what ways the issue of sexual violence, both in her fictional and non-fictional work, is explored. Rape and its aftermath are studied in her works of fiction – *An untamed state* (2014); in the short stories “Things I know about fairy tales” and “Sweet on the tongue”, from the collection *Ayiti*, published in 2011 and relaunched in 2018; “I will follow you” and “La negra blanca”, from her short stories book *Difficult women* (2017) – and in her essays and autobiographical texts contained in *Bad feminist* (2014) and *Hunger* (2017). Pain and trauma mark their characters and her own life story, allowing us to find, hence, a parallel between reality and fiction.

Keywords: Feminism. Feminist literature. North-American literature. Sexual violence.
Roxane Gay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Comitê executivo do Conselho Internacional de Mulheres.....	43
Figura 2 – Poster de 1943, de J. Howard Miller.....	51
Figura 3 – Primeira capa da revista <i>Ms</i>	69
Figura 4 – Manifestações contra Judith Butler no Brasil.....	84
Figura 5 – Foto de Jessica Valenti em encontro de blogueiros.....	97
Figura 6 – Roxane Gay e a capa de <i>An untamed state</i>	157

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ONDE ESTÁ A AUTORA.....	10
1 UMA BREVE GENEALOGIA DO MOVIMENTO FEMINISTA NORTE-AMERICANO E SUA CONSTRUÇÃO TEÓRICA E LITERÁRIA.....	20
1.1 Momentos anteriores à primeira onda.....	20
1.2 A primeira onda e a luta pelo sufrágio.....	26
1.3 De 1920 a 1960: feminismo latente.....	43
1.4 A segunda onda e o direito ao corpo.....	52
1.5 A terceira onda e suas inclusões.....	70
1.6 A quarta onda: questões em aberto e o mundo digital.....	85
2 A PRESENÇA DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA OBRA DE ROXANE GAY.....	98
2.1 Roxane Gay: uma ativista contemporânea.....	98
2.2 O estupro: definições e mitos.....	100
2.3 O feminismo, o estupro e o corpo em <i>Bad feminist</i> e <i>Hunger</i>	114
2.4 Estupro no Haiti: “Things I know about fairy tales”, <i>An untamed state</i> e “Sweet on the tongue”.....	124
2.5 Estupro nos Estados Unidos: “I will follow you” e “La negra blanca”.....	145
2.6 A autora feminista está viva.....	152
CONCLUSÃO: A AUTORA FEMINISTA DENUNCIA.....	158
REFERÊNCIAS.....	164

INTRODUÇÃO: ONDE ESTÁ A AUTORA

Writing has been a countercultural act for women throughout most of the history of the United States, a mark of resistance to the prevalent idea that the world of literature and letters belongs properly to men.

Wendy Martin e Sharone Williams

Ao pensar sobre a história da literatura ocidental, pode-se observar que o lugar concedido às mulheres escritoras é ínfimo, bastando consultar as antologias das literaturas nacionais europeias e americanas, por exemplo, para constatá-lo. Em obras tradicionais como *A history of American literature* (2012), de Richard Gray, *The Norton anthology of American literature* (2003), de Nina Baym e *The Cambridge history of American literature* (2005), de Sacvan Bercovitch, percebe-se que a maioria dos escritores considerados formadores da literatura norte-americana são homens. Segundo Mary Eagleton em seu artigo “Literary representations of women”, a história literária das mulheres é vista como “subterrânea” ou uma “corrente” (2007, p. 106).

Dessa forma, poucas escritoras são incluídas no seleto grupo de intelectuais das letras estadunidenses nos livros de referência literária, tais como: Harriet Beecher Stowe, famosa pelo romance *Uncle Tom's cabin*; Emily Dickinson, por sua rica poesia; Kate Chopin, por suas criações literárias de cor local do sul dos Estados Unidos; e Charlotte Perkins Gilman, por seu conto quase autobiográfico *The yellow wallpaper* e por sua utopia *Herland*. Além disso, encontram-se as escritoras canônicas Edith Wharton, Gertrude Stein, Elizabeth Bishop, Toni Morrison (primeira mulher negra a receber um Prêmio Nobel de literatura), Sylvia Plath e Alice Walker. Outras autoras aparecem, mais timidamente, tanto nas antologias citadas quanto em outras: Sojourney Truth; por seus discursos abolicionistas e a favor da mulher negra; Margaret Fuller, por sua obra *Woman in the nineteenth century*; Louisa May Alcott, por *Little women*, que recebeu várias adaptações para o cinema e para a televisão em forma de seriado; Audre Lourde, por sua militância no movimento por direitos civis; Sandra Cisneros e Julia Alvarez, por suas obras abordando a situação das mulheres latino-americanas nos Estados Unidos.

Essa baixa representatividade da mulher na história da literatura norte-americana se reflete no ensino de literatura nos cursos universitários de graduação, não só nos Estados Unidos, mas também em países como o Brasil, onde é comum que os estudos estejam centrados em torno das poetisas e romancistas mais conhecidas como, por exemplo, Emily Dickinson, Elizabeth Bishop, Sylvia Plath e Toni Morrison. Essa realidade só é modificada nos cursos de pós-graduação, quando outras escritoras são incluídas no *syllabus*. No entanto, sabe-se que em solo estadunidense, várias universidades possuem cursos de graduação e pós-graduação voltados para os estudos feministas ou de gênero. Possuem, inclusive, departamentos específicos multidisciplinares chamados de *Women Studies* ou *Gender Studies*, onde pesquisadores e estudiosos se aprofundam na área sob o viés de sua especialidade acadêmica: filosofia, sociologia, psicologia, literatura, estudos culturais etc. Isso pode ser constatado ao acessar os endereços eletrônicos das mais renomadas universidades norte-americanas.

A partir das últimas décadas do século XX, toda a literatura de autoria feminina até então ignorada pela academia e pelos "papas" da história da literatura - isto é, aqueles que escolhem quem serão considerados dignos de formarem o *hall of fame* da literatura estadunidense, quem será canonizado e quem não deve ser lembrado - começa a ser recuperada por pesquisadoras no âmbito acadêmico. Teóricas da área de literatura feminina como Elaine Showalter, Ellen Moers e Nina Baym são conhecidas por fazerem uma recuperação da literatura produzida por mulheres em solo americano, literatura essa representada nos livros de referência como minoria. Porém, na verdade, as mulheres escritoras foram suprimidas das antologias por terem sido negligenciadas pelos detentores do poder de escolha no momento de produzir a história da literatura dos Estados Unidos, assim como em outros países. Como afirma a professora Susana Bornéo Funck, em *Crítica literária feminista*, nos estudos literários tradicionais, "a situação da mulher é, na melhor das hipóteses, ambígua - 'apagada' por sua inclusão na categoria universal Homem (que tem o homem como parâmetro) ou 'destacada' por sua função especial de musa inspiradora" (FUNCK, 2016, p. 72).

Isso fica muito claro ao lermos *Literary women* (1972), de Ellen Moers, *Feminism and American literary history* (1992), de Nina Baym e *A jury of her peers* (2009), de Elaine Showalter. Na obra de Moers, a autora resgata as literaturas gótica, realista e de viagem; enquanto a obra de Baym tece uma crítica em relação à

exclusão das mulheres das antologias dos "grandes autores" e suas "grandes obras" fabricadas pelos considerados guardiões desse saber. Showalter se dedica, na obra mencionada, a construir uma antologia da literatura de autoria feminina nos Estados Unidos desde o século XVII até o fim do século XX. A recuperação dessa história mostra a riquíssima contribuição das mulheres na formação da literatura, da cultura e da sociedade norte-americanas através de seus textos literários. Como observa a professora Lúcia Osana Zolin:

Tomando como elemento norteador a bandeira do feminismo e, portanto, a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constitui como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura. (ZOLIN, 2012, p. 327)

Além de revisitarem as antologias de literatura norte-americanas a fim de resgatarem a importante contribuição feminina no campo das letras, essas pesquisadoras também se dedicam a reconhecer e estudar as interseções que enunciam as adversidades existentes nas vidas dessas escritoras. Sobre a temática, Showalter, em seu famoso ensaio "Feminist criticism in the wilderness" (1981), afirma:

Uma teoria cultural reconhece que há diferenças importantes entre as mulheres enquanto escritoras: classe, raça, nacionalidade, e história são determinantes literários tão significantes quanto gênero. No entanto, a cultura das mulheres forma uma experiência coletiva dentro do todo cultural, uma experiência que une mulheres escritoras umas às outras no tempo e no espaço.^{1, 2} (SHOWALTER, 1981, p. 197)

Corroborando essa constatação, há, dentro dessa vasta produção literária, para além das obras de autoria feminina, a literatura feminista, objeto desta tese, a qual pode ser definida como a literatura produzida por mulheres com o intuito de levar as "questões femininas" consideradas problemáticas, de sua geração, ao público leitor. Essa literatura, especificamente, possui as seguintes características: revelar o descontentamento da mulher em relação à sua posição na sociedade; convidar o leitor ao pensamento crítico acerca dessa posição; denunciar os abusos

¹ No original: A cultural theory acknowledges that there are important differences between women as writers: class, race, nationality, and history are literary determinants as significant as gender. Nonetheless, women's culture forms a collective experience within the cultural whole, an experience that binds women writers to each other over time and space.

² Todas as citações cujas referências se encontram em língua inglesa são de tradução própria.

que as mulheres sofrem em decorrência de seu sexo³; e propor novas alternativas de ação e superação dos obstáculos encarados por elas. Tais aspectos serão abordados a partir do corpus escolhido para o desenvolvimento desta tese. Proponho-me, assim, a analisar a união entre o movimento e a literatura feministas norte-americanos em suas questões mais urgentes, cujas dimensões ultrapassam a teoria, promovendo uma revolução sociopolítica.

Há, na teoria, uma vasta gama de obras sobre as mulheres. Imaginemos Virginia Woolf, que ao escrever *A room of one's own* (1929), através de uma narradora imaginária, passa aos leitores uma sensação de ressentimento pela falta de livros sobre a história das mulheres escritoras. Caso estivesse viva nos dias de hoje, ficaria ela orgulhosa pela quantidade de obras teóricas e artísticas sobre a vida e a história das mulheres? Vale enfatizar que a maior parte delas são escritas pelas próprias mulheres. Segundo a professora Heloísa Buarque de Hollanda, na coletânea *Tendências e impasses* (1994), os principais compromissos desse resgate são denunciar a crítica patriarcal que permeia a crítica tradicional e desenvolver uma arqueologia literária que traga à tona trabalhos de mulheres que foram silenciadas ou excluídas da história da literatura.

O resgate, tanto da história literária de autoria feminina quanto da história das mulheres, ambas apagadas pelo falso “universalismo” masculino, é de suma importância para que possamos (re)conhecer nossa contribuição para a humanidade e suas áreas de conhecimento. Segundo Susan Friedman, “escrever sobre o passado das mulheres representa uma maneira de reivindicá-lo, de afirmar a autoridade de interpretar seus significados para o presente e para o futuro”⁴ (FRIEDMAN, 1998, p. 214). Para a professora estadunidense, é vital que as feministas insistam em sua presença na academia como produtoras de conhecimento, buscando, inclusive, novas interpretações a partir da história desvelada das mulheres. E indica, ainda, o quanto é essencial a continuação do movimento feminista:

A sobrevivência do feminismo – do feminismo como uma contínua história-em-andamento com um futuro – depende em parte de nossa habilidade de

³ Vale ressaltar aqui que sexo e gênero devem ser considerados categorias distintas, sendo que o sexo se deve à biologia, ou à materialidade corporal, como diz Judith Butler (1999); e o gênero é uma imposição cultural que gera comportamentos ditos femininos ou masculinos.

⁴ No original: Writing about women's past represents a way to claim it, to assert the authority to interpret its meanings for the present and future.

nos propagarmos nas gerações subsequentes e de passar adiante o que nós aprendemos para que não precisemos reinventar a roda a cada nova geração.⁵ (FRIEDMAN, 1998, p. 215)

Levando em consideração a história do movimento feminista a partir de manifestações pelo sufrágio e pela igualdade de direitos trabalhistas perante a lei, a partir do século XIX, é perceptível, na literatura de autoras de ficção e não-ficção, a preocupação com as questões femininas no decorrer do tempo. Vários tipos de opressão sofridos pelas mulheres estão presentes em narrativas ficcionais ou autobiográficas de autoria feminina. Conforme a temporização feita por Elaine Showalter em “Toward a feminist poetics” (1985), a literatura feminina ocidental pode ser dividida em três fases: a feminina, de 1840 até 1880, em que a mulher escritora internalizava a cultura masculina e buscava uma escrita baseada naqueles ideais; a feminista, compreendendo o período de 1880 a 1920, quando a mulher passa a rejeitar a postura acomodada da feminilidade e a falar sobre a “nova mulher”, que percebe as injustiças cometidas contra si; e a fase da mulher, iniciando em 1920, período em que as escritoras começaram a criar sua arte de forma autônoma. Nesse artigo, a teórica também propõe uma Ginocrítica, ou seja, uma forma de crítica literária independente dos paradigmas estipulados pela crítica tradicional masculina. Essa nova crítica seria feita levando-se em consideração as experiências femininas ao analisar a literatura produzida por mulheres.

Segundo a autora Marlene LeGates em *In their time: a history of feminism in the western society* (2001), a chamada “questão da mulher” parte de um questionamento sobre o fato de que homens sempre estiveram associados à esfera pública enquanto as mulheres se mantinham atreladas à esfera doméstica. Essas posições seriam consideradas resultados “naturais”, conforme a narrativa patriarcal, das biológicas feminina e masculina, e não culturais. Como afirma a professora Zolin:

Estudos acerca de textos canônicos mostram inquestionáveis correspondências entre sexo e poder: as relações entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder. (ZOLIN, 2009, p. 217)

O sistema patriarcal é entendido como a base de toda a opressão feminina em nossa cultura e por todas as correntes do movimento, pois o conhecimento e os

⁵ No original: The survival of feminism - of feminism as an ongoing history-in-process with a future - depends in part on our ability to reproduce ourselves in subsequent generations and to pass on what we have learned so that the wheel does not need to be reinvented every generation.

estudos histórico, filosófico, científico, político e artístico sempre foram dominados pelo discurso masculino, considerado universal. De acordo com a socióloga brasileira Heleieth Saffioti, em *Gênero, patriarcado e violência* (2015), o termo patriarcado pode ser definido, nas sociedades modernas, não mais pelo poder exercido pelo pai sobre a família, mas pelo poder masculino na sociedade civil, pelos direitos sexuais que o homem pressupõe exercer sobre a mulher, pela configuração de um tipo hierárquico de relação homem-mulher em todos os espaços da sociedade, por sua base material, por sua corporificação e por ser uma estrutura baseada tanto na ideologia quanto na violência. Ou seja, “um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres” (SAFFIOTI, 2015, p. 111).

Como afirma o filósofo Michel Foucault, em *História da sexualidade: vol. I*, até o século XVIII, a sexualidade foi objeto de controle da igreja nas sociedades modernas ocidentais. A partir do século XIX, a Medicina, a Psicanálise e o Direito passam a deter esse controle, determinando o que é lícito, normal e saudável para os corpos dominados pelo sistema. Portanto, quando a mulher deixou de ser considerada inferior por desejo de Deus ou da natureza, passou a ser inferiorizada biológica e psicologicamente, impedindo o desenvolvimento do feminismo e do pensamento feminista até meados do século XIX. O termo feminismo, como apontam Martin e Williams (2016), só foi cunhado em 1912, porém identificam-se trabalhos com características feministas anteriormente, como observam a seguir:

[Trabalhos] baseados na crença de que mulheres que se declararam participantes capazes e merecedoras do discurso cultural, político, e intelectual têm algo em comum com aquelas de nós que se inserem na definição mais ampla do feminismo atual, a crença de que as pessoas são igualmente merecedoras de direitos e oportunidades independentemente de gênero ou outras categorias de identificação.⁶ (MARTIN; WILLIAMS, 2016, p. xi)

Para a teórica Gerda Lerner em *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens* (2019), não há comprovações históricas de que existem ou existiram civilizações ou culturas matriarcais que se comparem aos moldes patriarcais ocidentais. Mas o que pode ser entendido sobre isso? Isso significa que não há registros de que as mulheres tenham exercido poder sexual, religioso, psicológico, discursivo ou político sobre os homens em algum momento da história

⁶ No original: [...] based on the belief that women who have staked claims for themselves as able and deserving participants in cultural, political, and intellectual discourse have something in common with those of us who subscribe to the broadest present-day definition of feminism, the belief that people are equally deserving of rights and opportunities regardless of gender or other categories of identification.

na cultura ocidental dita “civilizada”. A teórica reitera que “as mulheres ‘fizeram história’, mesmo sendo impedidas de conhecer a própria História e de interpretar a história, seja a delas mesmas ou a dos homens. Foram excluídas da iniciativa de criar sistemas de símbolos, filosofias, ciências e leis” (LERNER, 2019, p. 29).

Em *A dominação masculina*, o filósofo Pierre Bourdieu reitera que nosso modo de pensar, fruto das estruturas históricas da ordem masculina, é produto da dominação. A divisão entre os sexos é a ordem das coisas, sendo tomada como normal e inevitável, e assim apreendemos o mundo com essa arbitrariedade, de cunho social. Como ressalta o filósofo, “a visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do *preconceito desfavorável* contra o feminino, instituído na ordem das coisas” (BOURDIEU, 2012, p. 44, grifo do autor).

O que convencionalmente chamamos de feminismo é uma visão coletiva de mudança política, um corpo de conhecimento, que busca explicar as causas da opressão contra a mulher e apontar soluções para o problema. Em *Feminist theory: form margin to center*, bell hooks afirma de forma assertiva sobre o movimento feminista:

O feminismo é a luta que visa acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar somente algum grupo específico de mulheres, alguma raça ou classe específica de mulheres. E não privilegia mulheres sobre homens. Tem o poder de transformar, de forma significativa, todas as nossas vidas. Mais importante, o feminismo não é um estilo de vida nem uma identidade ou papel prontos onde alguém possa entrar.⁷ (HOOKS, 1984, p. 26)

O movimento feminista pode ajudar a acabar com a guerra entre os sexos. Pode transformar os relacionamentos de forma que a alienação, a competição, e a desumanização que caracterizam as relações humanas possam ser substituídas por sentimentos de intimidade, mutualidade e camaradagem.⁸ (HOOKS, 1984, p. 34)

Esse pensamento de feminismo é amplamente aceito e compartilhado na atualidade assim como sua divisão temporal no que convencionalmente chamamos de ondas. Como observa a estudiosa no assunto Jacilene Maria Silva em *Feminismo na atualidade* (2019), o termo “onda” simplesmente se refere ao momento histórico

⁷ No original: Feminism is the struggle to end sexist oppression. Its aim is not to benefit solely any specific group of women, any particular race or class of women. It does not privilege women over men. It has the power to transform in a meaningful way all our lives. Most importantly, feminism is neither a lifestyle nor a ready-made identity or role one can step into.

⁸ Feminist movement can end the war between the sexes. It can transform relationships so that the alienation, competition, and dehumanization that characterize human interaction can be replaced with feelings of intimacy, mutuality, and camaraderie.

em que houve uma efervescência acentuada de determinadas reivindicações por parte das mulheres que debatiam situações que as incomodavam e, por isso, agiam de forma organizada para que ocorressem mudanças na sociedade, travando uma luta contra o *status quo*. Cada onda tem suas demandas e seus ideais baseados nas gerações de mulheres de cada momento específico, como veremos no primeiro capítulo desta tese. As ondas obviamente são marcadas por diferentes gerações políticas. Antes do século XIX, porém, não se pode falar em movimento feminista, pois o que ocorriam eram casos isolados de mulheres esclarecidas que buscavam alguma forma de libertação feminina ainda sem organização em grupos ou associações.

De acordo com a teórica Imelda Whelehan, em *Modern feminist thought* (1999), o feminismo incorpora muitas teorias em forma de comprometimento político, crítico e ético, visando a valorização da mulher na sociedade. Há várias abordagens teóricas dentro do feminismo enquanto movimento e pensamento políticos, tais como: liberal, socialista, negro, interseccional, lésbico, radical, os quais serão abordados adiante.

Estudar o feminismo sob o ponto de vista literário é lidar com as discussões relativas a diferenças e semelhanças entre as mulheres, no ambiente ficcional, como contribuição para os debates sociais acerca do tema. Para isso, deve-se defini-lo de modo significativo ao longo do tempo. Nesta tese, por meio de um estudo epistemológico do movimento feminista norte-americano e suas influências, procuro aliar a “causa” das mulheres desde o século XIX até a atualidade e a literatura de autoria feminina produzida nos Estados Unidos no mesmo período, a partir de obras ficcionais escolhidas que podem ser lidas como feministas, salientando seu engajamento político.

Por isso ocorre a importância dos estudos feministas e de gênero nas últimas décadas, pois, como observa a teórica Vera Queiroz em *Crítica literária e estratégias de gênero*:

Coube à crítica feminista trazer a questão do gênero à cena do debate desconstrutivista com força de permanência, de modo a redimensionar os enfoques sobre a categoria fundadora na filosofia humanista ocidental relativa ao estatuto do sujeito e da subjetividade. (QUEIROZ, 1997, p. 104)

Segundo a autora Elaine Showalter, foi a partir daí que as escritoras alcançaram uma escrita “livre”, podendo falar do assunto que lhes convém, porém

sem deixar de lado reflexões críticas e sem estabelecimento de argumentos rígidos. (SHOWALTER, 2009).

A crítica feminista, segundo Zolin, é dividida em duas grandes escolas: a anglo-americana e a francesa. Enquanto a primeira segue os caminhos sociológicos no que diz respeito a questões de gênero, classe, raça, experiências, representações literárias e problematizações das relações sociais; a segunda opera nos campos da linguística, da psicanálise, da semiótica e do pós-estruturalismo. O enfoque desta tese será de cunho político-cultural por estabelecer “analogias entre a noção de experiência e a produção literária da mulher”, assim como “analisar a literatura de autoria feminina tendo em vista o contexto histórico-cultural na qual essa produção se insere” (ZOLIN, 2009, p. 229). Como a autora afirma:

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos. (ZOLIN, 2009, p. 218)

Nesta tese, procurarei trazer, no primeiro capítulo, um estudo histórico do movimento feminista estadunidense, seguindo o modelo tradicional subdividindo-o em ondas, mostrando como as mulheres construíram uma tradição filosófica e literária de suas questões. Parte dessa construção foi influenciada, obviamente, pela cultura europeia; por isso, cito algumas autoras inglesas e francesas e alguns acontecimentos europeus importantes para o entendimento do que ocorreu nos Estados Unidos no que diz respeito ao movimento das mulheres sobre sua condição na sociedade americana. Dessa maneira, trata-se de uma pesquisa documental cujo objetivo foi suscitar a fortuna teórica, crítica e literária da história do feminismo nos Estados Unidos através de levantamento bibliográfico.

Antecipada e resumidamente, pode-se dizer que a primeira onda é considerada o momento histórico em que as mulheres lutaram em favor do sufrágio e por seus direitos trabalhistas, entre a metade do século XIX e início do século XX. Na segunda onda, a luta foi por direitos em diversas outras áreas, mas principalmente pelo direito sobre o próprio corpo, especialmente nas esferas sexual e reprodutiva, desde o fim da década de 1960 ao início da década de 1980. A terceira onda começa aproximadamente em 1990 com uma amplitude de reivindicações deixadas de lado anteriormente incluindo o feminismo negro, o de

terceiro mundo e o surgimento do estudo interseccional. Já a quarta onda, ainda sem consenso entre algumas autoras, surge em torno de 2013 e 2014 a partir de denúncias, no ambiente digital, de abusos sexuais e violência contra as mulheres, utilizando o relato pessoal como forma de protesto.

No segundo capítulo, a partir da leitura das obras escolhidas da escritora norte-americana contemporânea Roxane Gay, a saber, seu romance *An untamed state* (2014), seus contos “Things I know about fairy tales” (*Ayiti*, 2011), “Sweet on the tongue” (*Ayiti*, 2018), “La negra blanca” e “I will follow you” (*Difficult women*, 2016), sua coletânea de ensaios *Bad feminist* (2014) e seu livro de memórias *Hunger* (2017), tenho como objetivo analisar uma questão recorrente nessas obras: o estupro, ou a violência sexual, sob o ponto de vista da mulher, que se apresenta como protagonista em sua ficção. A temática é abordada tanto em seus textos ficcionais quanto ensaísticos e biográficos. Tendo em vista que o assunto é uma problemática discutida abertamente pelo movimento feminista atual, busco comprovar um paralelo entre a literatura produzida pela autora Roxane Gay e as reivindicações do movimento feminista contemporâneo no que se refere à busca pelo fim da cultura do estupro que configura um modelo injusto de relação de gêneros na sociedade patriarcal da qual fazemos parte, em um estudo sociocultural no âmbito estadunidense - valorizando a experiência feminina -, assim como biográfico da autora, que se posiciona como ativista política em questões de gênero, sexualidade e estupro, como veremos a partir de entrevistas e ensaios da própria autora.

Concluo esta tese cumprindo o objetivo de comprovar a relação estreita entre a literatura feminista e os movimentos das mulheres por direitos iguais, por liberdade, por dignidade e por reconhecimento de opressões e abusos que sofrem, através da voz de autoras que se posicionam, mesmo que não se intitulem feministas, contra o patriarcado.

1 UMA BREVE GENEALOGIA DO MOVIMENTO FEMINISTA NORTE-AMERICANO E SUA CONSTRUÇÃO TEÓRICA E LITERÁRIA:

1.1. Momentos anteriores à primeira onda:

Why have women passion, intellect, moral activity – these three – and a place in society where no one of the three can be exercised?

Florence Nightingale

A literatura de cunho feminista tem estado presente em obras e documentos há aproximadamente seis séculos. Historicamente, algumas manifestações femininas demonstraram insatisfações sociais e levantaram questionamentos, assim como expressaram desejo de mudança. A italiana que viveu na França, Christine de Pizan (1363-1430), escreveu o que é considerado o primeiro tratado feminista, *O livro da cidade das damas*, de 1405, em que refuta generalizações entre os sexos feminino e masculino e o tratamento inferior dado às mulheres. Pizan também passou por outros gêneros literários, tais como escritos sobre política, história, técnicas militares e religião. No ano de 1429, escreveu o poema “Os feitos de Joana D’arc”, sobre as bravas ações dessa revolucionária mulher. (LEGATES, 2001).

A movimentação historicamente conhecida como *Querelle des Femmes* (Disputa das Mulheres), iniciada em torno de 1400 e durando até o fim do século XVIII, diz respeito a um conjunto de debates intelectuais sobre a “condição feminina”, isto é, discussões críticas sobre o casamento e a família em relação ao Estado, atingindo audiências e recebendo contribuições de vários países tais como Espanha, Inglaterra e França. Segundo LeGates (2001), a partir de estudos com base nas publicações literárias da época, é possível listar mais de 500 contribuições. Essa agitação foi considerada a origem do pensamento feminista sobre política sexual na Europa antes da Revolução Francesa⁹.

⁹ Considerado o marco da transição da Idade Moderna para a Idade Contemporânea. Revolução política da burguesia, economicamente pujante no século XVIII, mas politicamente excluída no Antigo Regime. Assumiu o poder político formal pela revolução e, por meio dela, construiu uma nova sociedade, baseada na ideologia liberal. (SILVA; SILVA, 2009).

Embora mulheres da aristocracia gozassem de certo acesso à educação formal na Baixa Idade Média e no Renascimento, com o aval de familiares masculinos como o pai, o irmão ou o marido, poucas se interessavam pelos estudos ou não possuíam instruções suficientes para expressar seu pensamento acerca da “questão da mulher” na sociedade. A título de exemplo, podemos citar Margaret More Roper (1505-44), filha de Sir Thomas More, que a encorajou a continuar os estudos mesmo depois do casamento, apesar de nunca ter publicado nada. Outro exemplo, no século XVII, foi Margaret Cavendish (1623-73), a Duquesa de Newcastle que, com o apoio do marido, publicou tratados científicos, poemas, peças, cartas e ensaios. (LEGATES, 2001).

Com a Declaração da Independência dos Estados Unidos¹⁰ (1776) e a Revolução Francesa (1789-99), as sociedades norte-americana e europeia passam a reivindicar mais liberdade, o que influencia o pensamento em relação à questão feminina, apesar de excluída dos documentos oficiais. Somente no século XIX o feminismo passou a se organizar com movimentos pelo sufrágio e por igualdade, ecoando em romances, contos e ensaios sobre a questão do descontentamento feminino em relação à sua posição inferiorizada na sociedade da época.

Ainda no século XVIII, destacam-se obras como a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* (1791), de Marie Olympe Gouges, na França, e *A vindication of the rights of woman* (1792), de Mary Wollstonecraft, inglesa que inspirou o pensamento feminista, influenciada pelo pensamento racional cartesiano e pela linguagem do liberalismo político de sua época. No capítulo 2 de sua obra, titulado “The prevailing opinion of a sexual character discussed”, Wollstonecraft se apoia nas ideias de Rousseau e afirma:

A mais perfeita educação, em minha opinião, é um exercício de compreensão mais bem calculado para fortalecer o corpo e formar o coração; ou, em outras palavras, para capacitar o indivíduo a adquirir hábitos de virtude que o tornem independente. Na verdade, é uma farsa chamar de virtuoso qualquer ser cujas virtudes não resultem do exercício de sua própria razão. Essa era a opinião de Rousseau a respeito dos homens: eu a estendo às mulheres.¹¹ (WOLLSTONECRAFT, 2014, n.p.)

¹⁰ Planejada e realizada por seguidores do Iluminismo, como Thomas Jefferson, assim como da movimentação pela Revolução Francesa e da independência da América Latina. O resultado foi que, com essas revoltas tornando-se vitoriosas, o Iluminismo se transformou na base dos novos Estados e da mentalidade emergida desses movimentos. (ISAACS *et al*, 2003).

¹¹ No original: The most perfect education, in my opinion, is such an exercise of the understanding as is best calculated to strengthen the body and form the heart; or, in other words, to enable the individual to attain such habits of virtue as will render it independent. In fact, it is a farce to call any

Wollstonecraft foi uma das responsáveis pelo pensamento da corrente feminista chamada de liberal, cuja ênfase era a promoção dos valores individuais “com a luta pela total igualdade entre mulheres e homens; pode-se falar de um feminismo reformista que conta, por meio de políticas de ação positiva, com a prioridade dada às mulheres para reduzir as desigualdades” (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 147).

Alguns homens esclarecidos também são considerados contribuidores do movimento feminista como forma de auxiliar o progresso social. O reformista social galês Robert Owen (1771-1858) rejeitava a crença de que o casamento devesse funcionar como uma forma de se ter direitos de propriedade sobre a mulher. Essa vertente, chamada de feminismo *owenite*, tem como característica a filosofia socialista utópica¹². A corrente feminista socialista preconizava que “a verdadeira liberação das mulheres só poderá advir de um contexto de transformação global” (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 147).

Outro exemplo é o filósofo britânico John Stuart Mill (1806-1873), o qual era a favor do voto feminino. Publicou a obra ensaística *The subjection of women* (1869) questionando a posição servil a qual as mulheres eram submetidas, principalmente após o casamento. Outro ponto importante é que foi um homem quem cunhou o termo “feminismo” no século XIX (1837), o filósofo francês Charles Fourier (1772-1837), atrelando a emancipação das mulheres ao progresso social, embora não fosse defensor da causa. O termo “feminista” apareceu em língua inglesa em uma publicação na revista americana *De Bow's Review of the Southern and Western States*, em artigo intitulado “Woman and her needs”, em 1852. Na Inglaterra, o termo foi introduzido em torno de 1890, década em que a palavra se populariza.

Em concordância com LeGates (2001), os ganhos para a causa das mulheres refletem seu passado, não seu futuro, pois todo o progresso feito nas leis e na sociedade em relação à questão feminina não foi conquistado ao ser reivindicado, mas dado após um tempo por outras questões políticas que consideravam adequado incluir as reivindicações das mulheres em suas pautas. Historicamente, a

being virtuous whose virtues do not result from the exercise of its own reason. This was Rousseau's opinion respecting men: I extend it to women.

¹² Corrente filosófica socialista francesa entre 1830 e 1850, a qual preconizava uma sociedade em perfeito equilíbrio social e econômico, baseada em linhas cooperativas entre as pessoas. (COOK, 1990).

exclusão das mulheres da autoridade cultural se dava devido à falta de, ou pouco, acesso à educação formal, até o início do século XX.

Nos campos filosófico e literário, podemos citar duas autoras importantes para a contribuição da questão feminina no século XVIII. Judith Sargent Murray (1775-1820), como observa Showalter (2009), é considerada a primeira autora feminista americana, tendo escrito drama, poesia, ensaios e crítica literária com maestria. Em suas obras, questionava a monotonia da vida doméstica e a falta de estímulo intelectual para as mulheres. Ademais, era influenciada por Mary Wollstonecraft no sentido de reivindicar o direito feminino à educação e à liberdade de expressão. Em uma coleção de ensaios publicados na *Massachusetts Magazine*, em 1792, demonstra sua ênfase iluminista na igualdade entre os sexos em todos os âmbitos, incluindo a literatura, propondo mostrar o mérito de uma obra em vez de a identidade ou o gênero do autor. Foi a primeira mulher norte-americana a ter peças encenadas profissionalmente nos Estados Unidos. Foram suas as duas primeiras peças teatrais nascidas e encenadas em solo estadunidense: *The medium* (1795) e *The traveler returned* (1796).

Outro exemplo é Susana Rowson (1762-1824), primeira romancista a produzir um best-seller, titulado *Charlotte Temple* (1794), uma história de sequestro que relata o “mercado” do casamento de jovens garotas, tendo mais de 200 edições publicadas apenas nos Estados Unidos. Atriz, educadora e escritora de romances, peças e poemas, Rowson nasceu na Inglaterra e mudou-se com o pai para os Estados Unidos aos 5 anos de idade. Seu sucesso comercial inspirava jovens aspirantes a escritoras e aumentava o público de leitoras no mercado editorial norte-americano. (SHOWALTER, 2009).

Segundo a especialista Rory Dicker, em *A history of U.S. feminisms* (2016), havia na sociedade ocidental, até o fim do século XIX, o culto à chamada “verdadeira” feminilidade, ou seja, a valorização da pureza, da fé, da domesticidade e da submissão da mulher. A vida doméstica não deveria sofrer interferência da esfera pública. Com uma educação formal mínima ou inexistente não havia como uma mulher conseguir um emprego especializado ou fazer parte da vida política. A situação era conflitante na esfera civil também, pois a mulher solteira tinha mais direitos que as casadas, porém as solteiras sofriam preconceito e carregavam rótulos de solteironas. As mulheres casadas tinham, em média, sete filhos, aos quais deveriam dedicar seu tempo. Por não possuírem representatividade na legislatura,

precisavam seguir leis que não ajudaram a aprovar, pois não tinham sequer direito ao voto. Dessa forma, poucas mulheres com certo privilégio econômico, social e educacional questionavam o status da mulher na sociedade.

A partir de 1820, convicções radicais sobre questões controversas culminaram na criação de movimentos femininos autônomos. O clima político na Europa já era tenso por conta do fim da Era Napoleônica¹³ e das tensões entre ideologias liberais e conservadoras. Logo após a abolição da escravidão no Império Britânico¹⁴ e a ascensão da rainha Vitória na Inglaterra (1837)¹⁵, surge o movimento cartista na Grã-Bretanha (1838-48), que consiste em uma organização de milhares de mulheres em mais de oitenta associações para levantar dinheiro e assinar petições a favor do sufrágio universal, embora pouquíssimos homens apoiassem o direito da mulher ao voto. As mulheres, por outro lado, conseguiram fundar a primeira sociedade registrada a favor do sufrágio feminino em 1851, chamada *Sheffield Women's Political Association*. (LEGATES, 2001).

É nessa década também que cresce o número de mulheres escritoras e editoras no mercado editorial, com revistas, periódicos e jornais voltados para o público feminino. Em 1837, a Faculdade de Oberlin, nos Estados Unidos, passou a admitir negros e mulheres, incentivando seu estudo formal no país, assim como um grupo de faculdades da Costa Leste (The Seven Sisters)¹⁶ passou a oferecer cursos somente para mulheres, dentre elas a Mount Holyoke, em Massachusetts, onde Emily Dickinson estudou de 1840 a 1847.

A partir de 1840, a questão dos direitos de propriedade privada das mulheres casadas se tornou motivo de novas reivindicações por reforma, pois, ao se casarem, as mulheres perdiam direitos de propriedade e herança, os quais iriam automaticamente para os maridos. Mas o ambiente hostil contra reformas políticas e abolicionistas, assim como o apelo pela maternidade, fez com que essa geração

¹³ Período em que Napoleão Bonaparte se nomeou imperador da França (1804) e embarcou em uma série de guerras de invasão territorial pela Europa até sua derrocada em 1815. (ISAACS *et al.*, 2003).

¹⁴ Processo que começou em 1807 com a abolição do mercado internacional de escravos pela Grã-Bretanha e que foi ganhando adeptos pela Europa, apesar das práticas ilegais continuarem. Em 1834, o Império Britânico aboliu completamente a prática. (ISAACS *et al.*, 2003).

¹⁵ Reinou de 1837 a 1901. Foi responsável pelo fortalecimento de valores morais, da família tradicional patriarcal, e do conservadorismo social. Seu reinado também foi marcado pelo grande desenvolvimento industrial e crescimento econômico no país, devido a seu caráter imperialista. (COOK, 1990).

¹⁶ Link: <https://www.mtholyoke.edu/about/history>.

esperasse por um ambiente mais liberal, o que só foi ocorrer ao final do século. Como observa Miriam Shneir, em *Feminism: the essential historical writings* (1994), Margaret Fuller (1810-1850), editora do periódico *The Dial* (1840-44), participante do grupo *New England Transcendentalists* (existente entre as décadas de 1830 e 1850), lançou uma série de encontros chamada *Conversations* (iniciadas em 1839) sobre filosofia para as mulheres de Boston em uma livraria. Além disso, foi a primeira mulher editora de um jornal americano, o nova-iorquino *Tribune* (1846). Segundo o especialista Marcus Cunliffe (1986), Fuller era uma intelectual excepcionalmente inteligente cujos textos ganhavam admiradoras/es, reconhecendo seus escritos por uma assinatura simbólica: um asterisco, já que a anonimidade era uma exigência do jornal. A publicação de seu livro *Woman in the nineteenth century* (1843), hoje considerado uma grande obra feminista nos Estados Unidos, foi considerado imoral na época, apesar da popularidade. É uma obra original que tratava de questões como gênero, amizade, talento e valores sociais e literários, com passagens filosóficas, como a que destacamos a seguir:

Tenho insistido na independência da Mulher com relação ao Homem, não que eu não pense que os sexos precisem mutuamente um do outro, mas porque na Mulher esse fato tem levado a uma devoção excessiva, a qual esfriou o amor, degradou o casamento e impediu cada sexo de ser o que deveria ser para si mesmo ou para o outro.

Eu desejo que a Mulher viva, *primeiramente* em nome de Deus. Então ela não irá considerar um homem imperfeito o seu deus, e assim afundar na idolatria. Então ela não irá tomar para si o que não lhe servir por sentimento de fraqueza e pobreza.¹⁷ (FULLER, 2005, p. 67, grifo da autora)

A movimentação em relação à condição da mulher entre os séculos XVIII e XIX nos Estados Unidos esteve bem atrelado ao movimento abolicionista, no qual muitas mulheres se envolveram. Pertencentes a uma abastada família sulista, as irmãs Sarah (1792-1873) e Angelina Grimké (1805-79) presenciavam as injustiças cometidas contra os escravos e resolveram se mudar para a região Norte, onde passaram a escrever e a fazer discursos sobre a causa, que se tornaram populares, em igrejas do círculo Quaker. Outra abolicionista que se destacou foi Lucy Stone (1818-93), que lutava pelos direitos femininos. Nascida em New England, de família rica, também percebia a educação diferenciada dada a seus irmãos. Ingressou na

¹⁷ No original: I have urged on Woman independence of Man, not that I do not think the sexes are mutually needed by one another, but because in Woman this fact has led to an excessive devotion, which has cooled love, degraded marriage, and prevented either sex from being what it should be to itself or the other. I wish Woman to live, *first* for God's sake. Then she will not make an imperfect man her god, and thus sink to idolatry. Then she will not take what is not fit for her from a sense of weakness and poverty.

Oberlin College após ter conseguido economizar dinheiro trabalhando por nove anos. Após se formar, quando se tornou professora, viu-se desempenhando o mesmo cargo que seus irmãos e ganhando a metade do salário. Suas primeiras experiências a fizeram se descrever como uma mulher desapontada, afirmando que a desilusão é o terreno feminino nos campos da religião, da educação e do casamento. Por isso, comprometeu-se com o feminismo e com a luta para a elevação de seu sexo. Juntamente com seu marido, Henry Blackwell, também abolicionista e defensor da causa feminina, fundou o *Woman's Journal*. Em 1838, Sarah Grimké publica *Letters on the equality of the sexes* (1838), sobre a questão da submissão da mulher sob um ponto de vista histórico. (LEGATES, 2001).

Ainda segundo LeGates (2001), pode-se definir o movimento a favor da “questão da mulher”, anterior à primeira onda, de acordo com alguns elementos que o impediam de se tornar um movimento único e organizado: o fato de estar aliado a outros movimentos reformistas, a fim de legitimar suas reivindicações; o fato de as participantes provirem de diferentes contextos, não compartilhando uma cultura ou herança em comum, pois quem conseguia voz pertencia, normalmente, às classes média e alta e falava em nome de todas, não levando em consideração as diferenças raciais, econômicas e sociais que também se tornaram questões de luta naquele século; e a ampla variedade de preocupações com o passar dos anos, perdendo o foco de uma agenda definida. A reivindicação por liberdade sexual deu lugar ao desejo de independência econômica que, por sua vez, foi substituído pelo apelo a uma posição idealizada e “privilegiada” da mulher dentro da família, o que desiludiu boa parte das feministas. Além disso, deve-se considerar o fato de que as mulheres citadas eram apenas uma minoria, não conseguindo popularidade ou apoio daquelas que não desejavam abdicar da segurança da vida doméstica em nome da liberdade.

1.2. A primeira onda e a luta pelo sufrágio

We are persons; native, free-born citizens; property-holders; tax payers; yet are we denied the exercise of our right to the elective franchise.

Elizabeth Cady Stanton

O ano de 1848 foi considerado um marco histórico por conta de uma virada cultural nas regiões europeia e norte-americana, com a publicação do Manifesto Comunista, a ocorrência de revoluções na Europa¹⁸ e a Convenção de Seneca Falls nos Estados Unidos, o que marca o início da movimentação coletiva pelos direitos das mulheres com o documento *Declaration of rights and sentiments*, conseguindo a adoção de 12 resoluções que se baseavam na ideia da igualdade entre os sexos perante a lei, tendo seus direitos garantidos. (LEGATES, 2001).

Tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, o feminismo era associado a movimentos de reforma política. As pautas se interligavam e se confundiam entre sufrágio, abolicionismo, reformas trabalhistas e legais. Porém, o movimento abolicionista também foi um propulsor do movimento feminista nos Estados Unidos, como citado anteriormente.

O encontro anual *National Women's Right Convention*, iniciando em 1850, reivindicava a liberdade de escolha para as mulheres em todas as esferas, principalmente o direito ao voto, argumentando que uma metade da população não pudesse resolver a vida da outra. No primeiro encontro, ocorrido em Worcester, Massachusetts, estava uma ex-escrava do estado de Nova Iorque, mãe de treze filhos vendidos no mercado escravo, que ganhou a liberdade em 1827. Após trabalhar como empregada doméstica por alguns anos, decidiu testemunhar contra as injustiças cometidas contra seu povo. Segundo Miriam Schneir em *Feminism: the essential historical writings*, (1994), Sojourner Truth (1795-1883) em pouco tempo se tornou conhecida e falava em locais onde conseguia reunir um grupo considerável de pessoas. Nunca aprendera a ler ou escrever, mas possuía o dom do discurso. Identificava-se com a condição feminina e foi a única mulher negra presente na *First National Woman's Rights Convention* (1850), em Akron, Ohio, onde ministrou seu mais famoso discurso "Ain't I a woman?", transcrito por Frances Gage, que presidiu o encontro. Sua fala questionava as diferenças existentes tanto entre as mulheres brancas e negras quanto entre mulheres e homens. Em 1853, em outro discurso – "What time of night it is" -, em *Woman's Rights Convention*, em Nova Iorque, falou sobre os direitos femininos usando passagens bíblicas. Tornou-se reconhecida

¹⁸ Ano de revoltas na França, na Alemanha, na Itália, na Rússia e na Hungria por mudanças políticas com a finalidade de estabelecerem repúblicas, por eleições e por sufrágio. (ISAACS *et al.*, 2003).

simbolicamente como líder dos direitos das mulheres negras e escravizadas. (SCHNEIR, 1994).

Em conformidade com Showalter, “a década de 1850 é considerada a década do renascimento literário e político das mulheres, por ter sido uma década de agitação e organização” (2009, p. 72). Nessa década, o romance era o gênero literário dominante nos Estados Unidos e uma das formas mais efetivas de influência cultural e de opinião pública. As oportunidades eram maiores para as romancistas do que para as poetisas, pois o prosaísmo do romance doméstico era muito popular. Unindo literatura e militância, podemos citar o romance pró-sufrágio *Delia's doctor: or, A glance behind the scenes* (1852), de Hannah Gardner Creamer. A obra apela para o direito das mulheres ao voto, para a escolha de uma profissão e para o estudo em sua área de escolha.

Nina Baym (1998) ressalta que a literatura produzida por mulheres em meados do século XIX era vasta e envolvia livros pedagógicos, religiosos, infantis, culinários, poesias, peças teatrais, crônicas, traduções, conselhos, diários, cartas, ensaios, editoriais e jornais, além, evidentemente, de contos e romances.

Ainda nessa década, um novo impulso fez com que as mulheres deixassem de se unir a outros movimentos e passassem a se posicionar definindo seus objetivos, atacando questões como o monopólio masculino sobre a educação, a cultura, a economia, a moral sexual e a política. Nesse período, as leis americanas ainda davam aos maridos direitos sobre as propriedades das mulheres, podiam negar seu acesso à educação e ao trabalho, além de serem seus representantes na política e seus guardiões legais. Outra questão levantada foi a custódia dos filhos que, em caso de divórcio, era direito apenas do pai. Consequentemente, as mulheres casadas eram a maioria das feministas e a querer reformas. O resultado foi uma série de campanhas que atacavam essas leis. A autonomia pessoal era o principal objetivo dessa nova geração.

Em 1860, a passagem do *Married Women's Property Act* dava às mulheres o direito à custódia dos filhos, à manutenção de seus rendimentos, à herança de propriedades familiares e à escrita de seus próprios testamentos. No ano de 1866, abolicionistas e mulheres ativistas formaram o *American Equal Rights Association*, porém ficou claro para as mulheres que o congresso privilegiaria apenas os homens, pois foi incluído na constituição o termo cidadão “masculino”, como possuidor de direitos universais. (DICKER, 2016).

A sociedade puritana¹⁹ associava a iniciativa e o prazer sexual aos homens, e a maternidade e o recato às mulheres. Para as novas ativistas feministas, a maternidade voluntária se torna uma questão amplamente discutida na década de 1860 nos Estados Unidos. O controle da natalidade já era praticado em algumas culturas como, por exemplo, em alguns países europeus entre os séculos XVII e XVIII e entre as populações afro-americanas, principalmente por mulheres escravizadas. Sobre esse tema, Harriet Jacobs em *Incidents in the life of a slave girl* (1861), relata a vulnerabilidade de uma mulher negra que sofre abusos sexuais por parte do senhor no contexto de uma sociedade escravocrata.

Durante a Guerra Civil²⁰ (1861-65), outras prioridades fizeram com que a literatura e as discussões sobre gênero dessem uma declinada, mesmo que com algumas representantes ainda ativas. A guerra marcou, nas artes, uma virada do sentimentalismo para o realismo, de assuntos domésticos para temas mais variados sobre a sociedade, assim como a busca por mais autoexpressão e engajamento político. O fim da guerra foi um grande incentivo para o ativismo feminino por encorajar a formação de associações de ajuda formadas por mulheres pela abolição da escravidão. As mulheres passaram a reivindicar, então, o direito a uma carreira profissional, o controle sobre seu próprio corpo, melhores salários, assim como a questionar a carga de trabalho doméstico. Reformistas responderam favoravelmente a esse apelo em relação à emancipação feminina como forma de garantir a continuação de um avanço econômico devido à Revolução Industrial. (SHOWALTER, 2009).

Após a Guerra Civil, o casamento e a dependência financeira passaram a ser considerados os principais instrumentos de opressão feminina. A individualidade feminina era suprimida e seu comportamento devia estar de acordo com o ideal masculino. Na década de 1870, o movimento pelo sufrágio volta com força após a guerra. Outro fator marcante da época foi o estabelecimento do Oeste e a maior

¹⁹ Os Puritanos eram protestantes ingleses extremistas não-separatistas que buscavam a reforma da Igreja Anglicana de forma radical. Assim como vários outros grupos, muitos migraram para os Estados Unidos, instalando-se em Plymouth Colony no século XVII. Seu conservadorismo moldou a cultura estadunidense até o século XIX. (ISAACS *et al.*, 2013).

²⁰ Guerra travada entre os estados do norte e do sul dos Estados Unidos. O norte industrializado almejava a abolição da escravidão, enquanto que o sul utilizava mão de obra escrava em suas plantações, desejando a separação do país. A guerra dentro do território americano resultou em mais de 600 mil mortos, com a derrota dos estados sulistas. (ISAACS *et al.*, 2003).

liberdade dada às mulheres nessa parte do país, onde elas tiveram o direito ao sufrágio em primeiro lugar, estado a estado, como salienta Valerie Sanders em seu artigo “First wave feminism”:

Diferentes legislações estaduais passaram medidas de reformas independentes do governo central. Assim, as mulheres de Wyoming e Utah conquistaram o voto em 1869 e 1870, respectivamente, enquanto que as mulheres dos estados do Norte permaneceram sem o direito ao voto até 1920. Uma vez estimuladas, as campanhas feministas americanas procederam em diferentes proporções por todo o país, buscando reformas.²¹ (SANDERS, 2006, p. 21)

Conforme SCHNEIR (1994), duas ativistas do final do século XIX merecem destaque na história da primeira onda do feminismo por lutarem e reivindicarem os direitos das mulheres. São elas: Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), filha de um juiz de direito e casada com um advogado, foi uma das mulheres que deu início ao *Seneca Falls Convention* e se tornou uma das mais importantes ativistas do movimento feminista de sua época, sendo coeditora do jornal *The Revolution*, notava as limitações das convenções e das reivindicações de caráter meramente reformista. Em 1890, avaliando as propostas do *National American Woman Suffrage Association*, percebeu que questões como propriedade e política eram plataformas muito superficiais para um movimento que deveria discutir a ampla extensão da distinção entre os sexos e da experiência humana. Foi eleita a primeira presidente da associação. Em seus discursos “Womanliness” (1880) e “Solitude of self” (1892), discute questões como o que é ser mulher e qual é o suposto comportamento que se espera de uma mulher na sociedade, além de apontar a questão feminina como uma questão de cidadania. Ela deve ser considerada em sua individualidade, receber educação formal e se emancipar das amarras sociais que a prendem a situações de dependência.

A segunda ativista citada por Schneir (1994) é Susan B. Anthony (1820-1906), de origem Quaker, professora escolar desde os 15 anos de idade e participante de convenções pela causa feminina e pelo sufrágio. De 1868 a 1870, publicou o jornal semanal *The Revolution* no qual discutia assuntos controversos como prostituição, divórcio e o papel da igreja na subjugação da mulher, além de apoiar a causa trabalhista feminina. Após esse período, discursava em favor do poder político e da

²¹ No original: [...] different state legislatures passed reform measures independently of the central government. Hence the women of Wyoming and Utah had the vote in 1869 and 1870 respectively, whereas women in the northern states remained unenfranchised until 1920. Once activated, American feminist campaigns proceeded at different rates around the country towards reforms.

independência financeira para as mulheres. Foi presa e condenada em 1873 por incentivar mulheres a irem aos locais de votação para tentarem votar durante as eleições presidenciais de 1872.

Em 1873, a escritora americana Louisa May Alcott, mais conhecida pelo clássico *Little women* (1868), publicou um romance semiautobiográfico, intitulado *Work: a story of experience*, em que apresenta a história de uma jovem mulher que, assim como ela, passa por várias experiências de trabalho. A protagonista Christie Devon, ao atingir a idade adulta, decide deixar a casa da família adotiva, declarando sua própria independência, para trabalhar em vez de se contentar com um casamento como destino único.

A história se concentra nos anos anteriores e posteriores à Guerra Civil, período em que as mulheres conseguiram algumas posições de trabalho em consequência da falta de mão de obra masculina no mercado. No romance, o primeiro emprego de Christie foi como criada em uma casa de família abastada. No início, sentiu-se bem pela comodidade do lugar, mas percebendo que sua posição era semelhante a de um membro da família que se dedica àquelas pessoas sem nada em troca, questiona sua escolha. Além disso, percebe-se passando por situações humilhantes por ser uma empregada. Decide, então, ir em busca de outra colocação.

Christie passa por uma sucessão de empregos: atriz - assim como Alcott -, governanta, acompanhante e costureira. Em cada trabalho, ela aprende algo novo, como novas habilidades e lições de vida. Enquanto trabalhava como costureira, faz amizade com Rachel, uma mulher considerada “perdida na vida” que havia, inclusive, tentado o suicídio. Quando mais tarde Christie passa por uma situação de desespero por estar desempregada, e considerando também o suicídio, Rachel a salva. Fica estabelecida uma amizade entre as duas.

No decorrer da trama, a personagem principal se casa e tem um filho com um homem chamado David, irmão de Rachel, que é morto por ferimentos de guerra. Em seu leito de morte, David se dirige a ela, incentivando que continue a trabalhar: "Você fará a minha parte, e fará melhor do que eu poderia. Não lamente, minha querida, mas trabalhe; pois no fim será confortada"²² (ALCOTT, 2003, p. 282). Desse

²² No original: You will do my part, and do it better than I could. Don't mourn, dear heart, but work; and by and by you will be comforted.

modo, Christie resolve voltar a trabalhar e não viver da pensão deixada pelo marido. Em um momento da trama, ela faz um discurso em um encontro de mulheres, exaltando o valor do trabalho feminino e da busca pela emancipação das mulheres:

Talvez seja essa a tarefa pela qual minha vida me convém [...]. Uma grande e nobre tarefa que eu deveria ter orgulho de aceitar e ajudar a realizar, se puder. Outras terminaram o trabalho de emancipação e o fizeram esplendidamente, mesmo à custa de todo esse sangue e tristeza [...]. Essa nova tarefa parece me oferecer a chance de estar entre as pioneiras, fazer o trabalho duro, compartilhar a perseguição e ajudar a estabelecer os alicerces de uma nova emancipação cujo feliz sucesso nunca poderei ver.²³ (ALCOTT, 2003, p. 297)

Além de ser um elogio ao trabalho feminino, a obra também é uma história de amizade, casamento entre iguais e não por conveniência, coragem e empatia. A irmandade entre mulheres é exaltada de forma idealizada, como podemos perceber em uma cena no final da narrativa:

Com um gesto impulsivo Christie estendeu suas mãos às amigas a seu redor, e em harmonia elas lhe deram as mãos, uma afetuosa liga de irmãs, velhas e jovens, negras e brancas, ricas e pobres, todas prontas para fazer sua parte e antecipar a vinda do final feliz.²⁴ (ALCOTT, 2003, p. 305)

A respeito do romance, o teórico Richard Gray, em *A history of American literature* (2012), observa que *Work* é uma celebração da liberação feminina e do trabalho de muitas maneiras, incluindo a libertação experimentada no, e a partir do, trabalho de escrita.

Logo, o romance, além de ser um manifesto a favor do trabalho feminino, funciona como uma manifestação de várias questões feministas expressas de forma utópica, como assinala Madeleine Stern (1984): *Work* é uma expressão dos princípios feministas de Alcott e um esforço para sintetizar de maneira popular e legível o amplo conjunto de crenças que abrangem a família, a educação, o sufrágio, o trabalho e a reforma moral da vida social que definiu a ideologia feminista no século XIX.

Em 1880 ocorre a formação do *National American Woman Suffrage Association*. A “nova mulher” (termo cunhado pelo *North American Review*, em 1894)

²³ No original: Perhaps this is the task my life has been fitting me for [...]. A great and noble one which I should be proud to accept and help accomplish if I can. Others have finished the emancipation work and done it splendidly, even at the cost of all this blood and sorrow. [...] This new task seems to offer me the chance of being among the pioneers, to do the hard work, share the persecution, and help lay the foundation of a new emancipation whose happy success I may never see.

²⁴ No original: With an impulsive gesture Christie stretched her hands to the friends about her, and with one accord they laid theirs on hers, a loving league of sisters, old and young, black and white, rich and poor, each ready to do her part to hasten the coming of the happy end.

passa a rejeitar papéis tradicionais de gênero, buscando redefinir a sexualidade feminina e afirmar seu direito por educação superior e por uma profissão, assim como a buscar novas atitudes em relação aos padrões sexuais e à sexualidade feminina.

Como já mencionado anteriormente, o feminismo liberal buscava conceder à mulher direitos que os homens possuem “naturalmente”, baseando-se na liberdade individual, na igualdade e nos direitos humanos. Dentro do movimento feminista, tal pensamento é influência clara de Mary Wollstonecraft. A direção dessa vertente é a reforma no sentido de igualdade e acesso igualitário a questões de mérito pessoal, atacando o *status quo* patriarcal. De certa forma, essa tendência ignora questões como a existência de fatores sociais e culturais que impossibilitam certos grupos de mulheres de alcançarem meios de atingir sucesso apenas com autonomia individual. (SCHNEIR, 1994).

Entre 1909 e 1912, milhares de trabalhadoras da indústria têxtil entraram em greve por melhores salários e protestaram, principalmente, nas ruas de Nova Iorque e Chicago. Várias foram presas e entraram em greve de fome, sendo presas e até mesmo torturadas. Muitas perderam suas famílias e seus empregos. (LEGATES, 2001).

Novamente na área da produção literária, segundo Showalter (2009), a literatura da nova mulher a partir da década de 1890 passou a explorar o realismo no romance e no conto, assim como a experimentar técnicas inovadoras que seriam consagradas no modernismo, tais como o fluxo de consciência, diferentes pontos de vista na narrativa e trechos fragmentados. Tematicamente, muitas das obras abordavam a transformação social da época.

Podemos citar uma escritora hoje considerada clássica da literatura feminista da primeira onda. A norte-americana Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) foi uma das principais escritoras feministas da época. A partir da década de 1900, as editoras passaram a ser menos receptivas às suas obras, o que a levou a criar sua própria revista, *The Forerunner*, em 1909, na qual publicava poemas, ensaios, romances e contos. (SHOWALTER, 2009).

Seu conto emblemático, *The yellow wallpaper* (1892), narra a passagem de uma mulher casada, que parece se chamar Jane, de um estado de depressão pós-parto para a insanidade em um período de três meses em uma casa isolada. Sabe-se, no início do conto, que seu marido John aluga a casa para que a esposa se

recupere da melancolia. Assim, ela se vê afastada de seu lar, de sua filha recém-nascida e de seus familiares, ficando sob os cuidados da cunhada, Jessie, e do marido, que também é médico, o qual subestima o estado emocional da esposa. Seu médico, Dr. S. Weir Mitchell, recomenda repouso e distância da leitura e da escrita, propondo a chamada *rest cure* (cura pelo descanso), método utilizado pela comunidade psiquiátrica da época para tratar as histéricas e melancólicas. Porém, “Jane” se sente solitária e passa a escrever secretamente em um diário.

Várias coisas a incomodam na casa, em particular o papel de parede do quarto onde a personagem principal está instalada. No início, ela o considera feio, mas conforme o tempo vai passando e sua condição interior vai piorando, o papel ganha movimento, figuras e mensagens subliminares. A descrição do papel de parede como algo repelente em um ambiente fechado e estranho passa a ser associado à própria personagem que, em situação ociosa, passa a desenvolver uma fixação pelo objeto, imaginando que por trás da imagem principal há uma mulher prisioneira. Segundo a protagonista, o desenho se move e modifica de acordo com a luz, seja a do sol ou o luar, criando assim um clima de tensão e terror na narrativa, como percebe-se a seguir:

Às vezes eu acho que há várias mulheres atrás, e às vezes uma só, e ela rasteja rapidamente, e o rastejar sacode tudo. Então nos pontos muito claros ela fica quieta, e nos pontos muito escuros ela segura as barras e as chacoalha com força. E ela, a todo momento, tenta atravessar. Mas ninguém conseguiria atravessar a ilustração – ela estrangula tanto; acho que por isso há tantas cabeças.²⁵ (GILMAN, 2016, p. 26)

Ao final do conto, “Jane” resolve libertar a mulher do papel de parede, a qual a narradora já vê em sua imaginação, alucinando sua figura inclusive nas janelas da casa. Suas alucinações culminam em uma crise nervosa ao arrancar o papel de parede do quarto todo, acreditando libertar a tal figura, que, na verdade, representa a si mesma. Dessa forma, a personagem, “protegida” e aprisionada, simboliza a condição feminina consequente dos papéis de gênero do século XIX, como apontam Azra Ghandeharion e Milad Mazari em “Women entrapment and flight in Gilman’s ‘The yellow wallpaper’”:

²⁵ No original: Sometimes I think there are a great many women behind, and sometimes only one, and she crawls around fast, and her crawling shakes it all over. Then in the very bright spots she keeps still, and in the very shady spots she just takes hold of the bars and shakes them hard. And she is all the time trying to climb through. But nobody could climb through the pattern - it strangles so; I think that is why it has so many heads.

A trágica verdade para a qual Gilman aponta o dedo é de que não apenas a narradora mas também todas as outras mulheres de alguma forma internalizavam e compartilhavam os valores patriarcais como uma parte normal e natural de suas vidas.²⁶ (GHANDEHARION; MAZARI, 2016, p. 121)

Dessa maneira, o conto simboliza a preocupação da autora sobre quesitos muito questionados na primeira onda do movimento feminista por denunciar o aprisionamento feminino no âmbito doméstico, ou seja, a ociosidade da mulher de classe média e o fato de a capacidade mental masculina ser considerada superior à da feminina, nas figuras do médico e do marido, que aqui se fundem. O conto é também autobiográfico, por ter acontecido situação semelhante à autora, inclusive o nome do médico é o mesmo, o qual abandona a terapia chamada de cura pelo repouso após a leitura do conto e do fracasso do tratamento com a própria Gilman. Em prefácio à edição de 1913, titulado “Why I wrote the yellow wallpaper”, a autora explica os motivos que a levaram a escrever o conto e alerta para os perigos da ociosidade em casos de melancolia.

Nesse sentido, o discurso científico também é colocado em xeque. Com o advento do discurso psicanalítico no fim do século XIX, a mulher passa a ser “histericizada”. Em *The female malady*, Showalter afirma que “ao final do século [XIX], ‘histérica’ tinha se tornado intercambiável com ‘feminina’ na literatura, onde representava todos os extremos da emotividade”²⁷ (1987, p. 129). E, como veremos adiante, não foi apenas nesse século que a mulher era considerada “histérica” ou “louca” em decorrência de seu comportamento ou de seus sentimentos “anormais”; não foi apenas nesse século que a mulher foi confinada. E assim como as personagens dos romances, muitas escritoras e leitoras passaram pela *rest cure* ou foram internadas em instituições psiquiátricas nos séculos XIX e XX, como as escritoras Charlotte Perkins Gilman, Virginia Woolf, Sylvia Plath e Susanna Kaysen, das quais falaremos a seguir.

Para Michel Foucault, o corpo da mulher, que fora analisado, qualificado e desqualificado, era concebido como um corpo saturado de sexualidade. Exigia-se desse corpo a fecundidade, a funcionalidade e a responsabilidade biológico-moral

²⁶ No original: The tragic truth that Gilman has pointed a finger to is that not only the narrator but also all the other women have somehow internalized and shared the patriarchal values as a normal and natural part of their lives.

²⁷ No original: By the end of the century, “hysterical” had become almost interchangeable with “feminine” in literature, where it stood for all extremes of emotionality.

perante a sociedade e a família. Dessa forma, “a Mãe, com sua imagem em negativo que é a ‘mulher nervosa’, constitui a forma mais visível desta histerização” (1988, p. 99). Em *Women’s realities, women’s choices*, Bates *et al.* afirmam que:

Embora a ciência esteja enquadrada em uma linguagem de racionalidade e objetividade, a aparente neutralidade com a qual ela fala e através da qual ela ganha autoridade esconde seus pressupostos. Porque a ciência tem sido usada com frequência a serviço da subordinação das mulheres, revelar suas tendenciosidades culturais tem sido um importante projeto feminista.²⁸ (BATES *et al.*, 2005, p. 85)

Outra autora que possui um célebre romance visto como uma obra prima do feminismo é Kate Chopin. A obra *The awakening* (1899) foi julgada como amoral e desagradável na época de sua composição por retratar uma mulher fora do padrão de uma mulher “de família”, casada e com filhos. *The awakening* passou a ser considerado um ícone da literatura norte-americana e feminista a partir da década de 1960, com o advento da segunda onda do movimento feminista. Hoje a autora é descrita como uma das precursoras do feminismo literário estadunidense. Apesar de ser uma escritora representativa do sul com contos classificados como literatura de cor local, *The awakening* apresenta um estilo híbrido entre naturalismo, realismo e pré-modernista modernista por seu impressionismo, tratando da complexidade das estruturas sociais e do psiquismo humano.

The awakening é o segundo romance da autora, retratando a mulher como indivíduo possuidor de vontade própria, a despeito da sociedade conservadora e tradicionalista sulista norte-americana do século XIX. A personagem principal, Edna Pontellier, casada, mãe de dois filhos, se envolve com um jovem charmoso, Robert, que percebe a inconveniência de se envolver com uma mulher comprometida e foge para o México. Em uma passagem, em discussão com Robert, Edna demonstra sua revolta em ser considerada uma propriedade masculina e desabafa:

Você tem sido um menino muito, muito tolo, perdendo seu tempo sonhando coisas impossíveis quando fala de o Sr. Pontellier me libertar! Já não sou uma das propriedades do Sr. Pontellier para ser ou não descartada. Eu me entrego a quem eu quero. Se ele chegasse a dizer, “Ei-la, Robert, tome-a e seja feliz; ela é sua”, eu riria de ambos.²⁹ (CHOPIN, 2008, p. 113)

²⁸ No original: Although science is framed in a language of rationality and objectivity, the apparent neutrality with which it speaks and through which it gains authority conceals its cultural assumptions. Because science has so often been used in the service of women’s subordination, revealing its cultural biases has been an important feminist project.

²⁹ No original: You have been a very, very foolish boy, wasting your time dreaming of impossible things when you speak of Mr. Pontellier setting me free! I am no longer one of Mr. Pontellier’s possessions to dispose of or not. I give myself where I choose. If he were to say, ‘Here, Robert, take her and be happy; she is yours,’ I should laugh at you both.

Edna, após essa decepção amorosa, se vê dividida entre a maternidade e o desejo de liberdade para viver sua paixão. Em consequência disso, decide tomar atitudes mais ativas em sua vida e se dedica aos filhos, afastando-se da vida em sociedade. O marido, Léonce, previsivelmente, suspeita de desequilíbrio mental e chama um médico. A amiga Adèle, ao longo da narrativa, sempre a pressiona a pensar nos filhos e em seu papel como mãe.

Com uma viagem de Léonce e o afastamento de seus filhos, Edna fica sozinha por um tempo, ponderando sobre sua vida, quando conhece e se envolve com outro homem, Alcée. Pela primeira vez na trama, a protagonista é descrita como um ser possuidor de desejo sexual; entretanto não segue adiante nesse relacionamento. Notícias sobre Robert e um breve contato com ele a fazem ter esperanças sobre o primeiro amante. Este, porém, apesar de amá-la, decide ir embora para sempre. Edna se suicida no Golfo do México, em cujas praias costumava nadar e se refrescar, inclusive à noite.

A solidão da mulher e as amarras de seus papéis sociais contrastam com o desejo de independência e liberdade de Edna. Envolvimento amoroso e envolvimento físico são as escolhas de Edna após o despertar de sua consciência. A sociedade da qual Edna faz parte não é apropriada para uma mulher como ela: em busca por identidade, emancipação pessoal e sexual. A morte pode ser interpretada como uma outra escolha de Edna, pois exerce sua liberdade de partir ao se recusar a continuar vivendo em uma sociedade opressora.

Segundo Elaine Showalter (2007), essa obra revolucionária é considerada o primeiro romance da tradição feminina americana bem-sucedido escrito por uma mulher norte-americana, tendo sido banido na cidade de origem da autora (St. Louis) e censurado pela imprensa nacional na época de sua publicação. Ademais, a obra representa a inovação e a liberdade de composição artística desejada pela própria Kate Chopin como escritora local, buscando projetos mais ambiciosos. Apesar de não ser ativista e nunca ter participado do movimento sufragista feminino, rejeitava as convenções literárias seguidas por autoras de seu tempo. “Onde trabalhos anteriores ignoravam a sexualidade ou a espiritualizavam através da maternidade, *The awakening* é insistentemente sexual, explicitamente envolvido com o corpo e

com o autoconhecimento através da conscientização física”³⁰ (SHOWALTER, 2007, p. 15). Chopin se expôs à crítica negativa, caindo no ostracismo antes de sua morte cinco anos mais tarde.

Como falar de desejo, liberdade e sexualidade poderia ser algo tão subversivo para uma mulher? Foucault, no primeiro capítulo de *História da sexualidade*: vol. 1, intitulado “Nós, vitorianos”, afirma que:

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. [...] Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão. (FOUCAULT, 1988, p. 11-12)

Isso mostra que a colocação da sexualidade feminina no discurso literário, realizada por uma mulher, em plena virada do século, em uma sociedade repleta de cacoetes puritanos, não passaria pelo crivo conservador da tradição literária do *fin-de-siècle*. *The awakening* só seria retomada e reinserida na história da literatura estadunidense muitas décadas depois, quando um novo olhar é lançado para obras produzidas por escritoras norte-americanas que foram invisibilizadas por sua ousadia.

As três obras ficcionais aqui destacadas nos mostram o quanto a literatura feminista do fim do século XIX objetivava uma tomada de consciência da sociedade no sentido de considerar a mulher um ser humano completo e complexo que deveria ser tratado de igual para igual. Além disso, caberia não só aos homens, mas às próprias mulheres buscarem essa liberdade de pensamento através de seus atos, o que as escritoras faziam a partir da literatura. Nina Baym (1978) salienta que o dilema de muitas heroínas desses romances ou contos eram os maus-tratos, a iniquidade, a desvantagem sexual e a falta de poder – recorrentes injustiças ocasionadas por seu *status* como mulher.

De acordo com Foucault (1988), o poder deve ser entendido como uma “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem” (1988, p. 89), originado nas hegemonias sociais; “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 89), é

³⁰ No original: [...] where previous works ignored sexuality or spiritualized it through maternity, *The Awakening* is insistently sexual, explicitly involved with the body and with self-awareness through physical awareness.

onipresente, possui efeito de conjunto. Ainda segundo o filósofo francês, o poder gera resistência, conforme enfatizado em:

Não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa — alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 91)

Dois outras ativistas merecem destaque por suas contribuições para a causa. Uma delas é Emma Goldman (1869-1940), judia, russa e divorciada de um breve casamento, que migrou para os Estados Unidos na adolescência. Acreditava na liberdade individual, baseada nas ideias anarquistas, não sendo necessárias leis para isso. Reconhecia e condenava a exploração sexual de mulheres, comparando o casamento à prostituição. Acreditava que todas as pessoas deveriam ter o direito de escolher seus parceiros sexuais sem a sanção da Igreja ou do Estado. Publicava ensaios sobre anarquismo, socialismo, ética, feminismo e comunismo. A outra é Margaret Sanger (1883-1966), que escreveu *Woman and the new race* (1920). Trata-se de uma obra argumentativa que defende o direito da mulher de controlar seu próprio corpo através do uso de métodos contraceptivos. (SCHNEIR, 1994). A maternidade voluntária seria a chave para a liberdade. Em 1914, ela cunha o termo “controle de natalidade” como alternativa ao número de abortos induzidos que causavam mortes de várias mulheres. Em seu panfleto *Family limitation*, explica vários métodos contraceptivos. Mais tarde, abriu uma clínica de controle de natalidade e até hoje organizações como esta existem nos Estados Unidos. (SILVA, 2019).

Para as feministas, o controle de natalidade representava uma questão paradoxal: por um lado, significava liberdade sexual e controle sobre a reprodução; em contrapartida, o uso de métodos contraceptivos significava facilitar o sexo e o controle do corpo feminino pelos homens. Aquelas que pregavam o amor livre reivindicavam a liberdade das obrigações impostas pelo casamento legal e da maternidade praticamente compulsória. Viver o amor livre, isto é, relacionar-se amorosa e sexualmente com quem se deseja sem o aval da instituição do casamento, para a maioria das feministas continuava significando heterossexualidade, fidelidade e monogamia; para algumas, significava relacionamentos irrestritos. Entretanto, legalmente, o casamento era a única opção

segura economicamente e a única garantia de suporte para seus filhos. (LEGATES, 2001).

O sufrágio foi inicialmente considerado “muito radical”, pois direitos políticos significavam uma ameaça para a sociedade por poder motivar as mulheres a questionarem sua posição de subordinação na sociedade. O direito ao voto significava o reconhecimento da mulher, por parte da sociedade, como cidadã e como indivíduo perante o Estado.

Após décadas de luta, o início do século XX trouxe algumas vitórias para o movimento feminista. A *International Woman Suffrage Alliance*, iniciada nos Estados Unidos, cujo primeiro encontro ocorreu em Berlim (1904), encorajou o movimento socialista internacional a apoiar o sufrágio feminino em 1907. O voto se tornaria o meio para ganhos maiores, tais como melhores condições de trabalho e salário. Seria um símbolo de direitos iguais, além de uma confirmação pública de suas identidades. Sendo assim, tanto as relações de gênero quanto as posições de autoridade estariam postas em xeque. Consequentemente, vários grupos de mulheres tinham motivos para apoiarem a causa sufragista. (LEGATES, 2001).

Como lembra Silva, o foco das mulheres da primeira onda “era o direito ao voto, à participação na política e na vida pública, à administração de seus próprios bens e ao acesso a leis trabalhistas mais dignas – questões que já eram considerados direitos básicos dos homens” (2019, p. 74). Ademais, essas mulheres também “problematizavam a imposição de papéis de submissão e passividade às mulheres, além da restrição ao âmbito da vida privada. O ideal que forneceu fundamento às reivindicações desta primeira onda foi o liberalismo e o universalismo” (SILVA, 2019, p. 8). Havia uma discrepância entre as lutas das mulheres brancas de classe média e as das mulheres negras, que buscavam, também, o fim da escravidão, em uma luta dupla e desequilibrada que envolvia sua condição de mulher e sua questão racial.

Em 1910, uma emenda constitucional passa em Washington permitindo que alguns estados concedessem o sufrágio feminino em seus territórios. Cada vez mais, a discrepância da exclusão das mulheres da vida pública aumentava à medida que o sufrágio masculino se estendia. De acordo com Legates (2001), essa década marca a mudança cultural do realismo para o modernismo. O termo “feminismo” substitui o termo a “questão da mulher”, sugerindo uma busca por autoafirmação intelectual, sexual e política. Em 1914, a *Women’s Trade Union League* passou a

apoiar claramente o sufrágio feminino como alternativa à organização sindical, assim haveria perspectivas através de mudanças na legislação.

Com o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), devido ao fato de os homens serem enviados aos campos de batalha, as mulheres passaram a desempenhar trabalhos fora de casa não tradicionais para seu sexo. No entanto, o fim da guerra funcionou como um entrave para as questões feministas, período em que se privilegiou a reconstrução dos países envolvidos. Porém, o *National Woman's Party*, fundado originalmente em 1913, continuou uma agenda feminista após a guerra. Em 1918, Jeannette Rankin, primeira representante feminina no Congresso norte-americano, do estado de Montana, conseguiu reintroduzir a emenda do sufrágio na pauta de votação. Após muita dificuldade, o sufrágio foi conseguido em todos os estados americanos, em agosto de 1920. (LEGATES, 2001).

No Período Entreguerras, a domesticidade ganha novo valor e as organizações feministas não atingiram as gerações mais jovens. O foco também havia mudado uma vez que o voto havia sido ganho. A nova geração de mulheres assumia um novo comportamento, principalmente em relação a certa “liberdade” sexual quando comparada à geração anterior. Embora houvesse tentativas de se continuar uma ideologia feminista, o movimento foi enfraquecido pelas questões econômicas, sociais e políticas do período, principalmente a Crise de 1929 e a ascensão de governos totalitários na Europa. A tensão aumentava diante do colapso econômico decorrente da superprodução de bens e especulações na bolsa de valores de Nova Iorque, além do temor de uma nova guerra mundial.

Apesar de a primeira onda ter sido um momento importante para a libertação das mulheres em alguns aspectos no campo da política, sua visão era bastante essencialista e elitista por não levar em conta distinções de classe, raça, nacionalidade e credo, o que dividiria as mulheres. De maneira geral, as reivindicações da primeira onda podem ser resumidas em: oportunidades de emprego, direitos legais iguais, melhor educação, reforma da vida familiar, reforma nos padrões sexuais e sufrágio. Porém, priorizavam gênero em vez de raça e classe. Questões como a abolição da escravidão levantariam a seguinte questão: o movimento levava em conta todas as injustiças sofridas pelo sexo feminino? Além disso, sem um posicionamento teórico definido, o feminismo da primeira onda nunca se movimentou além do estágio de reivindicar reforma. Segundo Nancy Hewit em *No*

permanent waves: recasting histories of U.S. feminism, uma crítica à primeira onda pode ser construída a partir dessas questões, como vemos a seguir:

Esta versão do movimento pelos direitos da mulher não foi imune a críticas. Estudiosas de mulheres afro-americanas, imigrantes e da classe trabalhadora detalharam as tendências racistas, nativistas e elitistas de muitas mulheres brancas sufragistas. Elas destacaram a exclusão de mulheres pobres, negras e imigrantes das organizações políticas e das agendas de ativistas mais prósperas e sua inclusão em esforços comunitários, geralmente ao lado de homens, para promover seus próprios interesses econômicos, sociais e políticos.³¹ (HEWIT, 2010, p. 16)

Concluindo o pensamento sobre o que se entende por primeira onda do movimento feminista nos Estados Unidos, pode-se dizer que, apesar de ter sido uma movimentação feminina por reformas políticas no campo do direito, não se pode negar o progresso alcançado. Afinal, o voto foi conquistado e várias outras reformas nas áreas trabalhista e social foram aprovadas, resultado dos pensamentos liberal e socialista, nos quais o feminismo da época se inspirou.

Nas letras, as mulheres tiraram proveito dos ares de mudanças do século XIX e utilizaram a escrita para reivindicar seus direitos em periódicos, documentos públicos e jornais dentro de seu território, além de fazerem uso da prosa de ficção como protesto contra as opressões vividas na sociedade norte-americana. Assim, o clamor por mudança se acendeu, já que a nova mulher não mais admitiria ser uma escrava do lar.

³¹ No original: This version of the woman's rights movement has not been immune to critique. Scholars of African American, immigrant, and working-class women have detailed the racist, nativist, and elitist tendencies of many white women suffragists. They have highlighted the exclusion of poor, black, and immigrant women from the political organizations and the agendas of more well-to-do activists and their inclusion in community-based efforts, often alongside men, to advance their own economic, social, and political interests.

Figura 1 – Comitê executivo do Conselho Internacional de Mulheres



Fundadoras do Conselho Internacional de Mulheres, em 1888, em Washington (New York). Dentre elas, Susan B. Anthony, sentada, é a segunda da esquerda para a direita; e Elizabeth Cady Stanton, sentada, é a quarta da esquerda para a direita.

Fonte: *Stacker*³²

1.3. De 1920 a 1960: feminismo latente

After I had children I would feel differently, I wouldn't want to write poems anymore. I began to think that maybe it was true that when you were married and had children it was like being brainwashed, and afterward you went about numb as a slave in some private, totalitarian state.

Sylvia Plath

³² Link: <https://stacker.com/stories/4000/50-photos-american-life-19th-century>

Após a conquista do sufrágio, em 1920, o movimento feminista sofreu um período de recuo ou estagnação relativa se comparada às décadas anteriores de luta por direitos iguais. Será que o direito ao voto era mais importante do que continuar lutando por outros direitos?

O sufrágio havia servido como marco simbólico de uma geração de mulheres que não conseguiram passar adiante seus ideais. A nova geração estava preocupada com outras questões, inclusive com a liberação sexual dos “loucos anos 20”, apesar de ainda não ser possível falar em igualdade sexual. (LEGATES, 2001).

Acontecimentos históricos como a queda das bolsas em Nova Iorque, em 1929, a ascensão de regimes totalitários na década de 1930 e a Segunda Guerra Mundial funcionaram como eventos promotores de uma nova onda conservadora mundial. Apesar de ainda haver pequenos grupos de mulheres que articulavam suas preocupações na imprensa ou em algumas campanhas, o movimento perdeu força.

A despeito das críticas, não se pode deixar de considerar a importância da primeira onda do movimento feminista, sendo necessário enfatizar a literatura que contribuiu para a sua articulação. Tal movimento foi essencial como ponto de partida para o ganho de direitos necessários às mulheres enquanto seres humanos. A conquista do sufrágio e de algumas modificações nas leis a favor das mulheres, não só nos Estados Unidos, mas também em vários outros países, serviu como pontapé inicial para outras questões que viriam a ser debatidas e reivindicadas nas ondas subsequentes.

A virada cultural e artística para o modernismo é considerada, segundo Showalter (2009), um período em que a literatura masculina se sobrepõe à literatura feminina, principalmente à feminista. Porém, autoras como Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Edith Wharton e Gertrude Stein se sobressaem no contexto literário de língua inglesa, mostrando inovações técnicas e abordando a incansável “questão da mulher”, tanto na sociedade quanto nas artes. Assim, no campo literário, a virada do século XIX para o século XX foi tão importante para a causa feminista quanto as ondas que a sucederam.

Gertrude Stein, conhecida como “a mãe do modernismo americano” (SHOWALTER, 2011) publicou seus poemas, contos, ensaios e peças por conta própria, já que havia herdado uma boa quantia após a morte dos pais, não necessitando levar uma vida convencional por meio do casamento ou do trabalho assalariado. Vivia com sua companheira, Alice B. Toklas, em Paris e de lá, onde

convivia com artistas vanguardistas da literatura e da pintura europeias, escrevia experimentando técnicas inovadoras, assim como em seu conto “Miss Furr and Miss Skeene”, de 1922, em que repete orações e palavras e utiliza uma pontuação não-convencional, como podemos observar a seguir:

They were together then and travelled to another place and stayed there and were *gay* there. They stayed there and were *gay* there, not very *gay* there, just *gay* there. They were both *gay* there, they were regularly working there both of them cultivating their voices there, they were both *gay* there. Georgine Skeene was *gay* there and she was regular, regular in being *gay*, regular in not being *gay*, regular in being a *gay* one who was one not being *gay* longer than was needed to be one being quite a *gay* one. They were both *gay* then there and both working there then. (STEIN apud SHOWALTER, 2011, n.p., grifos nossos)

A palavra *gay* é repetida mais de cem vezes ao longo do conto poético, o que levava leitores a questionarem se seria um código para a homossexualidade, já que naquela época a palavra ainda não possuía essa acepção explicitamente, sendo mais entendida como feliz ou alegre. (SHOWALTER, 2011). Por esse motivo, o trecho acima não foi traduzido, pois revela a genialidade de Stein ao utilizar o termo, já que possivelmente poderia significar tanto “homossexual” quanto “feliz” em língua inglesa.

Assim como Stein, Virginia Woolf passa a ser considerada uma das autoras mais proeminentes no que diz respeito à literatura de autoria feminina e à condição de mulher e artista. Sua obra ensaística *A room of one's own* (1929) é considerada um marco em sua produção literária por tratar da questão “mulher e produção literária”. Utilizando-se da técnica de um “eu” narrador fictício, Woolf discorre sobre a situação da mulher na sociedade de sua época, enfatizando as dificuldades encontradas por artistas que desejavam seguir carreira no campo literário. Todas as barreiras sociais, econômicas e culturais vividas pela autora na virada do século XIX para o século XX a levaram a criticar a posição inferior da mulher na sociedade e a reivindicar maior independência financeira e educação, principalmente, para que as mulheres pudessem desenvolver seu potencial intelectual, caso assim desejassem. Ao imaginar um exemplo, pressupõe que William Shakespeare tivesse uma irmã, Judith Shakespeare, que fosse tão brilhante quanto ele, porém sem as mesmas oportunidades. Como poderia essa mulher desenvolver sua habilidade artística?

Em um misto de crítica e ficção, Woolf consegue, nesse abrangente ensaio, abordar questões como gênero, sexualidade, educação, patriarcado, subjetividade, literatura e cânone. Ao pensar a mulher como leitora e escritora, com pouco acesso

ao vasto mundo oferecido aos homens, Woolf transcende a realidade feminina da época ao deslocar a mulher para um mundo imaginário em que todas as possibilidades lhe seriam oferecidas.

Segundo Lisa Coleman, “o feminismo de Woolf é uma funcionalidade tanto de seu contexto (trans)histórico quanto de sua tática textual que fizeram com que sua escrita continuasse a contribuir para a causa do feminismo muito tempo após o fim de sua vida”³³ (COLEMAN, 2012, p. 80). Sua contribuição começou com a primeira onda, mas não acaba aí, pois questionava se o voto seria a grande causa feminina, lançando outros desafios para a filosofia e para a crítica feministas.

De acordo com Jane Goldman (2006), Woolf não se sentiu atraída pelo movimento sufragista, considerando-o pouco representativo diante das questões que oprimiam e excluíam as mulheres dos privilégios masculinos. Porém, o feminismo evidentemente está presente em sua arte de vanguarda. Ainda segundo a autora, *A room of one's own* é a fundação para as teorias feministas políticas, culturais e literárias modernas, em todas as suas complexidades, por vezes ocultas, e que ainda surpreende os leitores por seu estilo agradável, inteligível e lúdico (GOLDMAN, 2006).

Em 1930, Sigmund Freud publica *O mal-estar na civilização*, um importante tratado sobre a influência da cultura sobre o comportamento humano, diminuindo a importância do determinismo biológico e do essencialismo psíquico em questões de sexualidade e socialização entre os indivíduos. Freud acaba por concluir que a civilização impossibilita a realização de quaisquer felicidades individuais que seriam alcançadas com a livre expressão do amor e da sexualidade. A sociedade gera o sentimento de culpa e nos torna neuróticos, posto que não podemos dar vazão à nossa libido da forma como desejamos e viver os nossos prazeres livremente. Conforme o psicanalista: “boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas” (FREUD, 2011, p. 31) e “a liberdade individual não é um bem cultural. Ela era maior antes de qualquer civilização” (FREUD, 2011, p. 41). Porém, sabemos que isso não é possível. A civilização é um

³³ No original: Woolf's feminism is a function of both her (trans)historical context and her textual tactics which have enabled her writing to continue to contribute to the cause of feminism long after her historical life was over.

caminho sem volta, não podemos apagar a história. Em *Cartografias do feminino*, o psicanalista brasileiro Joel Birman nos lembra que:

A experiência psicanalítica meticulosamente delineada por Freud, entre o final do século XIX e o fim dos anos 30, iniciou-se com uma indagação sobre a sexualidade feminina, com as histerias, e se completou com uma reflexão sobre a feminilidade. Se os impasses do gozo feminino estão na origem da aventura freudiana, a feminilidade como enigma é o seu ponto de chegada. (BIRMAN, 1999, p. 12)

Freud admite, em sua obra supracitada (uma das últimas escritas por ele), que alguns de seus postulados, baseados nas ciências médicas, foram equivocados, como podemos observar:

A oposição dos sexos empalidece ante aquela entre atividade e passividade, na qual identificamos precipitadamente a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade, o que de maneira nenhuma se confirma invariavelmente no reino animal. (FREUD, 2011, p. 51)

As ponderações que o pai da psicanálise realiza nesse texto parecem estar mais de acordo com a realidade vivenciada na sociedade ocidental “civilizada”, que coíbe as liberdades individuais em nome da moralidade, visando a manutenção do *status quo*. Sejamos justos e admitamos que os homens se beneficiam desse conservadorismo à custa da inferiorização social das mulheres.

Apesar do retrocesso no pensamento e na arte feministas nos Estados Unidos, não se pode supor que escritoras não continuassem a produzir ficção ou a contribuir com periódicos e jornais. Em vez disso, pode-se observar uma mudança de foco na produção escrita por mulheres nesse período. Na década de 1930, por exemplo, o épico romance *Gone with the wind* (1936), de Margaret Mitchell, realizado após muita pesquisa histórica sobre a Guerra Civil, é considerado um romance marcante sobre perda, fome, colapso social e recuperação. Por outro lado, foi também considerado por críticos como racista e a favor da causa sulista. (SHOWALTER, 2009).

A chegada da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) novamente marca a entrada de muitas mulheres no mercado de trabalho, ocupando posições anteriormente apenas acessíveis aos homens, assim como seu envolvimento em movimentos pacifistas. Os homens se alistaram nas forças armadas e as mulheres ganharam mais espaço nas indústrias, ganhando melhor que em outros empregos. Dessa forma, passaram a ser responsáveis pelo sustento da família e a participar do espaço público.

Com o fim da guerra, mais uma vez, as mulheres deveriam retornar às atividades do lar, dando lugar para os homens trabalharem. Aquelas que continuaram no mercado de trabalho ganhavam cerca de metade dos salários dos homens na mesma função, além de sofrerem preconceito por parte de outros trabalhadores. Além disso, evidentemente, eram responsáveis pelo serviço doméstico e pela educação dos filhos. A situação era mais grave para as mulheres negras, que geralmente só eram aceitas para trabalhos em serviços domésticos e subalternos.

No ano de 1946, o *Congress of American Women* foi formado como um grupo de ativistas radicais que lutavam por sindicalização, justiça racial e social, paz e feminismo. O grupo contava com 250.000 participantes, incluindo a neta de Elizabeth Cady Stanton e a sobrinha-neta de Susan B. Anthony. Porém, com a chegada da década de 1950, o medo do comunismo na sociedade americana, com McCarthy³⁴ no poder, banuiu a coalizão. A luta por seus direitos foi silenciado em nome da segurança nacional. (LEGATES, 2001).

Em 1949, a filósofa francesa Simone de Beauvoir escreve *O segundo sexo*, na qual analisa a situação feminina e discute o que significa ser mulher em uma cultura patriarcal que a oprime e inferioriza. Nesse sentido, levanta questões existencialistas da condição feminina na sociedade e critica a relação entre os gêneros, pois a mulher, oprimida, aceita sua opressão em detrimento do poder masculino. Embora não se defina como feminista ao publicar seus primeiros escritos, sua obra é considerada uma das mais importantes dentro da crítica feminista por ter influenciado não somente a sua geração, mas toda a segunda onda. Seus textos são essenciais, inclusive, para os estudos feministas da atualidade, graças à sua perspectiva cultural ocidental e existencialista da condição de alteridade e subordinação da mulher em relação ao homem. Beauvoir ataca o casamento, a domesticidade, a maternidade e o machismo, imbuído tanto nos homens quanto nas mulheres, como fontes de opressão. A conscientização feminina ganha um novo despertar com a escrita de Beauvoir, enunciando a diferenciação entre sexo e gênero ao afirmar que não se nasce mulher, torna-se mulher. Assim, o sexo passa a ser entendido como uma característica biológica e o gênero como uma construção social e cultural imposta à pessoa.

³⁴ Joseph MacCarthy, presidente dos Estados Unidos de 1950 a 1954, foi responsável pela histeria anticomunismo no país, inserindo-o em mais um período de conservadorismo. (ISAACS *et al.*, 2003).

A década de 1950 foi marcada pela idealização da família - como homem provedor *versus* mulher dona de casa -, pelo conservadorismo, pelo consumismo de bens materiais e pelo conforto que eles proporcionavam. LeGates (2001) chama o período de *quiet feminism*, pois a vida da mulher passava pelo dualismo da vida doméstica e pelo crescente desejo de mudança de paradigma da geração que seria a iniciadora da segunda onda do movimento feminista. Ao mesmo tempo em que se casava mais jovem e o número de matrimônios crescia, a taxa de divórcio também aumentava. As mulheres não desejavam que suas filhas tivessem o mesmo estilo de vida que elas tinham, e jovens mulheres tampouco desejavam levar a mesma vida que suas mães: não queriam se tornar uma “Mrs. Him” (LEGATES, 2001, p. 345).

Duas escritoras norte-americanas desse período que merecem ser lembradas, mesmo que por estilos bem diferentes, são Shirley Jackson e Sylvia Plath. Jackson, uma best-seller do gênero gótico, é, até hoje, considerada uma mestre do terror, tendo publicado uma gama de contos em vários periódicos, inclusive no *The New Yorker*. (SHOWALTER, 2009). Era uma intelectual excêntrica e reclusa que atingiu seu primeiro sucesso com o conto “The lottery” (1948), no qual as pessoas de uma pequena cidade realizam um sorteio para descobrir quem será apedrejado até a morte. Porém, não se percebe isso até o fim do conto. O suspense é crescente e a naturalidade com que as pessoas lidam com o costume é assustador. Algumas de suas obras hoje são séries de *streaming* de sucesso como *The haunting of Hill House* (1959), um suspense psicológico que aborda relações familiares, lesbianismo, solidão, surrealismo e suicídio. A escritora é considerada “a Stephen King feminina” por fãs do gênero. Porém, por ter começado a escrever somente na década de 1970, ele é quem deveria ser considerado “a Shirley Jackson de calças”, já que cronologicamente ela o antecede.

Sylvia Plath, mais conhecida por sua vasta poesia - reconhecida no meio literário por sua riqueza temática e imagética - (SHOWALTER, 2009), escreveu seu único romance em 1963, *The bell jar*, publicado inicialmente sob o pseudônimo Victoria Lucas, na Inglaterra. A obra só foi lançada nos Estados Unidos em 1971, devido a seu teor biográfico. Contendo referências à vida de Plath, a história, que se passa em 1953, é sobre a depressão e a recuperação de uma artista que questiona as relações sociais, o casamento e sua própria sanidade mental. O romance narra o desequilíbrio emocional de uma jovem, Esther, ao se sentir sufocada pelo peso das convenções sociais da época e após uma tentativa de estupro da qual consegue

figir. Funck observa que “a iniciação de Esther é precipitada por um colapso nervoso e tentativa de suicídio, causados pela divisão esquizofrênica entre criatividade e a feminilidade, e pelo *double-standard* da época” (FUNCK, 2016, p. 74). A personagem é internada em uma clínica psiquiátrica e, pela convivência com mulheres cujos estilos de vida eram bem diferentes do seu (anteriormente na faculdade e posteriormente na clínica), a personagem vai se recuperando até recusar o casamento com Buddy, aceitar sua sexualidade e voltar à vida acadêmica. Logo, “a narrativa conclui com a possibilidade de uma nova autoimagem” (FUNCK, 2016, p. 75). Porém, “como poderia saber se um dia – na universidade, na Europa, em algum lugar, em qualquer lugar – a redoma de vidro com suas distorções sufocantes não cairia novamente [sobre ela]?”³⁵ (PLATH, 1996, p. 256). Assim, o conflito entre ser mulher e ser artista é apenas temporariamente resolvido, ficando em suspenso.

Mesmo que esse período histórico não seja considerado um momento de agitação feminista, pode-se perceber que, no meio artístico, várias mulheres foram dissidentes e continuaram a escrever sobre estilos de vida alternativos e a questionar o papel da mulher na sociedade em sua época.

Porém, socialmente falando, fica claro que após a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, as mulheres voltaram seus esforços, assim como toda a sociedade, para reerguerem o país economicamente. O *National Women's Party* foi o único grupo a se denominar feminista durante o período de 1920 a 1960. Com a intensificação da Guerra Fria³⁶, ativistas feministas rejeitaram o termo “feminismo” temendo uma reação forte dos movimentos anticomunistas. (SCHNEIR, 1994).

Aquelas mulheres que se mostraram insatisfeitas pelo retorno ao lar após a Segunda Guerra Mundial – por conta da perda de seus empregos, da disparidade salarial em relação aos homens, do peso da dupla jornada de trabalho e do conservadorismo da década de 1950 – se tornariam o embrião da segunda onda do movimento feminista.

³⁵ No original: How did I know that someday – at college, in Europe, somewhere, anywhere – the bell jar, with its stifling distortions, wouldn't descend again?

³⁶ Tensão bélica entre o bloco soviético e seus aliados socialistas contra Estados Unidos e países capitalistas entre 1945 e 1991. O medo do comunismo, de uma terceira guerra mundial e de um ataque nuclear entre as grandes potências econômicas dominou o imaginário social e político durante o período. (ISAACS *et al.*, 2003).

Figura 2 – Poster de 1943, de J. Howard Miller



Este ícone do feminismo, utilizado até hoje como demonstração da força e da capacidade da mulher de “fazer” o que bem quiser, na verdade, foi uma encomenda da Westinghouse Electric Corporation ao artista J. Howard Miller para utilizar em suas fábricas como incentivo ao trabalho e ao patriotismo feminino durante a Segunda Guerra Mundial.
Fonte: NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY³⁷

³⁷ Link: https://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah_538122

1.4. A segunda onda e o direito ao corpo

Feminism begins with the recognition that all women, because of their gender, suffer injustice and with the refusal to accept that situation. The first women to leave written records of their awareness of and protest against women's subjection were those who entered the public sphere as scholars or writers.

Marlene LeGates

Na década de 1960, a sociedade americana sofreu uma grande transformação sociocultural em decorrência de movimentos que modificaram aspectos da vida norte-americana, tais como os protestos contra a Guerra do Vietnã, a efervescência política a favor dos direitos civis de negros e homossexuais e a busca por libertação sexual. Assassinatos de figuras públicas, tais como o do presidente John Kennedy, em 1963, e o do ativista negro Malcolm X, em 1965, junto à contracultura nas áreas da música, da pintura e da moda agitaram uma parte da população do país, que clamava por mudança. Era a chamada “nova esquerda”, reivindicando liberdade de expressão e participação democrática na sociedade de grupos menos favorecidos socialmente. Apesar de não representarem as mulheres de forma clara, influenciaram uma nova geração de mulheres a buscarem sua própria libertação. (LEGATES, 2001).

Segundo Imelda Whelehan, em *Modern feminist thought* (1999), pequenos grupos de mulheres que formavam associações femininas ou sindicatos se radicalizaram a partir do movimento pelos direitos civis e dos protestos antiguerra, fazendo a transição para a segunda onda. Assuntos como planejamento familiar, métodos contraceptivos e aborto começavam a ser tornar populares e a serem discutidos abertamente.

Essa nova inquietação deu início a uma nova onda do feminismo, que buscava debater questões como sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, violência doméstica e desigualdades legais e sociais entre os sexos. Podem-se destacar autoras importantes para a crítica feminista a partir dessa década. A norte-americana Betty Friedan, ao publicar *The feminine mystique* (1963),

torna-se conhecida por retratar a situação de submissão das mulheres dentro dos lares. No primeiro capítulo da obra, “The problem that has no name”, a autora já trata de questões que irá abordar ao longo de seu livro, como o fato de a mulher, após a Segunda Guerra Mundial, ter voltado à posição de dona de casa e mãe, quase que exclusivamente vivendo para a família, sem liberdade ou incentivo para ter uma vida produtiva no mercado de trabalho. Em vista disso, pode-se entender que o mal-estar experimentado por essas donas de casa era consequência do vazio de uma vida sem sentido. O famoso *american way of life*, que nas décadas de 1950 e 1960 pregava a família “heteronormativa”, consumidora de *household appliances*, formada por pai trabalhador e mãe dona de casa, não ensinava as meninas a se tornarem estudiosas e a buscarem uma carreira, mas sim um casamento.

A autora critica a imagem irreal do ideal feminino construído pela mídia e pela educação da época. Da mesma forma que Betty Friedan procurou respostas para a situação da mulher nas décadas de 1940 a 1960, outras mulheres também buscavam entender, agora, a origem da condição feminina com o objetivo de compreenderem a fundamentação de sua opressão e vulnerabilidade em relação aos homens. O fato de serem mulheres e de serem pressionadas a se casar e a engravidar fazia com que elas fossem colocadas nessa posição de opressão e aprisionamento no ambiente doméstico. O advento da pílula anticoncepcional, em 1962, funcionou como uma revolução na vida da mulher, que passa a ter mais controle sobre seu corpo, ocasionando o início de um novo pensamento em relação à sua condição. Sua luta agora passa a incluir direitos reprodutivos e liberdade sexual. (SILVA, 2019).

As feministas da segunda onda buscavam incentivar as mulheres a se associarem a grupos de conscientização e a compartilharem suas histórias pessoais, favorecendo seu fortalecimento enquanto coletividade. Assuntos tabus, como violência doméstica e estupro, passam a ser discutidos, além de questões de descontentamento feminino em relação à maternidade, ao casamento e ao trabalho doméstico dentro de um sistema patriarcal consolidado, percebido como explorador do corpo feminino. Assim, surgia uma “fraternidade entre mulheres”, uma *sisterhood* (que traduzidos por sororidade no Brasil na falta de um termo mais adequado), a partir dos anos 1960, como descreve a autora Dominique Fougeyrollas-Schwebel:

O movimento feminista participa dos movimentos antiautoritários e privilegia as formas mais espontâneas de manifestação, recusando toda organização hierárquica. Pertencer ao movimento representa a realização de uma nova

ideologia, a pesquisa de sentido e de valores comuns. A essa nova ideologia denominou-se 'sororidade'. (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 146)

Ainda era fato que a maioria das autoras feministas eram brancas, estudadas e de classe média, o que restringia suas análises em relação às mulheres que sofriam duplas ou múltiplas opressões, a exemplo das mulheres negras ou de classe social desprivilegiada. Seria necessária uma desvinculação do pensamento feminista com uma suposta "mulher universal".

Apesar de não haver uma data específica para determinar o início da segunda onda, o ano de 1968 foi simbólico para o movimento por conta de demonstrações contra concursos de beleza em várias cidades dos Estados Unidos. Em Atlantic City, em um protesto contra os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, uma "cesta de lixo da liberdade" foi colocada na entrada do local do concurso Miss América para que as mulheres jogassem fora acessórios e peças de vestuário que as faziam se sentir escravizadas pela indústria da moda e pelos costumes socioculturais, tais como sutiãs e sapatos de salto alto. (WHELEHAN, 1999). Nascia a imagem da feminista queimadora de sutiãs. Era a primeira vez em décadas que as mulheres estavam declarando seu feminismo. Demonstrações semelhantes ocorreram no Canadá, na França, na Inglaterra e na Alemanha.

As mulheres se sentiam excluídas das teorias sociais e políticas, as quais, historicamente, sempre foram baseadas nas experiências masculinas. Várias teorias defendiam que a opressão de classe e raça era igual para homens e mulheres na organização social. Dessa maneira, passaram a perceber que os parâmetros dos discursos políticos "universais" (masculinos) não davam conta de explicar a subordinação feminina, pois era endêmica em todas as relações homem-mulher. Por isso, as mulheres sentiram a necessidade de desafiar as representações de feminilidade e se dispuseram a reivindicar uma política para si mesmas. As feministas dos anos 1960 estavam tentando criar uma filosofia política, quebrando muitas regras sociais tradicionais até então, principalmente em relação ao ambiente doméstico e ao mercado de trabalho. As mulheres passaram a estudar mais e a não aceitar o lar como seu território "único" e "natural". (WHELEHAN, 1999).

A autora canadense Margaret Atwood sempre esteve atenta às questões femininas, tendo como ponto central em suas obras a revelação da posição da mulher em nossa sociedade em relação a suas experiências de submissão,

violência, desejos e relacionamentos. Essa preocupação está presente em seus romances desde *The edible woman*, escrito em 1965 e publicado em 1969, o qual ela mesma chama de romance profeminista, por ter sido escrito no início da segunda onda do movimento feminista.

Um assunto recorrente em seus romances é o relacionamento homem-mulher, aliado à maneira como a mulher se sente dentro e fora desse relacionamento, o que ela deseja e como ela é tratada nas sociedades descritas. Dessa forma, o/a leitor(a) é levado(a) a questionar a posição e o papel da mulher na sociedade no que diz respeito às relações de poder nos cenários em que a mulher transita (casa, trabalho e ambientes sociais), explicitando de forma minuciosa sua preconcebida submissão em sociedades patriarcais. Ademais, algumas de suas protagonistas e personagens secundárias, em determinado momento, expressam o desejo de não mais seguirem as convenções sociais atreladas ao gênero feminino, tais como casamento e maternidade.

Em *The edible woman*, a protagonista Marian, uma jovem que trabalha em uma firma de pesquisas e divide o apartamento com uma colega, é pedida em casamento após alguns meses de relacionamento com Peter. A personagem começa a se sentir oprimida ao perceber que não toma decisões de forma ativa nessa relação, passando a se comportar de maneira imprevisível na medida em que se torna alienada pela sociedade de consumo. Sente-se também consumida e passa a relacionar a alimentação com sua própria destruição. Inicia-se, desse modo, seu afastamento da realidade, representado pela mudança do ponto de vista de primeira para terceira pessoa na narrativa.

Marian percebe que o casamento para uma mulher (na década de 1960) representa tanto comodidade quanto prisão. Assim, sua recusa em comer significa a renúncia do papel de esposa dentro de um casamento tradicional. Notando que Peter a trata mais como esposa do que como indivíduo, Marian se envolve sexualmente com um estudante de literatura chamado Duncan. A personagem chega ao ponto de não conseguir comer nada, até que resolve fazer um bolo em formato de mulher para o noivo. Ao oferecer-lhe o bolo, ela diz: “Você está tentando me destruir, não está?”, disse ela. ‘Você está tentando me absorver. Mas fiz uma substituição para você, algo que você vai gostar mais. Isso é o que você sempre

quis, não é? Vou pegar um garfo.”³⁸ (ATWOOD, 1998, p. 220). Dessa forma, ela se liberta do noivo e come o bolo, oferecendo os restos para o amante. O ponto de vista em primeira pessoa é retomado ao final da história marcando a retomada do controle de sua vida. Essa volta por cima marca a mudança do pensamento de uma mulher que passara a negar o papel de “dona do lar”.

Segundo a teórica Fiona Tolan, Atwood retrata “o corpo como um locus de inteligência, derrubando a noção de uma divisão hierárquica, e recriando uma figura popular da escrita das mulheres do século XIX: a histérica”³⁹ (2007, p. 22). A anorexia de Marian, sua recusa em consumir e em ser consumida a levam a uma jornada de autoconhecimento culminada com um momento de subversão. O romance é uma paródia do amor romântico, transgredindo as convenções, já que a protagonista recusa o fim racional do casamento. (TOLAN, 2007).

De acordo com LeGates (2001), o movimento feminista ganhava um novo começo e é possível identificar três correntes iniciais na segunda onda: a primeira, a continuação do feminismo liberal ou de direitos iguais, influenciada pelos ideais liberais e reformistas da primeira onda; a segunda, o feminismo socialista, agora mais influenciado pelo Marxismo; e a corrente chamada de feminismo radical, essencialmente nova, baseada no combate ao patriarcado em todas as áreas da sociedade de forma mais revolucionária, como discutiremos a seguir.

Desde o início do século XX, o feminismo liberal se manteve ativo, apesar de discreto, com o objetivo de reformar leis que ajudassem a criar mais oportunidades de trabalho para as mulheres e de diminuir a discriminação na vida social. O movimento por direitos civis serviu de inspiração para suas reivindicações, que culminaram na criação da *National Organization for Women* (NOW), em 1966. A organização exigia o igual exercício social de homens e mulheres em relação a privilégios e liberdades na sociedade americana. Continha em seu *Statement of Purpose* a afirmação de que as mulheres são seres humanos. Parece uma afirmação simples e óbvia, mas sua intenção principal era a de desvincular a imagem da mulher da domesticidade com a intenção de socializar o trabalho doméstico. (SCHNEIR, 1994).

³⁸ No original: “You’ve been trying to destroy me, haven’t you,” she said. “You’ve been trying to assimilate me. But I’ve made you a substitute, something you’ll like much better. This is what you really wanted all along, isn’t it? I’ll get you a fork.”

³⁹ No original: [...] the body as a locus of intelligence, overturning the notion of a hierarchical divide, and recreating a popular figure of nineteenth century women’s writing: the hysteric.

Também baseado na primeira onda, o feminismo marxista/socialista considerava a classe como principal determinante do *status* socioeconômico feminino. Gênero e classe são vistos como mecanismos de opressão igualmente poderosos. O foco de sua crítica gira em torno das questões reprodutivas e da sexualidade, assim como questiona a posição desigual das mulheres no mercado de trabalho. A fusão dos trabalhos fora de casa e doméstico é encarada como um fator de desvalorização da mão de obra feminina. Dessa maneira, a politização do privado é proposta. Há dois mecanismos fortes de poder que governam as mulheres na sociedade: a divisão sexual do trabalho no mercado e a operação do sistema patriarcal da diferença sexual dentro da família, levando em conta que o valor da mulher no ambiente de trabalho fora de casa é suprimido, o que a coloca em uma posição social inferior. (WHELEHAN, 1999).

O feminismo radical, por sua vez, foi marcado pela expectativa de mudança social, sexual, comportamental e política, inclusive através de protestos agressivos, por surgir em uma época de manifestações políticas intensas, como já foi dito anteriormente: o estado de tensão bélica e dualista entre capitalismo e socialismo com a culminância na Guerra Fria e na Guerra do Vietnã, o assassinato de figuras influentes como Martin Luther King, em 1968, e as novas manifestações contraculturais de esquerda no mundo ocidental, assim como os movimentos *Hippie* e *Punk*. Essa corrente do feminismo falava de opressão, liberação e revolução em vez de discriminação, igualdade, individualismo e reforma.

Essa linha do feminismo nasceu como reação contra as teorias predominantemente “masculinas” do *New Left* dos anos 1960, contra as algemas do poder político masculino. Essa vertente surgiu como tentativa de se criar uma arena discursiva livre das tiranias dos discursos políticos “universais” e também objetivava se opor aos feminismos liberal e socialista, buscando investigar as esferas sexuais e sociais das mulheres e criar um novo tipo de espaço teórico feminista, favorecendo a formação de pequenos grupos de conscientização, politizando a vida privada. O feminismo radical marca a transição do feminismo inspirado na primeira onda, vinculado ao liberalismo ou socialismo, para um movimento caracterizado pelo princípio da descentralização e pelo antielitismo, pois entendiam que uma voz não pode falar por todas. Seus grupos fragmentados produziam manifestos e não apresentavam líderes ou figuras centrais, além de não se encaixarem em outras ideias políticas tradicionais. (WHELEHAN, 1999).

Essa onda é sempre lembrada pelo famoso slogan *The personal is political* pois as feministas da segunda onda se preocupavam em dar atenção às experiências pessoais das mulheres. Isso resultou em uma tomada de consciência sobre as condições de cada uma que participava de grupos de discussões e falava sobre a sua vida, levando os assuntos para a esfera política.

A organização de conferências foi outro meio utilizado pelas feministas da segunda onda como forma de reunir mulheres para discutir as questões fundamentais para o movimento. Vale ressaltar que tais manifestações não estavam aliadas a nenhum partido político, e sim a grupos autônomos que buscavam representar as mulheres em diversos âmbitos.

Os debates da segunda onda envolviam desafiar a noção do patriarcado como “natural” e “inevitável”. Para as feministas da época, os efeitos da ideologia patriarcal são sentidos principalmente no ambiente familiar, instituição fortalecida por valores religiosos, pela lei e pela moralidade. Logo, local crucial de opressão feminina. Porém, não se pode localizar essa opressão somente no lar.

Um tema de tensão no movimento entre as próprias mulheres era a questão da identidade e das diversas experiências de opressão, tais como raça, classe e sexualidade. As divergências entre as feministas ocorriam devido à falta de representatividade de grupos de mulheres que não possuíam voz dentro do movimento *mainstream*: mulheres não brancas (negras, asiáticas, latino-americanas, africanas); de baixo poder aquisitivo e nível de escolaridade; do terceiro mundo; e homossexuais. Esses grupos reivindicavam um movimento que as representassem, criando suas próprias organizações, alegando que suas situações também mereciam atos políticos e solidariedade entre as mulheres de modo geral. Em 1971, a NOW incluiu em suas pautas o apoio à causa lésbica, mas apenas reconhecendo que uma mulher não deve ser definida por sua orientação sexual. Dessa forma, surgem diferentes vertentes do feminismo, algumas baseadas nas correntes da primeira onda, outras oriundas de reivindicações críticas dentro e fora do próprio movimento. (DICKER, 2016).

O sexismo é visto como fonte de toda a opressão feminina. Assim, o novo movimento feminista inicia discussões sobre o gênero como construção social, por onde permeia a subjugação da mulher. A dominação masculina passa pelo campo do conhecimento, incluindo a área da linguagem. Uma revolução social seria feita através de uma revolução na conscientização feminina. Negar a opressão é

colaborar com ela. O ativismo radical focava no desenvolvimento de uma “cultura da mulher” através da exploração de sua arte, da literatura, da música e de experiências pessoais. Em consequência disso, ocorreu o constante incentivo a atos de rebelião tanto na área pública quanto privada. Segundo Whelehan:

Os escritos feministas radicais são conscientemente considerados inseparáveis das táticas de grupo, em vez de uma combinação discreta de uma posição filosófica abstrata. Teoria e prática, pessoal e político combinados deveriam ser os meios pelos quais as mulheres poderiam transformar seus estilos de vida, ao mesmo tempo em que militavam por transformação social.⁴⁰ (WHELEHAN, 1999, p. 73)

Para as radicais, o patriarcado significa mais do que a lei do homem, “ele significa um corpo governante de homens individuais que indiretamente influenciam as relações sociais e que poderiam ser simplesmente destronados em favor de estruturas de poder mais igualitárias”⁴¹ (WHELEHAN, 1999, p. 80). Papéis de gênero e estereótipos são vistos como efeitos do patriarcado e percebidos como produto da intenção consciente por parte de quem tem poder (homem) com a finalidade de manter sua posição à custa de quem não tem poder (mulher).

Para Schneir (1999), as feministas liberais e radicais concordavam em três aspectos e demandas: o direito ao aborto legalizado; o direito a escolas infantis acessíveis de baixo custo; e oportunidades educacionais e trabalhistas igualitárias.

Uma das críticas feitas ao movimento feminista até esse período (incluindo suas vertentes liberal, marxista e radical) é seu elitismo, representado basicamente por mulheres brancas, de classe média, escolarizadas e heterossexuais. Do descontentamento com as correntes vigentes do feminismo, outras vertentes específicas passaram a se formar com a finalidade de tornar outras parcelas de mulheres representadas.

A partir desse pressuposto, surgem os feminismos negro e lésbico. As mulheres negras não se sentiam satisfeitas pela parcialidade masculina adotada dentro dos movimentos *Black Power* e *Black Panthers* e pela falta de representatividade dentro dos feminismos liberal, socialista e radical. Sendo assim, criaram sua própria vertente do feminismo focada no tipo de opressão vivida pelas

⁴⁰ No original: Radical feminist writings are consciously deemed inseparable from group tactics, rather than as a discrete contribution to an abstract philosophical position. Theory and practice, personal and political combined were to be the means by which women might transform their lifestyles, at the same time as militating for social transformation.

⁴¹ No original: It connotes a ruling body of individual men who directly influence social relations and who could be quite simply dethroned in favour of more egalitarian power structures.

mulheres não brancas. Do mesmo modo, mulheres homossexuais não se sentiam representadas pelo movimento principal. Logo, queriam desafiar os estereótipos sexuais, encarando o lesbianismo como uma opção política.

De acordo com Whelehan (1999), surgido de certa falta de aceitação dentro da corrente principal do movimento, o feminismo lésbico tinha como objetivo identificar a heterossexualidade como fator significativo de opressão da mulher. Nesse sentido, mulheres homossexuais se sentiam excluídas do movimento feminista em geral, e seu foco de discussão se centrava em questões de sexualidade e corpo femininos. Criticavam a forma como certos comportamentos sexuais são considerados apropriados e reforçados na sociedade em detrimento da liberdade sexual e dos direitos das mulheres homossexuais. Essa vertente busca unir aspectos positivos do movimento gay e da política feminista.

A outra tendência surgida na segunda onda, o feminismo negro, expunha que essas mulheres não eram representadas pelo movimento feminista. Para elas, a palavra *sisterhood* tinha um caráter elitista e teórico. Muitas mulheres negras até então desempenhavam serviços domésticos e subalternos, e sua dupla carga de opressão era negligenciada pelo movimento central. Em 1973, foi criada a *National Black Feminist Organization* após um encontro organizado pela escritora Doris Wright para discutir a relação das mulheres negras com o movimento feminino. A organização facilitou o progresso em forma de conscientização direcionada às mulheres negras, provocando a desestabilização da hegemonia feminista branca. As mulheres negras se sentiam em um impasse: apoiar a questão racial ou a questão da mulher? Fazer uma escolha ajudaria a enfrentar apenas uma parte de seu problema. Elas teriam de começar sua própria política, explorando sua própria história, e criar um discurso que incorporasse problemas de raça e sexo. (WHELEHAN, 1999).

No campo da sexualidade, a vertente anglo-americana também discutia questões de gênero, entendido como construções socioculturais; porém falhava no quesito prazer sexual da mulher em relações sexuais. Já a vertente francesa discutia o tema de maneira mais ampla, principalmente utilizando o discurso psicanalítico. A teoria foucaultiana de que o comportamento sexual também era uma construção cultural e social foi abraçada por muitos grupos feministas, desafiando visões essencialistas sobre as relações sexuais.

Um dos ganhos da década de 1970 foi na área da educação, que se tornou mais acessível às mulheres. Em 1974, o governo federal autorizou a implementação de programas que combatiam o sexismo e colocavam a mulher como protagonista e alvo de estudos, como na nova área de *Women Studies*, voltada para os campos social, histórico, artístico e cultural em questões femininas. Em 1979, as feministas latinas Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa pediram contribuição por escrito de “feministas de cor” – utilizando uma tradução literal do inglês *feminists of color* - para a publicação de uma antologia dessas mulheres. O resultado foi a publicação do livro *This bridge called my back* (1981), redefinindo o feminismo ao incluir questões vivenciadas por mulheres negras e do terceiro mundo. Essa obra se tornou um trabalho pioneiro e incentivou algumas autoras a se engajarem na terceira onda a partir da década de 1990, tais como Audre Lorde, bell hooks e Alice Walker, a qual, inclusive, cunhou o termo *womanist*, referindo-se particularmente às mulheres negras, em detrimento do termo *feminist*. (SCHNEIR, 1999).

A construção da teoria feminista da época se baseia em autoras como Kate Millett, que traz à tona, com *Sexual politics* (1970), discussões acerca da posição secundária e estereotipada das heroínas dos romances de autoria masculina, das escritoras e das críticas no campo da literatura. A obra é considerada uma das mais influentes da época por argumentar que a causa principal da opressão feminina é ideológica. A mulher é inferiorizada tanto na esfera pública quanto na privada na sociedade patriarcal. Ademais, a autora trata de outras áreas como psicanálise, arte e filosofia a fim de explicitar como se deu a opressão feminina ao longo da história na sociedade ocidental, tocando em questões de educação, classe, religião e raça, entre outras, como no trecho:

Um dos principais efeitos da classe no patriarcado é colocar uma mulher contra a outra, criando, no passado, um vigoroso antagonismo entre prostituta e matrona e, no presente, entre a profissional e a dona de casa. Uma inveja a "segurança" e prestígio da outra, enquanto que a invejada anseia além dos limites da respeitabilidade pelo que considera ser a liberdade, a aventura e o contato da outra com o grande mundo. Por meio das múltiplas vantagens do duplo padrão, o homem participa dos dois mundos, capacitado por seus recursos sociais e econômicos superiores para jogar e manter as mulheres umas contra as outras como rivais.⁴² (MILLET, 2000, p. 38, grifo da autora)

⁴² No original: One of the chief effects of class within patriarchy is to set one woman against another, in the past creating a lively antagonism between whore and matron, and in the present between career woman and housewife. One envies the other her “security” and prestige, while the envied yearns beyond the confines of respectability for what she takes to be the other’s freedom, adventure, and contact with the great world. Through the multiple advantages of the double standard, the male

Na passagem acima, Millet fala sobre classe, já que esse quesito, assim como a raça, causam preconceito e rivalidade entre as próprias mulheres em nossa sociedade, fortalecendo o opressor por possuir cúmplices entre as próprias oprimidas, corroborando o que Simone de Beauvoir assegura:

Quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. (BEAUVOIR, 2009, p. 86)

Segundo Showalter (2009), outras obras como *The female eunuch* (1970), da australiana Germaine Greer, e *Sisterhood is powerful* (1970), da americana Robin Morgan, chamaram a atenção do público e da academia para uma nova geração de mulheres que se mostravam otimistas em relação às novas possibilidades de mudança nas relações entre os sexos. Intelectuais revisitaram, inclusive, obras de décadas passadas e as trouxeram para debate nas universidades, como foram os casos de *O segundo sexo*, *The awakening* e *A room of one's own*.

Ainda nos campos da teoria e da crítica literárias, foram publicadas obras essenciais para o entendimento histórico e cultural da literatura feminina ao longo dos séculos. *The female imagination* (1975), de Patricia Meyer Spacks e *Literary women* (1976), de Ellen Moers são obras que analisam o trabalho de poetisas e romancistas anglo-americanas e *A literature of their own* (1977), de Elaine Showalter, que oferece uma teoria sobre escritoras britânicas dos séculos XIX e XX, assim como *The madwoman in the attic* (1979), de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar. Segundo Showalter:

Tanto as escritoras americanas quanto as críticas feministas foram desafiadas a encontrar a vontade de mudar. Para as escritoras, o feminismo prometeu o fim do status de segunda classe, difamação crítica e autocensura. Significava a legitimação de sua criatividade; as mulheres não precisariam mais pedir permissão de pais, professores ou maridos para escrever.⁴³ (SHOWALTER, 2009, p. 442)

Funck observa que o novo interesse pela teoria foi também “incentivado pelo contato entre três correntes diferentes do feminismo: a norte-americana, com seu

participates in both worlds, empowered by his superior social and economic resources to play the estranged women against each other as rivals.

⁴³ No original: Both American women writers and feminist critics were challenged to find the will to change. For writers, feminism promised the end of second-class status, critical denigration, and self-censorship. It meant the legitimization of their creativity; no longer would women have to seek permission to write from parents, teachers or husbands.

viés sócio-histórico; a inglesa, com sua ênfase no marxismo e na cultura popular; e a francesa, de orientação psicanalítica” (FUNCK, 2016, p. 116). Além disso, segundo Deborah Madsen, na obra *Feminist theory and literary practice*, a teoria literária feminista da segunda onda possuía três objetivos principais: expor os trabalhos da estrutura de poder patriarcal onipresentes; promover a redescoberta de realizações históricas das mulheres; e estabelecer uma perspectiva feminina nas teorias crítica, literária, política, científica e filosófica das forças culturais que moldam nossas vidas. (MADSEN, 2000).

Em 1970, ativistas organizaram a *Women’s Strike for Equality* em comemoração aos cinquenta anos da ratificação da *Nineteenth Amendment*⁴⁴ e para expressar que não aceitariam mais a manutenção dos papéis de gênero num mundo em transformação social e política. Apesar da conquista do voto no início do século, as mulheres ainda sofriam muita opressão em diversos aspectos e continuavam a ser vistas como esposas e mães, funções de pouco *status* na sociedade. Cerca de 44% das mulheres trabalhavam fora e contavam com pouquíssimas creches, ainda ganhavam bem menos que seus maridos, em torno de 50% a menos, não podiam possuir cartão de crédito sem a permissão dos esposos, contavam com pouca ajuda em caso de violência doméstica, pois não havia delegacias especializadas em violência contra a mulher e a questão não vinha a público. (SCHNEIR, 1994).

Foi também na década de 1970 que termos como “violência doméstica”, “assédio sexual” e o pronome de tratamento “Ms.” (título que não revela o estado civil de uma mulher), em inglês, foram cunhados. Até então, a cultura do silêncio prevalecia entre as mulheres. A partir dessa época, com grupos de apoio e reuniões de conscientização nos Estados Unidos, assuntos tabus como estupro, aborto e violência contra a mulher passaram a ser discutidos abertamente. (SCHNEIR, 1994).

A *Women’s Strike for Equality* foi bem-sucedida em capturar a atenção da mídia, particularmente na cidade de Nova Iorque, comunicando os desejos do novo movimento, ecoando as marchas e os protestos da época da luta pelo sufrágio, de maneira pública. Em 1972, o *Rape Crisis Centre* foi inaugurado nos Estados Unidos, e, em seguida no Reino Unido. Eram centros de acolhimento, ajuda e aconselhamento para mulheres vítimas de estupro, reafirmando que essa era uma experiência coletiva, e não individual. (WHELEHAN, 1999).

⁴⁴ Emenda na Constituição norte-americana que concedeu o voto às mulheres em todo o território nacional, em 1920.

As feministas da segunda onda tinham menos fé na eficácia das reformas sob negociações e influências do discurso masculino, o qual continuava resistente a mudanças referentes às experiências femininas. As mulheres buscaram seu espaço, construindo seus próprios discursos. Apesar de diferentes correntes dentro do próprio movimento, havia uma convergência de pensamento em todas as linhas: mulheres sofriam injustiças por conta de seu sexo. A libertação feminina era uma tendência intelectual geral como resposta à opressão, concentrando-se em questões como trabalho doméstico, aborto, contracepção, família e divisão sexual do trabalho. A experiência feminina ganha importância na esfera pública, permitindo à mulher mais autonomia em suas escolhas. De acordo com Lerner (2019):

Com base em tais experiências, as mulheres começam a definir as próprias demandas e a desenvolver teorias. Em determinado nível, saem da androcentricidade na qual foram educadas e passam a colocar as mulheres no centro. Na área acadêmica, os Estudos das Mulheres buscam encontrar uma nova estrutura de interpretação interior à cultura histórica das mulheres, resultando em sua emancipação. (LERNER, 2019, p. 294)

A publicação de duas revistas feministas que se tornaram famosas e controversas por tratarem de assuntos tabus e pautas feministas também merece atenção. A revista norte-americana *Ms.* (1972-), criada pela jornalista e ativista Gloria Steinem e pela editora Patricia Carbine, tornou-se o primeiro periódico feminista *mainstream* do mercado editorial, tratando de temas como sexualidade, lesbianismo, contracepção, educação de crianças, trabalho etc. Na Inglaterra, a revista *Spare Rib* (1972 – 1993) se tornou uma revista de grande circulação e tratava de assuntos de interesse do movimento feminino, assim como a revista americana. (SCHNEIR, 1994). De acordo com Eagleton, ambas as revistas “passaram por uma gama de discursos sobre a mulher de forma que hoje pareceria espantoso”⁴⁵ (EAGLETON, 2007, p. 115). Em 1978, Steinem publicou na *Ms.* um texto irreverente chamado “If men could menstruate”, invertendo a noção de um acontecimento negativo e estigmatizado do corpo feminino para algo que seria um evento masculino invejável e “os homens se gabariam da duração e da quantidade [...]. Suprimentos sanitários seriam financiados pelo governo e gratuitos”⁴⁶ (STEINEM apud BATES *et al.*, 2005).

⁴⁵ No original: [...] traversed a range of discourses around women in a way that now seems quite startling.

⁴⁶ No original: Men would boast about how long and how much [...]. Sanitary supplies would be federally funded and free.

Com a chegada da década de 1980, escritoras, intelectuais, teóricas e críticas femininas já dispunham de prestígio no ambiente acadêmico, contribuindo para maiores representatividades coletivas e individuais da mulher na sociedade, sua história e tradição. O multiculturalismo começa a ganhar espaço nas ciências humanas e na literatura feminina, incluindo temas como minorias étnicas, raciais e imigrantes. A autora bell hooks publica *Ain't I a woman*, em 1981, ecoando Sojourney Truth e analisando o movimento feminista de seu início até os anos 1970, com ênfase dada à condição da mulher negra como sendo resultado da escravidão, portanto, da dupla opressão – racismo e sexismo – , afirmando que o movimento feminista até aquele momento havia sido elitista, branco, heterossexual e excludente. (SHOWALTER, 2009). É justamente na década de 1980 que “o acirrado debate antiessencialista, surgido a partir das minorias étnicas, coloca em xeque o conceito de ‘mulher’ como uma categoria homogênea e questiona a mulher branca e de classe média como representação hegemônica dessa categoria” (FUNCK, 2016, p. 324).

Em 1982, a aclamada escritora Alice Walker publica *The color purple*, um romance sobre a condição da mulher negra do sul norte-americano nas primeiras décadas de 1900. O romance epistolar conta a história de Celie, uma garota não alfabetizada, estuprada pelo padrasto, de quem engravida duas vezes durante a adolescência. Agressões físicas e psicológicas são uma constante nessa relação. Celie passa pela situação de ter seus filhos afastados de si e é obrigada a se casar com um homem a quem chamam de Mr., um viúvo que estava em busca de uma esposa para cuidar de sua casa e seus filhos.

Após o casamento, Celie continua a sofrer agressões por parte do marido abusivo e violento. Sua vida só começa a mudar com a chegada de Shug Avery, uma cantora de jazz, amante de seu marido, de quem tem que cuidar. Tornam-se amigas e, mais tarde, amantes e confidentes. Assim, Celie consegue se libertar de seu marido e seu infeliz casamento mudando-se com Shug e montando um negócio próprio. Além disso, descobre que sua irmã mais nova havia se casado e adotado os seus filhos, que haviam sido tirados dela pelo padrasto.

O romance recebeu o *Pulitzer Prize for Fiction*, em 1983, além de outros prêmios literários. Ganhou uma adaptação para o cinema e outra para o teatro. Apesar de todo o reconhecimento da importância de um romance forte afro-americano sobre a realidade social e local da mulher negra de classe desprivilegiada

em um ambiente rural do sul dos Estados Unidos, sua recepção crítica foi controversa. A linguagem vernácula afro-americana, a descrição de cenas explícitas de violência, a retratação da homossexualidade feminina e o estupro renderam críticas e censuras em várias escolas estadunidenses. No entanto, é um dos mais belos e clássicos romances norte-americanos de autoria feminina acerca de questões de raça, violência, sexualidade e classe.

Celie progride de criança abusada a esposa passiva (com Mr.) a parceira franca e igual (com Shug) (KELLY, 2003). Sua relação com Shug fornece a intimidade, o carinho e a resistência que a personagem precisava. Com esse romance, Walker questiona “construções sociais como heterossexualidade, monogamia, e casamento – e delineia um universo de relações no qual a habilidade de doar e experimentar o amor é mais importante para o crescimento individual do que *a quem se ama*”⁴⁷ (KELLY, 2003, p. 76, grifo da autora).

No ano de 1985, Sandra Gilbert e Susan Gubar lançam a *Norton anthology of literature by women*, em 2 volumes, contando com mais de 2000 páginas e 148 colaboradoras da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Austrália, do Canadá e outros países anglófonos, sobre a trajetória literária de diversas escritoras e o quanto lutaram para fazer parte da tradição literária de seus países.

Conforme ressalta Whelehan (1999), a partir de meados dos anos 1980, houve um novo declínio no movimento feminista por ter se tornado um discurso muito acadêmico e heterogêneo. É como se houvesse uma desconexão entre prática e teoria feministas. Tanto essa dicotomia quanto suas divisões internas foram motivos de crítica e crise. Diferenças de opiniões entre as escolas francesa e a anglo-americana levaram os debates a um desgaste pela presença de pensamento e críticas divergentes entre os grupos.

Em *Sexual/textual politics*, de 1985, Toril Moi atenta para o classismo do movimento *mainstream* feminista estadunidense e para o perigo de se considerar a mulher uma categoria única, teorizando-a sem considerar fatores hegemônicos

⁴⁷ No original: [...] questioning social constructs such as heterosexuality, monogamy, and marriage – and instead delineates a relational universe in which the ability to give and experience love is more important to one’s growth than *whom* one loves.

dentro do próprio movimento feminista⁴⁸. A autora já chama a atenção para os que eram considerados “feminismos marginais”:

Esses ‘feminismos marginais’ precisam evitar que as feministas brancas de classe média do primeiro mundo definam suas preocupações como problemas universais da mulher (ou feministas). A esse respeito, recentes trabalhos sobre as mulheres de terceiro mundo têm muito a nos ensinar. (MOI, 1985, p. 85)

Nos anos 1980, o cenário político se tornou mais conservador e o movimento feminista passou por uma nova reação negativa. Como exemplo, na Inglaterra, Margaret Thatcher contribuiu para o fortalecimento do conservadorismo na política e do individualismo. Nos Estados Unidos, o Partido Republicano ficou no poder de 1981 a 1992, com Ronald Reagan e George Bush, estabelecendo uma nova onda de direita conservadora no país. Valores tradicionais voltam a ganhar força na sociedade americana e o movimento feminista passa a ser responsabilizado pelo aumento nas taxas de divórcio e no número de mães solteiras. A palavra feminista ganha uma conotação negativa e algumas organizações deixaram de existir, havendo inclusive uma diminuição de associadas ao NOW (de 200.000 para 130.000). (SILVA, 2019).

Segundo Cochraine (2013), a segunda onda se baseou nas seguintes reivindicações: igualdade de educação e oportunidades de trabalho; liberdade de reprodução (métodos anticoncepcionais e direito ao aborto); disponibilização de cuidado infantil (creches) acessível; independência financeira legal; fim da discriminação contra mulheres homossexuais; direito de definir e viver sua própria sexualidade; e mudanças contra a violência ou intimidação sexual.

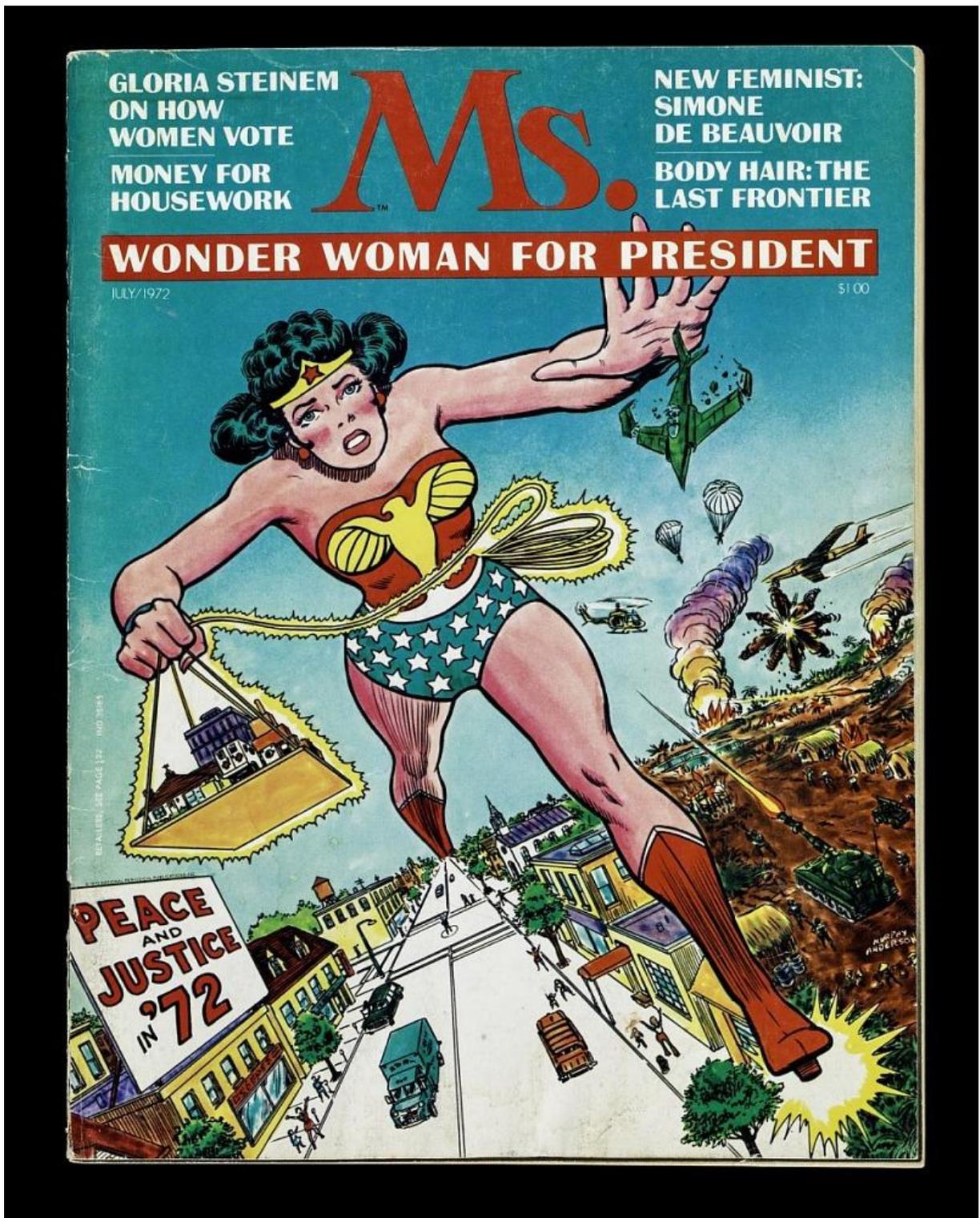
Mesmo não tendo alcançado todos os seus objetivos, a segunda onda ajudou a remodelar a relação da mulher com a sociedade. A mudança da segunda para a terceira onda, como veremos no próximo item, se deu tanto pela alternância de geração quanto pelas transformações política e tecnológica ocorridas no final da década de 1980. Porém, houve saldos positivos, tais como o amadurecimento do pensamento sobre o próprio movimento e seus desdobramentos e o fato de que agora a teoria, a literatura e a crítica feministas foram estabelecidas, reconhecidas e respeitadas na esfera acadêmica.

A partir desse momento, a mulher passou a ter respaldo teórico-filosófico para argumentar em favor de sua causa e lançar novos desafios que viriam a surgir nas

⁴⁸ A autora critica veementemente obras como *Sexual Politics* e *The feminine mystique* por seu caráter altamente classista e branco.

próximas décadas. A literatura, mais uma vez, se mostrou libertadora, por meio de grandes escritoras trazendo para a arte questionamentos e reivindicações dessa época de mudanças históricas nos Estados Unidos.

Figura 3 – Primeira capa da revista *Ms.*



Capa da primeira edição da revista norte-americana *Ms.*, em 1972.
 Fonte: NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY⁴⁹.

⁴⁹ Link: https://www.si.edu/object/ms-vol-1-no-1%3Anmah_1803345

1.5. A terceira onda e suas inclusões

The third wave consists of those of us who have developed our sense of identity in a world shaped by technology, global capitalism, multiple models of sexuality, changing national demographics, and declining economic vitality.

Rory Dicker

Na década de 1980, houve um novo *gap* no movimento feminista por conta do surgimento de governos fortes de direita no cenário europeu e norte-americano, a chamada *New Right*, cujos valores morais tradicionalistas e conservadores, principalmente em relação à família, contribuíram para o desgaste do feminismo, acusado de movimento “anti-família”, muitas vezes interpretado como vitimismo e abdicação de responsabilidade, cujo objetivo seria destruir a célula familiar, unidade básica da sociedade. (WHELEHAN, 1999).

Transformações significativas na política mundial entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990 formaram um campo fértil para uma mudança importante dentro do movimento feminista. A dissolução dos regimes militares ditatoriais na América Latina, ao longo dos anos 1980, a queda do muro de Berlim, em 1989, a dissolução da União Soviética, em 1991, foram alguns dos acontecimentos que mudaram a ordem mundial e o comportamento das pessoas.

No cenário norte-americano, um caso de assédio veio a público e fez a sociedade entender o quão distante ainda estava de atender as demandas femininas por justiça: a professora de direito Anita Hill denunciou Clarence Thomas, indicado à Suprema Corte pelo presidente George Bush, em 1991, por assédio sexual. Ele se dirigiu a ela várias vezes descrevendo seu órgão genital de forma explícita. Um detector de mentiras indicou que ele mentia em suas alegações de defesa. Mesmo assim, ele foi promovido e ganhou o cargo, enquanto ela foi repudiada e teve sua reputação manchada pela imprensa. (WHELEHAN, 1999). Esse caso funcionou como um gatilho para muitas teóricas e ativistas reconsiderarem seus papéis como críticas culturais e reivindicarem novas mudanças. (SILVA, 2019).

É justamente nesse período, entre o fim da década de 1980 e o início de 1990, que surge a chamada terceira onda feminista, com o objetivo de rever conceitos e diferenças promovidos pela segunda onda. A terceira onda abre o leque de discussões sobre a mulher na sociedade, abandonando a posição ideológica de vítima social e incluindo outras questões, antes consideradas marginais, em suas pautas principais, tais como cor, nacionalidade, etnia, posição social e diferenças sexuais. Além disso, critica-se a imagem feminina nas mídias e a linguagem usada em definições essencialistas do papel e da função da mulher na sociedade.

O multiculturalismo se evidencia nos Estados Unidos como uma característica do país, que recebeu ao longo de sua história, e continua a receber, imigrantes de todo o mundo. No campo dos estudos culturais, a globalização e a teoria pós-colonialista marcam as diferenças de poder entre colonizados e colonizadores em elementos como raça, nação, identidade cultural e classe dentro da literatura feminista. Segundo Showalter (2009), tornaram-se conhecidas escritoras imigrantes ou descendentes de imigrantes vindos de países latino-americanos, cujas obras revelam a experiência diaspórica dessas famílias em território estadunidense, marcada pela fusão cultural e linguística, pelo preconceito e pelo sentimento de não pertencimento em solo americano, já que constituem minorias étnicas desprivilegiadas, sendo consideradas mão de obra subalterna nos Estados Unidos.

Desse modo, a literatura latina entra em cena com escritoras como Julia Alvarez, de descendência dominicana, com seu romance *How the García girls lost their accents* (1991), e Sandra Cisneros, de descendência mexicana, com *The house on Mango Street* (1984). São representantes dessa literatura bilingue e multicultural que enriquece o espaço americano e dilui as fronteiras entre os países do sul e do norte ao reivindicarem seu lugar em ambas as culturas. Além disso, merecem destaque por serem vencedoras de prêmios literários e possuírem o devido reconhecimento no meio acadêmico.

Em seu livro de contos de 1991, *Woman Hollering Creek and other stories*, Cisneros mostra a mistura de línguas e culturas através de imagens e símbolos culturais em suas histórias, levantando questionamentos sobre a política de identidades da qual faz parte. A forte tradição da família patriarcal latino-americana é desafiada em contos como “Bien pretty”, em que a escritora retrata uma protagonista artista em busca de sua liberdade sexual, numa tentativa de subverter os papéis de gênero ganhando poder através da iniciativa sexual em vez de desempenhar o papel

de dona de casa e mãe. Em “The Marlboro man”, desconstrói a imagem do homem másculo, forte e heroico norte-americano da famosa propaganda de cigarros; e, em “Mericans”, desdenha do catolicismo fervoroso mexicano.

No campo teórico, também no início dos anos 1990, a estudiosa Naomi Wolf publica *The beauty myth* (1990), no qual discursa sobre como os padrões de beleza podem causar males à sociedade, em especial às mulheres, por serem estimuladas a adotar comportamentos considerados “femininos” e a buscar o físico ideal de acordo com a época em que vive. Além disso, a autora associa as indústrias da moda e dos produtos de beleza a comportamentos disfuncionais, como distúrbios alimentares e excesso de exercícios físicos, devido a pressões sociais:

Durante a última década, as mulheres violaram a estrutura de poder; enquanto isso, os transtornos alimentares aumentaram exponencialmente e a cirurgia estética se tornou a especialidade médica de crescimento mais rápido. Durante os últimos cinco anos, os gastos do consumidor dobraram, a pornografia se tornou a principal categoria da mídia, à frente dos filmes e discos legítimos juntos, e trinta e três mil mulheres americanas disseram aos pesquisadores que preferiam perder de dez a quinze libras a alcançar qualquer outro objetivo.⁵⁰ (WOLF, 1991, p. 10)

Donna Haraway, a respeito dos movimentos feministas anteriores, escreve um ensaio titulado “A cyborg manifesto”, em 1991, no qual critica as vertentes radical, liberal e socialista por não incorporarem outros feminismos considerados marginalizados, apesar de não negar a importância do corpo de conhecimento historicamente construído por essas correntes. Com seu manifesto feminista ciborgue, Haraway utiliza uma metáfora no intuito de afirmar que a mulher não faz parte de uma matriz única natural e universal, pois é um ser múltiplo, formado por várias facetas nas sociedades industriais modernas. Ela lança um olhar para a figura da mulher nos diversos ambientes onde há convivências sociais, a saber, a casa, o mercado, o trabalho, o Estado, a escola, a clínica-hospital e a Igreja, instituições em que as mulheres são vistas de cima para baixo sob a perspectiva de quem detém o poder nessas estruturas. Ademais, afirma que não há identificação do ser unitário nesses “locais”. A questão é a dispersão. A tarefa é sobreviver na diáspora. (HARAWAY, 1991).

⁵⁰ No original: During the past decade, women breached the power structure; meanwhile, eating disorders rose exponentially and cosmetic surgery became the fastest-growing medical specialty. During the past five years, consumer spending doubled, pornography became the main media category, ahead of legitimate films and records combined, and thirty-three thousand American women told researchers that they would rather lose ten to fifteen pounds than achieve any other goal.

Com o avanço da tecnologia do fim do século XX e com uma nova onda emergindo, Haraway afirma que:

Escrever é preeminente a tecnologia dos ciborgues, superfícies de gravura do fim do século XX. A política do ciborgue é a luta por linguagem e a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todos os significados perfeitamente, o dogma central do falocentrismo. Esse é o motivo pelo qual a política ciborgue insiste no barulho e advoga a poluição, regozijando-se nas fusões ilegítimas de animal e máquina.⁵¹ (HARAWAY, 1991, p. 177)

Em 1992, Rebecca Walker, filha de Alice Walker, publicou o ensaio “Becoming the third wave”, na revista *Ms.*, rememorando que a guerra não havia acabado e reivindicando o início da terceira onda pela liberdade das mulheres controlarem o próprio corpo e a própria vida. (DICKER, 2016). No texto, Rebecca Walker evidencia sua indignação em relação ao caso de assédio no parlamento estadunidense (Anita Hill e Clarence Thomas) e repudia o comportamento misógino do típico cidadão americano. Declara seu feminismo e convida todas a agirem de forma enérgica:

Ser feminista é integrar uma ideologia de igualdade e empoderamento feminino em cada aspecto da minha vida. É buscar clareza pessoal em meio à destruição sistêmica, é nos unirmos em sororidade com as mulheres quando muitas vezes estamos divididas, é compreender as estruturas de poder com a intenção de desafiá-las. Embora isso possa soar simples, é exatamente o tipo de posição que muitas de minhas colegas não estão dispostas a assumir. Então eu escrevo isso como um apelo a todas as mulheres, especialmente às mulheres da minha geração: deixe que a consagração de Thomas sirva para lembrar a você, como a mim, que a luta está longe de terminar. Deixe que a rejeição da experiência de uma mulher te dê raiva. Transforme esse ultraje em poder político. Não vote neles a menos que trabalhem para nós. Não faça sexo com eles, não parta o pão com eles, não os alimente se eles não priorizarem nossa liberdade de controlar nossos corpos e nossas vidas. Não sou uma feminista pós-feminista. Eu sou a Terceira Onda.⁵² (WALKER, 1992, p. 3)

⁵¹ No original: Writing is pre-eminently the technology of cyborgs, etched surfaces of the late twentieth century. Cyborg politics is the struggle for language and the struggle against perfect communication, against the one code that translates all meaning perfectly, the central dogma of phallogocentrism. That is why cyborg politics insist on noise and advocate pollution, rejoicing in the illegitimate fusions of animal and machine.

⁵² No original: To be a feminist is to integrate an ideology of equality and female empowerment into the very fiber of my life. It is to search for personal clarity in the midst of systemic destruction, to join in sisterhood with women when often we are divided, to understand power structures with the intention of challenging them. While this may sound simple, it is exactly the kind of stand that many of my peers are unwilling to take. So I write this as a plea to all women, especially the women of my generation: Let Thomas' confirmation serve to remind you, as it did me, that the fight is far from over. Let this dismissal of a woman's experience move you to anger. Turn that outrage into political power. Do not vote for them unless they work for us. Do not have sex with them, do not break bread with them, do not nurture them if they don't prioritize our freedom to control our bodies and our lives. I am not a postfeminism feminist. I am the Third Wave.

Foi também nesse ano que houve a fundação da *Third Wave Direct Action Corporation* (renomeada mais tarde para *Third Wave Foundation*) por Rebecca Walker e pela advogada trabalhista Shannon Liss, afirmando que o seu feminismo conecta explicitamente as questões da mulher com as de raça, classe e habilidade. Na política, onze mulheres concorreram ao Senado nos Estados Unidos, e cinco saíram vitoriosas, todas democratas, inclusive a primeira mulher negra a ser senadora, Carol Moseley Braun. Além disso, vinte e quatro mulheres haviam sido eleitas para a *House of Representatives*.

Essa geração é caracterizada por desafiar e questionar conceitos dos movimentos anteriores, principalmente por serem baseados nas experiências e no protagonismo das mulheres brancas, instruídas, de classe média e heterossexuais. Ademais, a terceira onda chama a atenção, segundo a professora e teórica Leela Fernandes, em “Unsettling ‘third wave feminism’” (2010), para as desigualdades que historicamente deram forma às relações entre as mulheres nos Estados Unidos. Essas relações nem sempre são fraternas, pois a posição social e a raça, por exemplo, fazem com que as próprias mulheres se discriminem em vez de se unirem e se ajudarem contra o sexismo.

Sendo assim, segundo Silva (2019), a terceira onda se inicia buscando o reconhecimento das diversas identidades femininas, compreendendo que as opressões sociais, mesmo que baseadas no sexo, atingem de maneiras diferentes mulheres que se encontram em condições distintas. A partir daí, o termo interseccionalidade ganha força dentro do movimento. O termo havia sido cunhado, em 1989, pela acadêmica da área do direito Kimberlé Crenshaw. Antes disso, a questão era tratada como dupla opressão.

Na série de estudos *Feminismos Plurais* (2017-), coordenada pela filósofa brasileira Djamila Ribeiro, a interseccionalidade foi objeto de um dos textos, escrito por Carla Akotirene. Esse conceito foi “pensado e criado por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros” (AKOTIRENE, 2018, p. 14). A teórica afirma que “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

O grande objetivo da interseccionalidade é reconhecer que nenhuma mulher vive a mesma vida que a outra, sem contar as diferenças entre nações, grupos e

culturas. O paradigma da interseccionalidade, segundo Leela Fernandes “forneceu uma ampla reconceitualização teórica sobre a natureza sistêmica de dominação e desigualdade com a finalidade de reparar o apagamento das mulheres de cor realizado por conceitos existentes” (FERNANDES, 2010, p. 103). Heloísa Buarque de Hollanda também explica o conceito:

Seu argumento partia da existência de infinitas formas de exclusões interseccionais, não apenas relativas às mulheres negras, mas também às deficientes, imigrantes, indígenas e outras variáveis discriminatórias. Nesse sentido, a afirmação do conceito de interseccionalidade seria um instrumento jurídico para promover uma forma de olhar para as múltiplas exclusões articuladamente e fazer justiça de forma mais criteriosa e legítima. (HOLLANDA, 2018, p. 246)

Acerca do assunto, Ellen Rooney, em “The literary politics of feminist theory”, afirma que:

O reconhecimento da impossibilidade de se falar ‘para as mulheres’ ou ‘como uma mulher’ sem a aceitação simultânea da qualidade ‘interseccional’ de cada localização do sujeito feminino significa que os movimentos feministas devem se orientar de outra forma exceto em relação a uma categoria unificada ou universal de mulher.⁵³ (ROONEY, 2006, p. 82, grifos da autora)

Um dos elementos essenciais para essa visão interseccional dentro dos estudos feministas é a questão do gênero. Em 1990, surge no ambiente acadêmico a teórica Judith Butler com duas obras iniciais icônicas a respeito do assunto, desafiando as noções binárias de masculino e feminino como essenciais. Em *Gender trouble* (1990) e *Bodies that matter* (1993), a autora explora a ideia da construção de gêneros através da linguagem e da performance atribuídas aos sexos, ou ao que ela denomina materialidades corporais.

Essa diferenciação entre sexo e gênero, apesar de não ter sido uma teoria inaugurada por Butler⁵⁴, é por ela levada a nível profundo de discussão filosófica, mudando o foco da investigação do termo “mulher” para “gênero”, ampliando, dessa forma, os questionamentos feministas acerca da materialidade dos corpos, da sexualidade, das construções históricas e culturais e dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Butler constrói sua teoria sugerindo “uma

⁵³ No original: This recognition of the impossibility of speaking “for women” or “as a woman” without a simultaneous acknowledgement of the “intersectional” quality of every female subject’s location means that feminist movements must orient themselves otherwise than in relation to any unified or universal category of woman.

⁵⁴ Termos utilizados pela primeira vez por Robert Stoller, em 1968, no livro *Sex and gender*, no campo das ciências da saúde, para diferenciar a condição biológica da comportamental. (BLACK, 2019).

descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros construídos culturalmente”⁵⁵ (BUTLER, 1999, p. 54). A filósofa questiona inclusive a noção binária de gênero (feminino ou masculino), não apenas de sexo (homem ou mulher), reiterando que não há motivos para presumir que só existem dois sexos ou dois gêneros. Como reitera Funck a respeito do assunto:

Assim, à concepção mais difundida de que gênero estaria em oposição a sexo para expressar o que é socialmente construído sobre o corpo biológico vem juntar-se outra bem mais complexa, que busca erradicar o dualismo base-estrutura que, até recentemente, dominou as ciências sociais e humanas. O questionamento sobre se os corpos não seriam também culturalmente construídos leva a outro entendimento de gênero. (FUNCK, 2016, p. 326)

Butler traz para a academia e para a crítica feminista o que hoje chamamos de *Queer Studies*, campo muito explorado teoricamente a partir de sua vasta obra. A teoria e a crítica feministas ganham um novo olhar filosófico ao não mais poderem considerar a mulher um ser universal do sexo / gênero feminino. Assim, conforme reitera Queiroz:

Uma das questões centrais para a crítica feminista no campo da literatura diz respeito à discussão em torno do sujeito que lê e do sujeito que escreve, bem como do estatuto dos personagens ficcionais, focalizados como *personae*, a partir de uma ótica circunscrita pela noção de gênero. (QUEIROZ, 1997, p. 103)

De acordo com a professora e teórica política R. Claire Snyder, em seu artigo “What is third-wave feminism?” (2008), a terceira onda se distingue da segunda por questionar o conceito “mulher”, por valorizar narrativas pessoais interseccionais e por não julgar as narrativas alheias.

A terceira onda também abraça a cultura pop com o intuito de empoderar as mulheres e abrir as discussões para o público em geral, já que, ao final da segunda onda, o academicismo e a teoria tomou conta do discurso feminista, ditando regras do que deveria ser politicamente aceito pelas mulheres. É indiscutível a importância da presença das questões feministas na academia, na filosofia, na política e na literatura. Porém, o que hoje podemos chamar de movimento *Girl Power* também passa a ser considerado um braço do feminismo, tendo entre suas adeptas estrelas da música e celebridades do cinema, como Beyoncé e Emma Watson. A mensagem é popular e ligada ao consumismo, portanto altamente criticada por feministas radicais. (BLACK *et al.*, 2019). Inicialmente, esse movimento foi inspirado no *Punk* feminino dos anos 1990, conhecido como *Riot Grrrl*, contando com bandas como

⁵⁵ No original: [...] a radical discontinuity between sexed bodies and culturally constructed genders.

Bikini Kill e L7, e seu objetivo era mostrar que as mulheres poderiam ser divertidas, independentes, empoderadas e irreverentes através da estética e das mensagens contidas em sua música. (CHARLOTTE; SØRENSEN, 2005).

Assim como na segunda onda, o corpo é revisitado e discutido a partir de novas visões teóricas, tais como a de Butler e de Elizabeth Grosz. Em sua obra *Volatile bodies* (1994), Grosz faz um apanhado filosófico sobre os vários significados que o corpo ganhou e critica os dualismos que o envolvem: masculino ou feminino, mente ou corpo, ativo ou passivo. A teórica propõe que “os traços de gênero associados à masculinidade e à feminilidade deveriam ser transformados e igualados através de uma transformação na ideologia. [...] O que precisa mudar são as atitudes, as crenças, e os valores, e não o corpo em si”⁵⁶ (GROSZ, 1994, p. 17). Dessa forma, “longe de ser um termo inerte, passivo, não-cultural e ahistórico, o corpo deve ser visto como um termo crucial, o local da contestação, em uma série de lutas econômicas, políticas, sexuais e intelectuais”⁵⁷ (GROSZ, 1994, p. 19).

De acordo com Snyder (2008), as mulheres da terceira onda, diante de vasta literatura produzida na segunda onda e de novas teorias, passam a se sentir livres para tomarem suas decisões e realizarem suas escolhas em relação à busca por prazer sexual, à feminilidade e à interação com os homens como iguais. A autora afirma que:

Ao ocupar posições de sujeitos femininos de maneiras inovadoras ou contraditórias, as mulheres da terceira onda estremecem narrativas essencialistas sobre homens dominantes e mulheres passivas e formam novas identidades dentro dos espaços de narrativas concorrentes. Não há um único modo de ser mulher.⁵⁸ (SNYDER, 2008, p. 185)

Essa onda é normalmente descrita por sua capacidade de abraçar contradições e oposições, marcada por uma geração de mulheres mais jovens engajadas no movimento. Essas mulheres já cresceram em um mundo modificado pela segunda onda. Havia agora um comprometimento com multiplicidades, a

⁵⁶ No original: [...] the associated gender traits of masculinity and femininity would, ideally, be transformed and equalized through a transformation in ideology. [...] What needs to change are attitudes, beliefs, and values rather than the body itself.

⁵⁷ No original: Far from being an inert, passive, noncultural and ahistorical term, the body may be seen as the crucial term, the site of contestation, in a series of economic, political, sexual, and intellectual struggles.

⁵⁸ No original: By occupying female subject positions in innovative or contradictory ways, third-wavers unsettle essentialist narratives about dominant men and passive women and shape new identities within the interstices of competing narratives. There is no one way to be a woman.

crença de que uma ampla gama de assuntos pode fazer parte do debate feminista com o objetivo de combater vários tipos de injustiças, não somente aquelas baseadas no sexo – de desigualdades sociais a ambientais e econômicas. (DICKER, 2016).

A AIDS também entra na pauta de discussões e desmistificações, em uma tentativa de diminuir o preconceito contra a doença e de incentivar as mulheres a buscarem por cuidados para a sua saúde e segurança, como a exigência do uso de preservativo por parte do parceiro sexual. Outra questão que volta a ser discutida é o direito ao aborto, tema discutido desde a segunda onda, na década de 1970. Os argumentos a favor da interrupção da gravidez passam pelos campos público – na forma da lei – e privado – a escolha individual. Segundo os pesquisadores Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli:

O aborto ganha destaque na agenda feminista [...] no âmbito da defesa da liberdade sexual. O acesso à informação e recursos que permitam que as mulheres escolham se e quando serão mães é, por essa ótica, como na dos direitos reprodutivos, fundamental para uma maior igualdade com os homens. (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 124)

Segundo Showalter, na década de 1990, as escritoras já haviam superado as três fases que ela mesma denominou: “feminina”, “feminista” e “da mulher” para atingir o patamar “livre”. Com isso, a mulher está inserida em um estágio em que escreve sobre qualquer assunto, não somente “literatura feminina”.

A sororidade não é mais um tema central na escrita feminina. Novos temas ganham força, tais como: ecologia, identidade nacional, diáspora, símbolos culturais e mudanças sociais. Ainda de acordo com Showalter (2009), a mulher domina o mercado editorial de ficção nessa década, contando com 70 a 80% do público leitor. A literatura de autoria feminina já faz parte do cânone literário, inclusive a literatura feminista.

A década de 1990 conta com liberdade estética e variado público leitor entre as mulheres, com a inserção de novas mídias e formas de circulação de livros, como a internet. Além disso, novos gêneros literários ganham popularidade entre o público feminino, como histórias em quadrinhos. Podemos citar ainda os livros de memórias, a literatura chicana e o gênero gótico, nos quais o corpo simboliza o lugar do confronto, da dor e da história. Exemplos de narrativas pessoais, que inclusive ganharam uma versão cinematográfica, são as controversas obras *Girl, Interrupted* (1993), de Susanna Kaysen e *Prozac nation* (1994), de Elizabeth Wurtzel, que lidam

com questões psiquiátricas, sempre tão presentes na vida e na literatura das mulheres desde o século XIX, como vimos anteriormente. (SHOWALTER, 2009).

No livro de memórias de Susanna Kaysen, ela relata, de forma não linear, sua experiência em uma clínica particular psiquiátrica após uma tentativa de suicídio através da ingestão de comprimidos com álcool. A promessa era um tratamento de poucas semanas, porém sua estada no manicômio foi de 18 meses. O livro é autobiográfico, narrado em primeira pessoa, e possui páginas de seu relatório de internação “voluntária”, onde constam suas informações pessoais e as anotações médicas. A autora conseguiu na justiça o acesso aos prontuários médicos de sua internação, todos reproduzidos no livro. (MARSHALL, 2006).

Já na primeira seção do livro, deparamo-nos com a figura autoritária do médico da família dessa moça de 18 anos, judia, de classe média, que havia tomado medicamentos em excesso. O diálogo é impactante pela forma abrupta em que é levada a se internar:

- Tem uma cama pra você, ele disse, será apenas um descanso. Só por algumas semanas, ok? Ele soou conciliatório, ou suplicante, e eu estava com medo.
- Irei na sexta-feira, eu disse. Era terça-feira; talvez até sexta eu não iria querer.
- Ele veio pra cima de mim me empurrando com a barriga. – Não. Você vai agora.
- Eu achei isso injustificável. – Eu tenho um almoço marcado, eu falei.
- Esqueça, ele disse, você não vai almoçar. – Você vai pro hospital. Ele me olhou triunfante.⁵⁹ (KAYSEN, 1993, n.p.)

Dessa forma, em *Girl, interrupted*, a escritora conta sua própria trajetória como paciente nessa clínica, assim como a história de outras jovens com quem convive. O relato se passa na década de 1960, no Hospital McLean, onde foi diagnosticada com distúrbio de personalidade *borderline*. A escritora narra como esse tipo de isolamento e “descanso” interrompeu sua adolescência, formando um abismo entre essa fase e a vida adulta.

Cada capítulo do livro é um episódio, ou uma vinheta, sem que fique clara a sequência ou uma lógica narrativa, porém em cada divisão há momentos de reflexão da protagonista acerca da loucura, da vida em família, da condição de ser uma

⁵⁹ No original: “I’ve got a bed for you,” he said. “It’ll be a rest. Just for a couple of weeks, okay?” He sounded conciliatory, or pleading, and I was afraid.

“I’ll go Friday,” I said. It was Tuesday; maybe by Friday I wouldn’t want to go.

He bore down on me with his belly. “No. You go now.”

I thought this was unreasonable. “I have a lunch date,” I said.

“Forget it,” he said. “You aren’t going to lunch. You’re going to the hospital.” He looked triumphant.

jovem mulher de classe média na sociedade americana e da autoridade médico-masculina - já que, como ela deixa claro, os médicos eram homens e as enfermeiras e cuidadoras, mulheres. A questão familiar é questionada pela protagonista, que percebe um elemento recorrente em seu meio:

Lunáticas são semelhantes a rebatedores designados. Frequentemente uma família inteira é louca, mas já que não se pode levar uma família inteira para o hospital, uma pessoa é designada como louca e vai para lá. Então, dependendo de como o resto da família está se sentindo, aquela pessoa é mantida presa ou é arrancada de lá, para que se prove algo sobre a saúde mental da família.

A maioria das famílias provava a mesma premissa: *nós não somos loucos; ela é a louca.*⁶⁰ (KAYSEN, 1993, n.p., grifos da autora)

Acusar a mulher de louca por conta de seu comportamento e promover seu isolamento facilitava a vida da família que podia pagar para se livrar do “problema” diante de si. Elizabeth Marshall (2006) observa que entre os acontecimentos relatados e a escrita do livro de memórias, passaram-se 25 anos, de modo que Kaysen pôde olhar para trás e refletir como foi tratada e sobre as mudanças ocorridas ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito à loucura e à vulnerabilidade de uma jovem mulher na época em que ficou internada na Clínica McLean, em Belmont, Massachussets (onde também foi internada Sylvia Plath), por motivos como: promiscuidade, por ter tido relações sexuais com um professor; e tendências suicidas, por ter tomado aspirinas com vodca. Segundo Marshall, “Kaysen localiza a pressão nos modos como sua resistência às instituições da família e da escola são vistas como falta de auto-estima, como particulares, em vez de rebelião contra as normas sociais repressivas”⁶¹ (MARSHALL, 2006, p. 123).

Essa estada em um chamado *loony-bin* (hospício) é encarada como uma viagem em um universo paralelo, algo como um buraco negro, onde Kaysen teve que permanecer, de acordo com sua própria avaliação, por representar um perigo para si mesma, e não para a sociedade. Quando deixa a clínica, é “recompensada” com um casamento arranjado. Deixa uma instituição, o hospital, para entrar em

⁶⁰ No original: Lunatics are similar to designated hitters. Often an entire family is crazy, but since an entire family can't go into the hospital, one person is designated as crazy and goes inside. Then, depending on how the rest of the family is feeling, that person is kept inside or snatched out, to prove something about the family's mental health.

Most families were proving the same proposition: *We aren't crazy; she is the crazy one.*

⁶¹ No original: Kaysen places pressure on the ways in which her resistance to the institutions of family and school are read as a lack of self-esteem, as private, rather than as a rebellion against repressive social norms.

outra, o casamento. Dessa forma, sua “má conduta” é controlada pela família e pela clínica.

Esse controle do comportamento feminino e sua conseqüente demonização ou patologização, estando presente há séculos na vida da mulher, ora bruxa, ora louca, é descrito por Foucault, em *Microfísica do poder*, da seguinte forma:

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘Vocês são apenas o seu sexo’, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. “Vocês são a doença do homem” [...], chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência. (FOUCAULT, 1998, p. 131)

Uma das formas de denunciar os abusos psiquiátricos cometidos contra as mulheres, nos anos 1990, foi através dos livros de memória. Além de *Girl, interrupted* e *Prozac nation*, podemos citar *The loony-bin trip* (1990), da já citada teórica feminista Kate Millet, que foi internada e diagnosticada como maníaca depressiva, em 1973.

A partir da década de 1990, ocorre ainda o estabelecimento de causas que importam às feministas de terceiro mundo: questões de orientação sexual, raça, etnia e classe como determinantes da opressão que vivenciam. Seria, portanto, essencial entender suas raízes e seu engajamento, reconhecendo que a noção de *sisterhood* não é fácil; porém, é necessário ouvir outros pontos de vista e aprender com quem experimenta a opressão de forma diferente. Vale enfatizar que há múltiplas vozes no movimento feminista. As feministas de terceiro mundo realçam que a questão da identidade feminina é interseccional e todos os seus aspectos devem ser levados em consideração, incluindo as pessoas transgêneros, pois correspondem a mais uma diversidade e diferença na composição da identidade pessoal relacionada ao gênero. Elas estão mais interessadas, nessa fase do movimento, em examinar as diversas identidades individuais do que a política da identidade de maneira geral. (SNYDER, 2008).

Joel Birman afirma que a militância pelos direitos da mulher entreabriu inquestionavelmente um outro horizonte para as mulheres e que o discurso feminista foi a condição concreta de possibilidades sociais para a figura da mulher, “esboçando para ela um novo comprimento de onda para a escuta de seus direitos e demandas” (1999, p. 83). Bourdieu reafirma tal constatação ao observar que:

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo

menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado. (BOURDIEU, 2012, p. 106)

Nos anos 2000, novas associações passaram a existir, tais como a *Sylvia Rivera Law Project*, criada em 2002, que apoia pessoas transgêneros e intersexuais. Em 2005, um grupo e *website* chamado *Hollaback!* foi criado com a intenção de auxiliar mulheres online, protestar contra o assédio nas ruas e tentar tornar os espaços públicos mais seguros. A organização conta com a tecnologia no sentido de capturar imagens de assédio em locais públicos pelo público em geral e denunciar a situação com provas visuais através de mídias sociais. (DICKER, 2016).

Além disso, surgem diversos blogs e websites direcionados ao tema, tais como *Feministing*, *Jezebel*, *Feministe*, *about-face.org*, os quais expõem problemas que as mulheres ainda precisam enfrentar e novas questões surgidas com o advento e a popularização da internet.

Uma escritora que surge no âmbito anglófono nos anos 2000 é a vencedora de prêmios literários Chimmamanda Ngozi Adichie. Nigeriana, vive entre a Nigéria e os Estados Unidos. Escreve ensaios, contos, romances e realiza palestras sobre ser uma mulher negra, imigrante e feminista no século XXI. Sua primeira apresentação para o *Ted Talks*⁶², “The danger of a single story”, em julho de 2009, foi um sucesso imediato e chamou a atenção para sua literatura e seu ativismo. Na palestra e ensaio “We should all be feminists” advoga contra o sexismo e transmite a mensagem de que tanto mulheres quanto homens sofrem com o machismo e com os papéis de gênero impostos a todos. (BLACK, 2019; MACCAN, 2019).

Adichie começou a publicar ficção quando fazia mestrado em escrita criativa nos Estados Unidos. Em 2009, após dois romances publicados e um Orange Prize, publicou uma coletânea de contos chamada *The thing around your neck*, composto por histórias que se passam na Nigéria ou na América. Seus contos retratam a vida de mulheres e seus problemas identitários devido a processos diaspóricos. Em entrevista concedida ao site *imagejournal.org*, em 2010, a escritora reafirma que suas histórias se baseiam na questão da nacionalidade, da identidade e da imigração, mas que, apesar de ter vivido parte de sua vida nos Estados Unidos, não se considera uma imigrante. Segundo ela:

⁶² Organização sem fins lucrativos que promove conferências em vários países e línguas sobre os mais diversos assuntos. As conferências são exibidas em forma de vídeos curtos online. (*ted.com*)

Eu realmente acho que sou bem diferente de muitos dos personagens sobre os quais escrevo, que de várias maneiras eu sou mais sortuda. Eu não me vejo como imigrante. Eu sou nigeriana. Eu tenho um passaporte nigeriano, mas passo muito tempo nos EUA. Considero os EUA minha segunda casa por conveniência, e está perto do meu coração, mas a Nigéria ainda é meu lar. É na Nigéria onde me sinto mais investida emocionalmente. Os olhos com os quais eu vejo o mundo são nigerianos. Às vezes aqui nos Estados Unidos eu vejo coisas que me fazem balançar a cabeça e dizer, 'só na América'.⁶³ (ADICHIE, 2010, n.p.)

Feministas mais jovens defendem o advento de uma quarta onda do feminismo a partir de 2012, por conta dos seguintes fatores: denúncias contra abusos sexuais e violência contra a mulher em ambientes digitais, o grande número de seguidoras e militantes nesse espaço e várias manifestações nas ruas elaboradas a partir de *hashtags* levantadas por ativistas. O movimento se torna sincronizado e mundial. Rory Dicker (2016) diz não declarar o fim da terceira nem a existência de uma quarta onda, embora reconheça que as mulheres podem se engajar em movimentos feministas através das redes sociais. No entanto, essas ativistas continuam a trabalhar para que as mulheres tenham acesso a programas de saúde, principalmente mulheres mais pobres, não brancas e transgêneros.

⁶³ No original: I do think I'm quite different from many of the characters I write about, that in many ways I am more fortunate. I don't see myself as an immigrant. I am Nigerian. I have a Nigerian passport, but I spend a lot of time in the U.S. I consider the U.S. my second home of convenience, and it's close to my heart, but Nigeria is still home. Nigeria is where I feel most emotionally invested. The eyes with which I look at the world are Nigerian. Sometimes here in the U.S. I see things that make me shake my head and say, "Only in America."

Figura 4 – Manifestações contra Judith Butler no Brasil



Manifestantes conservadores protestando em frente ao SESC Pompeia onde Judith Butler, ícone da teoria feminista a partir da terceira onda, realizou uma palestra em São Paulo, em novembro de 2017. Fonte: UOL NOTÍCIAS⁶⁴.

⁶⁴ Link: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/07/manifestantes-protestam-contra-filsofa-americana-judith-butler-em-sao-paulo.htm>

1.6. A quarta onda: questões em aberto e o mundo digital

If feminism wasn't powerful, if feminism wasn't influential, people wouldn't spend so much time putting it down.

Jessica Valenti

No início do século XXI, com a popularização da internet, das redes sociais e dos blogs, discussões e textos acerca de temas como violência contra a mulher, assédio sexual e estupro passaram a ser divulgados de forma mais abrangente e rápida. Ameaças de estupro, piadas misóginas e assédios sexuais se tornaram visualmente explícitos, assim como a revolta contra esse tipo de comportamento “normalizado” em nossa sociedade e aceito ou entendido como meras “cantadas”. Outro assunto que entra no debate feminista com mais afinco é a culpabilização da vítima em casos de assédio e estupro, devido a seu comportamento e/ou vestimentas.

Em 2013, as estudantes universitárias Annie Clark e Andrea Pino expediram uma reclamação contra a Universidade da Carolina do Norte pelo tratamento dado em relação a casos de abuso sexual. Elas criaram o grupo *End Rape on Campus* com a finalidade de oferecer ajuda e recursos para as vítimas desse tipo de violência e suas respectivas famílias. Esse e outros casos de violência sexual contra a mulher deram início a um novo ativismo com o intuito de combater a chamada “cultura do estupro”. (DICKER, 2016).

De acordo com Kira Cochrane em *All the rebel women* (2013), um *Tumblr* chamado *Don't get raped* é criado pela autora Kate Harding. Nesse ambiente, combate-se a ideia absurda de que quem tem que evitar o estupro é a mulher e não os criminosos que perpetuam tal prática e nem sempre são punidos. Ela passou a incluir links de relatos de estupro e a titulá-los com situações a serem “evitadas”, como: “Não vá à faculdade. Não vá ao aeroporto. Não esteja dentro ou perto de sua própria casa. Não dê uma caminhada em plena luz do dia. Não tenha um vizinho entediado que assista pornô pesado”⁶⁵ (COCHRANE, 2013, n.p.). Além disso, parte

⁶⁵ No original: Don't go to college. Don't go to the airport. Don't be in or around your own house. Don't take a walk in broad daylight. Don't have a neighbour who's bored and into heavy porn.

do problema é atribuída ao fato de que casos de estupro não são sempre relatados para a polícia ou não chegam ao conhecimento familiar ou público, isso porque a vítima, além de ser desacreditada, é também considerada culpada pelo crime. O simples medo do estupro limita a liberdade da mulher.

Em 14 de fevereiro de 2013, demonstrações em mais de 200 países, chamadas de *One Billion Rising*, foram motivadas por estatísticas da ONU, segundo Kira Cochrane (2013), as quais demonstram que uma em cada três mulheres foram ou serão espancadas ou estupradas durante sua vida, representando um bilhão de mulheres em todo o mundo. A idealizadora das demonstrações afirma que vivemos uma pandemia de estupros, a qual não é tribal, regional ou religiosa de grupos minoritários. É resultado do patriarcado e é mundial.

Em Manchester, na Inglaterra, quando ainda era uma adolescente de 16 anos, Jinan Younis, ao passar por situações infelizmente comuns pelas ruas das cidades, como ser perseguida por um homem à noite e ser alvo de abuso verbal por homens em um carro que passava por ela em Cambridge, resolveu formar um grupo feminista na escola, em 2011, para debater e tentar combater situações relacionadas a abusos físicos, verbais e emocionais sofridos por mulheres. Elas discutiam questões como relacionamentos abusivos, pressões sexuais, preocupações com o corpo e distúrbios alimentares. Entretanto, a partir de 2013, foi rechaçada online e começou a fazer campanhas em várias outras escolas na Inglaterra. Ainda em escolas inglesas, Yas Necati iniciou o *Campaign4Consent* como projeto de educação sexual nas escolas. Baseada em sua própria experiência de vida, ao ter sido estuprada aos 12 anos de idade, ela explica como se sentiu: “Realmente acabou com minha autoconfiança. Acho importante educarmos as futuras gerações sobre isso, principalmente com a explosão da pornografia na internet, que é bem entusiasta em relação ao estupro”⁶⁶ (COCHRANE, 2013, n.p.). Ela chama atenção ainda para o fato de que o acesso à pornografia é facilitado e ocorre de maneira precoce pelo uso do smartphone ao alcance das mãos 24 horas por dia no cotidiano de crianças e adolescentes, que passam a ter uma visão distorcida da relação sexual.

⁶⁶ No original: [...] “it really knocked my confidence. I think it’s important that we educate future generations about this, especially with the explosion of internet pornography, which is so rape-enthusiastic.”

Também na Inglaterra, uma mulher chamada Nimko Ali conta como, aos seis anos de idade, foi levada pelos pais para a Somália para realizar uma mutilação genital tipo três – a mais severa. Anos mais tarde, ela se identificou com o movimento feminista e, em 2010, fundou o grupo *Daughters of Eve*, dedicado a campanhas contra a mutilação genital e a ajudar sobreviventes dessa violência, dando-lhes suporte psicológico. Em 2011, começou a falar publicamente sobre sua experiência e também sofreu represálias, ameaças de morte e tentativas de assassinato. (COCHRANE, 2013).

Esses e outros tantos casos que vieram a público em vários países do mundo em torno dos anos 2011 a 2013 fizeram com que surgisse uma nova movimentação feminista mundial. Consequentemente, há novas formações de grupos, associações, protestos, paralisações e, principalmente, manifestos online. As mulheres estavam abrindo os olhos para questões de misoginia e sexismo em suas formas mais explícitas e cruéis, começando a combatê-los de forma também radical.

A fundadora do *Everyday Sexism Project*, a inglesa Laura Bates, em conjunto com as ativistas norte-americanas Soraya Chemaly e Jaclyn Friedman, começaram a fazer campanhas contra páginas e grupos de conteúdo misógino no Facebook, obtendo sucesso e suporte entre as seguidoras através de *tweets*. Essa e outras campanhas na internet estão capacitando pessoas a agirem sobre diversas questões instantaneamente, pois novos grupos são criados diariamente. São grupos, páginas, blogs e perfis criados especificamente para relatar, expor e denunciar casos de violência doméstica, banalização do estupro, imagem da mulher na mídia e no showbusiness, como o grupo *Go Feminist!*.

Outro grupo famoso por protestos em *topless* é o ucraniano *Femen*, cujas ativistas confrontam políticos e religiosos com o intuito de combater o que interpretam como os três pilares do patriarcado: a indústria do sexo, a religião e as ditaduras.

Segundo Cochrane (2013), as grandes perguntas sobre a quarta onda são: Por que ela está aumentando? Como ela vai mudar o mundo? Será que as três ondas anteriores davam conta de todas as condições culturais? O fato é que a chamada quarta onda pode se aplicar mundialmente por conta de seu apelo no ambiente digital, além do crescente número de denúncias e relatos oriundos de praticamente todos os países e de diferentes contextos socioculturais.

O anonimato propiciado pelo ambiente virtual também encoraja mulheres a contarem suas histórias sem precisar expor suas identidades, facilitando o compartilhamento de relatos nunca revelados. O imediatismo digital fornece o compartilhamento de experiências pessoais negativas, ao mesmo tempo em que divulgam novas legislações, recursos de apoio e ajuda a mulheres em diversas situações de opressão, tanto cisgêneros quanto transgêneros. Há também um aumento na propagação de ataques verbais de ódio contra mulheres e pessoas trans e o compartilhamento de vídeos e fotografias íntimas de garotas e mulheres, sem permissão, com o intuito de constranger e chantagear a vítima. Tal prática está sendo chamada de *revenge porn*.

O lado positivo do acesso ao ambiente digital é que a circulação de ideias feministas foi facilitada. Se antes do advento da internet era difícil o acesso à escrita e teoria feminista, hoje o boom dos blogs, websites, grupos e vozes nas redes sociais mudou a antiga realidade, tirando as questões feministas do academicismo e trazendo-as para as discussões culturais principais. Em *Digital feminist activism* (2019), Mendes *et al.* afirmam que *hashtags* se tornam cada vez mais populares, principalmente para denunciar casos de estupro e assédio e para divulgar o nome dos perpetradores. Podemos citar #BeenRapedNeverReported, #YesAllWomen e #MeToo. Além disso, o objetivo desse ativismo é educar o público sobre a chamada “cultura do estupro” em que vivemos, conceituada como a tolerância e a normalização da violência sexual contra a mulher em nossa sociedade.

Mesmo após o surgimento das terceira e quarta ondas, ainda se revela essencial o entendimento de que o que enfrentamos não é um problema individual, mas coletivo, apesar das diferenças e diversidades; por isso, estruturas de poder devem ser combativas politicamente de forma conjunta. As *hashtags* nos ajudam a enxergar que a maioria das mulheres não denunciam seus abusadores, deixando claro que os números devem ser mais elevados do que as estatísticas mostram. (MENDES *et al.*, 2019). Assim, vários mitos são desconstruídos, inclusive o de que o perpetrador é um desconhecido. Em muitos casos relatados a partir de *hashtags*, percebe-se que o abusador é o próprio marido ou um colega de trabalho.

Há vários exemplos de websites que se tornaram referências em assuntos feministas por contar com um número expressivo de seguidores (as) / leitores (as), de compartilhamentos e participações. Um deles é o britânico *The F word*. No Brasil, podemos citar o *Não me Kahlo* e o *Todas Fridas*. Na França, a feminista Caroline de

Haas, que trabalhava como conselheira feminista para o governo francês, formou o grupo *Osez le Féminisme*, em 2009, que hoje conta com uma página homônima, e acredita que a mudança política só é possível de acontecer com o poder das massas, por isso deve haver organização para que as mulheres sejam ouvidas. Nos Estados Unidos, podemos citar o blog *Feministing.com*, iniciado em 2004 pela escritora Jessica Valenti (hoje escrito por outras colunistas).

Em entrevista ao *New York Times*, Valenti (2009) diz acreditar que a quarta onda é, na verdade, formada por várias ondas e movimentos, mas o que conecta as ativistas é a organização online. Esse é um dos elementos que diferencia a terceira da quarta onda: a voz das mulheres é potencializada pelas possibilidades tecnológicas, não somente a internet, mas a facilidade de produção de vídeos e fotografias que comprovam abusos.

A questão da interseccionalidade continua a ser um dos conceitos principais na quarta onda, levando em conta, como já foi observado, como as múltiplas opressões interagem, explicitando quem somos devido a raça, gênero, etnia, sexualidade, localização geográfica, habilidades, religião, cor, classe etc. A diferença é que a quarta onda se mostra mais prática do que acadêmica quando comparada às ondas anteriores. Segundo Cochrane, “muitas daquelas que se descrevem como feministas interseccionais falam sobre conferir seus privilégios – reconhecer onde estão nas estruturas sociais de poder e assegurar que advogam e dão espaço para aquelas que são marginalizadas”⁶⁷ (COCHRANE, 2013, n.p.). Mesmo assim, continua havendo falta de representatividade de alguns grupos de mulheres em espaços políticos, além de sua estereotipização na grande mídia, a exemplo da erotização de mulheres negras em clipes de música de *rappers* norte-americanos, alvo inclusive de uma campanha titulada *Rewind & Reframe*. (COCHRANE, 2013).

Porém, com a facilidade do compartilhamento online, pode-se encontrar algo no feminismo que represente diferentes grupos de interesses nos quais as mulheres podem se incluir com mais abrangência. Em muitos países, mulheres e homens são considerados iguais perante a lei, mas nas práticas sociais isso não se aplica, haja vista o comportamento e as atitudes machistas que se perpetuam em nossa sociedade, desde uma representação erotizada do corpo feminino em uma página

⁶⁷ No original: Many of those who describe themselves as intersectional feminists talk about checking their privilege – recognising where they stand in social power structures and ensuring they advocate and make space for those who are marginalized.

de revista até o número absurdo de estupros e feminicídios que ocorrem todos os dias em países como o Brasil, por exemplo.

Como aponta Silva (2019), um acontecimento em relação ao julgamento feito contra as mulheres no Canadá, em 2011, por um policial, deu início a uma parada chamada *Slutwalk* (no Brasil, Marcha das Vadias). O oficial afirmou, ao falar sobre segurança, na Universidade de York, que as mulheres deveriam deixar de se vestir como vadias para evitar ataques sexuais, o que gerou uma manifestação em Toronto. A partir de então, o movimento se internacionalizou com a intenção de protestar contra a crença de que a vítima de um estupro é a culpada pelo ato por conta da maneira como se veste. Uma de suas fundadoras, Heather Jarvis, relata que ocorreram apenas seis semanas entre a ideia e os protestos em si, com a criação de uma página no Facebook, uma conta no Twitter e um site no WordPress com a finalidade de compartilharem informações. Rapidamente, receberam mensagens de mulheres de vários países relatando a mesma questão, iniciando assim um movimento de maior alcance, sobre o qual Jarvis afirma: “A parada ainda estava para acontecer, e já estava se tornando um movimento, um sinal do quão rápida uma mensagem forte pode viralizar”⁶⁸ (COCHRANE, 2013, n.p.).

Com a efervescência do interesse no feminismo renovada a partir de 2012, associado ao uso intensificado das plataformas de redes sociais, pode-se dizer que estamos vivendo uma quarta onda. O avanço das tecnologias de comunicação e informação estão sendo usadas para contestar a misoginia, o machismo, a LGBTQIA+fobia, a violência doméstica e outros crimes contra a mulher. Ao se apropriar do ambiente virtual, as manifestações feministas atingem um número expressivo de pessoas globalmente, especialmente grupos mais jovens e inclusive de culturas periféricas. (SILVA, 2019).

A violência de gênero nos ambientes público e privado ganhou um espaço de denúncia. Em 2015, uma adolescente argentina, chamada Chiara Páez de 14 anos, grávida, foi assassinada pelo namorado de 16 anos e enterrada com a ajuda dos pais do adolescente. O crime gerou protestos e um bordão, *Ni una menos*, além de marchas pela vida das mulheres. Apenas um ano mais tarde, também na Argentina, outra jovem, Lucía Perez, de 16 anos, foi drogada, violentada e morta por dois

⁶⁸ No original: The rally was yet to be held, and already it was becoming a movement, a sign of how quickly a strong message can now go viral.

homens, de 23 e 41 anos, causando grande revolta e tornando o *Ni una menos* um movimento internacional.

No Brasil, casos como os que ocorreram na Argentina também chocaram a população, como, por exemplo, o estupro coletivo ocorrido em 2016, no Rio de Janeiro, contra uma adolescente de 16 anos, que foi dopada e violentada por trinta e três homens que filmaram o ato e divulgaram o vídeo na internet, tamanha a sensação de impunidade.

Outro aspecto do feminismo contemporâneo, como mencionado, é o questionamento da imagem da mulher nos meios de comunicação, levando sua representação a uma uniformização e excessiva preocupação com a forma física. A quarta onda também reivindica a liberdade de escolha de cada mulher e o respeito às diversidades, procurando combater a cultura do estupro, a gordofobia, as representações machistas na publicidade, o abuso e a violência contra as mulheres nos diversos ambientes em que elas circulam.

A obra *Sex object: a memoir* (2016), da escritora norte-americana Jessica Valenti, é um livro de memórias focado em sua trajetória como mulher e feminista, no qual relata como o assédio sexual é considerado normal pela sociedade em que vivemos. Com notas narrativas autobiográficas, a autora relata acontecimentos que a marcaram desde a adolescência até os dias de hoje, revelando como sua autoimagem sexual e psicológica foi afetada na construção de sua identidade.

Assim, a autora narra episódios relacionados a assédios, abusos e humilhações praticados contra ela por homens que fizeram parte de sua vida ou por anônimos nas ruas das cidades onde viveu – Nova Iorque e seus arredores. Passando pelo histórico familiar, ela relata como sua avó e sua mãe também vivenciaram situações parecidas de abuso e opressão, demonstrando que a visão da mulher enquanto objeto é um *continuum* que ultrapassa gerações.

Nas passagens em que relata sua infância e adolescência, Valenti mostra como sofreu assédios (e foi constrangida diversas vezes) em ambientes públicos, tais como metrô e ruas da cidade, como quando um homem ejaculou em sua calça jeans sem que ela percebesse. Ela ainda era uma adolescente indo para a escola de metrô quando, na volta para casa, ao sair do transporte e chegar à rua, conta que: “Quando comecei a colocar a mão no meu bolso de trás, senti algo úmido: Eu tinha

vindo todo o caminho de volta sem perceber que um homem, cujo rosto eu nunca veria, tinha gozado em mim”⁶⁹ (VALENTI, 2016, p. 56).

Conforme vai se descobrindo mulher e aceitando o seu corpo, após iniciar sua vida sexual no início da adolescência, descreve uma sucessão de relacionamentos inicialmente felizes até se tornarem tóxicos ou abusivos. Um desses relacionamentos, na época da faculdade, foi com um rapaz popular de uma fraternidade. Os dois frequentavam festas e saíam juntos até que, ao fim do semestre letivo, ele termina o relacionamento e começa a se relacionar com outra garota. Quando ela passa a noite com um dos amigos dele, o ex-namorado a procura no dormitório e a agride verbalmente no corredor, à noite, gritando com ela:

Você é uma merda, um lixo de puta, você entende? (...) Eu nem consigo olhar para você porque você é uma imunda. Você é um lixo de pessoa, você fede, sabia? Você é uma droga de um lixo e eu nunca mais quero ver você porque eu não me associo a putas.⁷⁰ (VALENTI, 2016, p. 103)

Ela se lembra que ninguém no alojamento fez nada ou sequer procurou ajudá-la. A partir desse dia, camisinhas apareciam penduradas em sua porta com um bilhete escrito “puta”.

O livro é dividido em tópicos nos quais a autora relata, de uma maneira não exatamente linear, tanto acontecimentos passados distantes quanto mais recentes. Porém, de modo geral, o livro é uma narrativa em ordem cronológica. Assim, ela descreve dois episódios de aborto em momentos diferentes de sua vida, feitos em clínicas pagas, e uma gravidez complicada entre esses episódios. Ela faz uma autocrítica sobre o seu segundo aborto, visto que sofreu muito no primeiro e que já era casada e mãe quando optou pelo segundo: “Uma feminista fazer um aborto é compreensível, até mesmo esperado. A mulher – a mãe – que faz dois, no entanto, deve estar fazendo algo de errado em sua vida”⁷¹ (VALENTI, 2016, p. 178).

Valenti relata, também, as várias vezes em que foi julgada por suas decisões e escolhas, assim como descreve em uma passagem suas primeiras experiências

⁶⁹ No original: when I started to put my hand in my back pocket, I felt something wet: I had made it the whole ride back without noticing that a man, whose face I would never see, had come on me.

⁷⁰ No original: *You're a piece-of-shit garbage whore, do you understand that? [...] I can't even stand to look at you because of how filthy you are. You're a garbage person, you smell, do you know that? You're fucking trash and I don't want to ever fucking see you again because I don't fucking associate with whores.*

⁷¹ No original: The feminist who gets one abortion is understandable, expected even. The woman—the mother—who gets two, though, must be doing something wrong with her life.

com escrita criativa na escola. No texto, ela escreve sobre família, namoro, garotos, festas, além de uma briga que teve com o pai, e o que o professor escreveu na margem do texto foi: “Ele está nervoso com sua promiscuidade?”⁷² (VALENTI, 2016, p. 144).

Em 2004, aos 25 anos, a autora inaugura o *blog Feministing.com*, onde escreveu até 2011, vencedor de prêmios como o *Hillman Prize For Blog Journalism*, em 2011. O *site* ainda está ativo e hoje conta com contribuições de mais de doze colunistas sobre tópicos atuais no que diz respeito ao universo da mulher na política e na esfera privada.

Em *Sex object*, a autora conta um episódio que a tornou famosa no ambiente digital, não por seu talento como escritora ou por sua militância em seu blog, mas por uma foto. Em 2006, pouco antes da publicação de seu primeiro livro, *Full frontal feminism*, aos 27 anos de idade, foi convidada para um encontro de blogueiros, em *Nova Iorque*, que contaria com a presença do então presidente Bill Clinton. A publicação da foto do encontro gerou comentários maliciosos (e de ódio) no ambiente virtual. As pessoas estavam julgando sua postura e sua vestimenta como se ela estivesse buscando uma autopromoção ou até mesmo um caso amoroso com o presidente, rendendo inclusive comentários comparativos entre ela e Monica Lewinski. Durante algum tempo, a busca pelo nome Jessica Valenti no *Google* retornava uma resposta associada à palavra “seios”.

Após o nascimento de sua filha, a escritora narra como sobreviveu a uma depressão pós-parto. O bebê nascera pré-maturo devido a uma pré-eclâmpsia e a autora passou a não comer e a ter comportamentos obsessivos, como comer gelo o dia todo. Ademais, relata o quanto ela e o marido se distanciaram e precisaram fazer terapia de casal para se reaproximarem.

Na última sessão do livro, intitulado “Notas finais (2008-2015)”, a autora transcreve mensagens de ódio postadas em sua página no Facebook ou recebidas por e-mail ou em discussões em blogs durante esse período. As frases a seguir são exemplos do ódio incitado a escritoras feministas em um espaço de anonimato como a internet:

Você e seu culto são a maior parte da razão pela qual as mulheres são odiadas. [...] Email, Maio 31, 2008
VOLTE PARA A COZINHA E PREPARE O JANTAR, VADIA. [...] Email, Junho 9, 2008

⁷² No original: *Is he mad about your promiscuity?*

[...] Espero que você morra em uma explosão de gasolina após um acidente de carro. Email, Abril 11, 2012
 [...] Se você queria ser importante, você deveria ter nascido com um pênis. Email, Agosto 8, 2012
 Vá se foder, sua maldita vadia!!! Mensagem no *Facebook*. Junho 30, 2014.⁷³ (VALENTI, 2016, p. 192)

Hoje a autora escreve artigos de opinião e livros sobre feminismo, além de ministrar palestras em escolas e faculdades. Assim, além de publicar textos impressos em livros de ensaios e memórias, a autora também escreve como colunista para a *Medium.com* e tem artigos publicados no *Washington Post*, *The New York Times* e *The Guardian*, lançando conteúdo na internet sobre gênero e política. Em *Sex object*, relata ainda o grande número de *haters* que a segue nas redes sociais, deixando mensagens de ódio e xingamentos voltados a ela e às feministas em geral, como as que vimos acima.

Em um artigo de opinião ao *The Guardian*, Jessica Valenti discute o que realmente significa ser feminista atualmente e se as pessoas sabem o que o termo significa além de reproduzirem falas ou ideias de terceiros. Ela expressa a opinião de que ser feminista é, além de carregar um rótulo, uma prática e uma lente pela qual se enxerga o mundo. Além disso, afirma que:

O feminismo é um movimento pela justiça de gênero – pela igualdade social, econômica e política de todas as mulheres – e algo que reconhece a complexidade das identidades das mulheres e a interseção de opressões. Não pode ser negociado de outra forma⁷⁴. (VALENTI, 2014, n.p.)

Desse modo, a escritora se expressa de uma maneira popular e que atinge a geração mais jovem, já engajada no mundo digital e em assuntos políticos. No entanto, não deixa de publicar livros impressos, pois o mercado editorial também (ou ainda) é um aliado na divulgação de estudos nas mais diversas áreas. Como Heloísa Buarque de Hollanda afirma: “A *internet* vem se mostrando um caminho amigável para a difusão da produção de conhecimento das mulheres, ainda que o

⁷³ No original: *You and your cult are the majority of the reason that women are hated.*[...] Email, May 31, 2008

GET BACK IN THE KITCHEN AND MAKE ME DINNER, BITCH[...] Email, June 8, 2008

[...] *I hope you perish in a gasoline explosion induced car crash.* Email, April 11, 2012

[...] *If you wanted to be important, you should have been born with a penis.* Email, August 8, 2012

Fuck you, you goddamn whore!!! Facebook message, June 30, 2014

⁷⁴ No original: *Feminism is a movement for gender justice – for social, political and economic equality of all women – and one that recognizes the complexity of women’s identities and the intersection of oppressions. It can’t be negotiated otherwise.*

método do livro e do artigo impresso não tenha sido superado” (HOLLANDA, 2014, p. 222).

E é assim que as feministas e escritoras da nova geração têm se expressado, mostrando uma preferência pelo ambiente cibernético pela rapidez com que o fluxo de informação se propaga e pelo grande público que atinge. Segundo Martin e Williams:

O desenvolvimento da internet e de várias tecnologias digitais é a mudança de impacto mais profundo para as escritoras mulheres. Mesmo que a internet exista há décadas e seu uso seja relativamente amplo desde a década de 1990, nos últimos dez a quinze anos ela tem sido onipresente, uma parte essencial das vidas diárias de bilhões de pessoas que contam com as tecnologias digitais para comunicação.⁷⁵ (MARTIN; WILLIAMS, 2016, p. 195)

Todo esse acesso ao mundo virtual tem ajudado escritoras a publicarem seus trabalhos, muitas vezes sem custo, tornando as obras disponíveis mundialmente, difundindo uma nova forma de autoria e de propagação de conhecimento.

A quarta onda, contudo, não significa apenas a migração do movimento feminista para o ambiente virtual. Segundo Bogado e Hollanda, o que ocorre a partir de 2013 é a busca pela horizontalidade, a recusa por lideranças, a priorização do coletivo e o uso do corpo como *locus* de manifestação e performance. Nesse sentido, “a grande questão que une todas as tendências do novo feminismo, traduzida numa infinidade de perspectivas, desdobramentos, nuances e percepções, é a da violência contra a mulher” (BOGADO; HOLLANDA, 2018, p. 32). Não que esses métodos e essa questão não fossem abordados anteriormente, mas agora eles são mais enfatizados e difundidos devido ao ativismo digital e à maior percepção, por parte das mulheres, de sua situação desigual na sociedade. As mulheres precisam se afirmar repetidamente para que sejam ouvidas e respeitadas.

Em 2016, a *Women’s March* em Washington, que atraiu milhões de pessoas, após a posse de Donald Trump, tornou-se o maior protesto em um único dia nos Estados Unidos. Feministas históricas como Nancy Fraser, Angela Davis e Linda Alcoff estavam presentes e convocavam uma greve mundial no Dia Internacional das Mulheres com a intenção de “articular os diferentes focos de atuação feminista [...] deixando clara a inflexão para questões estruturais que oprimem a mulher, como

⁷⁵ No original: The development of the Internet and various digital technologies is the change with the most profound impact on women writers. While the Internet had been in existence for decades and in relatively wide use since the late 1990s, in the last ten to fifteen years it has become ubiquitous, an essential part of the daily lives of the billions of people who rely on various digital technologies for communication.

as que tangenciam o Estado e o mercado de trabalho, e só podem ser resolvidas a partir de mobilizações coletivas” (BOGADO; HOLLANDA, 2018, p. 40).

De acordo com Hollanda, “as diferenças entre as mulheres e as demandas específicas que essas diferenças propõem são grandes e há muito se manifestam política ou teoricamente – mas, com certeza, sem a impressionante visibilidade que ganhou nesta quarta onda” (HOLLANDA, 2018, p. 242). Tendo em vista as considerações das autoras mencionadas em relação à quarta onda do feminismo, pode-se temporariamente presumir que as questões levantadas a partir da terceira onda ainda estão em aberto, apesar de vários tabus terem sido quebrados e de muitas mudanças terem ocorrido na sociedade em prol das mulheres, como maior liberdade sexual e a criação de leis contra a violência doméstica e a homofobia. Entretanto, ainda existem questões que não obtiveram progresso, como a violência contra a mulher e o abuso sexual de toda espécie. Esses problemas continuam sendo desafiados com a finalidade de serem combatidos por meio da conscientização da sociedade com o auxílio de canais mais abrangentes como, por exemplo, os meios de comunicação.

Após essa compilação de caráter antológico do movimento feminista e de sua literatura nos Estados Unidos, passaremos a uma análise de cunho sociocultural de algumas obras da escritora e ativista Roxane Gay. Além de abordarmos sua biografia, discutiremos o caráter realista e autobiográfico contido em seus textos ao abordar a temática da violência sexual pela perspectiva de sobreviventes desse crime.

Figura 5 – Foto de Jessica Valenti em encontro de blogueiros



Jessica Valenti, no centro, de blusa clara, em encontro de blogueiros, em 2006, em Nova Iorque, com a presença de Bill Clinton, ex-presidente dos Estados Unidos. A foto rendeu comentários sobre seus seios, como se estivesse se insinuando para o presidente.

Fonte: All songs lead back t' the sea⁷⁶.

⁷⁶ Link: <https://itsmypulp.wordpress.com/2007/03/28/real-feminists-dont-have-breasts/>

2 A PRESENÇA DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA OBRA DE ROXANE GAY

2.1 Roxane Gay: uma ativista contemporânea

Feminism has certainly helped me find my voice. Feminism has helped me believe my voice matters, even in this world where there are so many voices demanding to be heard.

Roxane Gay

A escritora norte-americana Roxane Gay é reconhecida por seu ativismo feminista no campo literário e nas mídias sociais, onde opina sobre vários assuntos políticos e culturais atuais. Também publica textos em jornais e periódicos, como o *The New York Times*. Além disso, possui uma *newsletter* digital chamada *The Audacity*, na qual veicula textos pessoais e de outras autoras sobre os mais variados assuntos. Muitos de seus artigos e ensaios são sobre temas caros ao feminismo contemporâneo, tais como sexualidade, violência contra a mulher, abuso sexual e sobre o corpo feminino como símbolo de resistência ou *locus* de embates.

A autora é descendente de uma família de haitianos imigrantes, e por conta disso, diz se sentir em um entrelugar, por vezes, desconfortável: é chamada de *diaspora* pelos haitianos, e não pertence à cultura de tradição afro-americana, apesar de ser negra. É bissexual, vive com sua esposa entre Los Angeles e Nova Iorque e possui vários projetos na área literária. Além de escritora e crítica cultural, é editora, possui um podcast chamado *Hear to Slay* e coordena um grupo literário, *The Audacious Book Club*, contando com discussões mensais online dos livros escolhidos.⁷⁷

A escritora nasceu em Omaha (Nebraska), possui mestrado em escrita criativa pela Universidade de Nebraska-Lincoln, é PhD em comunicação técnica e começou sua carreira acadêmica em 2010 como professora assistente na Universidade Eastern Illinois, onde lecionou por quatro anos antes de trabalhar como

⁷⁷ Informações retiradas de suas páginas eletrônicas: <https://roxanegay.com/>, <https://audacity.substack.com/> e <https://www.thelitpub.com/blog/this-is-tiny-hardcore-press>.

professora adjunta na Universidade de Purdue. Em 2018, tornou-se professora visitante na Universidade de Yale.

Em 2011, lançou sua primeira obra impressa, uma coletânea de contos chamada *Ayiti*, contendo textos escritos e publicados anteriormente em outros meios. O livro é sobre a experiência diaspórica vivenciada pelos haitianos que se aventuram nos Estados Unidos. A obra retrata a situação dos haitianos em seu próprio país e a das mulheres e suas questões entre essas duas pátrias. Em 2014, lança duas obras importantes para sua carreira e para o ativismo feminista: um livro de ensaios não ficcionais, intitulado *Bad feminist*, e o romance chamado *An Untamed State*. Em 2017, lança mais dois novos livros: *Difficult women*, de ficção curta, e *Hunger: a memoir of my body*, um livro de memórias, os quais serão abordados neste capítulo.

Além das obras supracitadas, Gay também publica livros de outros autores através de sua editora Tiny Hardcore Press – agora anexada à Grove Atlantic – além de mostrar seu talento e versatilidade em histórias em quadrinhos, como em *Black Panther: world of Wakanda*, de 2016, e *The sacrifice of darkness*, de 2020. Ademais, produz coletâneas como *The best American short stories*, de 2018, e *The selected works of Audre Lorde*, de 2020. Em 2018, publicou, como editora e organizadora, uma outra coletânea chamada *Not that bad*, contendo textos escritos por teóricas, críticas, escritoras e atrizes sobre a temática “cultura do estupro”. São ensaios e relatos pessoais abordando situações de assédio, violência sexual e abuso infantil.

A autora escreve diariamente em seu Twitter, além de postar fotos de seu dia a dia em seus perfis no Instagram e no Facebook. Dessa forma, demonstra tanto o seu engajamento político, ao dar opiniões sobre assuntos polêmicos, quanto a sua proximidade com o público, pois expõe momentos de sua vida privada. Suas contas nas redes sociais são abertas e ela interage com fãs e seguidores, sendo bastante ativa no espaço digital, onde atualiza os seguidores com links para entrevistas, lançamento de trabalhos, grupos de discussão e eventos dos quais participa. Como afirmam Martin e Williams, “nessas interações de mídias sociais, Gay e suas colegas escritoras estão moldando formas novas e convincentes para que as mulheres habitem espaços públicos sociais, criativos e intelectuais”⁷⁸ (2016, p. 197). Essa é a roupagem da escritora feminista contemporânea.

⁷⁸ No original: In these social media interactions Gay and her fellow women writers are modeling new and compelling ways for women to inhabit public social, creative, and intellectual spaces.

Nas próximas seções deste capítulo, veremos a importância da obra de Roxane Gay para o movimento feminista contemporâneo e como a biografia da autora se revela essencial para sua análise. Como visto no capítulo anterior, principalmente em decorrência do advento da quarta onda do movimento feminista e com a popularização da internet globalmente, a violência sexual contra a mulher tornou-se um assunto crucial para as discussões feministas atuais. Essa problemática já era tema de debates e embates anteriormente, porém, agora, diante de um espaço tão amplo e ágil como o digital, não há mais como não escancarar a dimensão dessa realidade que afeta a vida de muitas mulheres.

Esse tema é um assunto recorrente também nas obras de Roxane Gay, pois, como a própria escritora relata nas obras *Bad feminist* e *Hunger*, foi estuprada aos 12 anos de idade por seu namorado e pelos amigos dele em uma cabana afastada. Esse episódio traumático moldou a sua vida e inspirou a sua arte. Neste capítulo, além das obras não-ficcionais citadas acima, utilizaremos algumas de suas principais obras ficcionais acerca do tema apresentado: seu romance *An untamed state* e seus contos “Things I know about fairy tales”, de *Ayiti* (2011); “La negra blanca” e “I will follow you”, de *Difficult women* (2017); e “Sweet on the tongue”, de *Ayiti* (2018).

Antes, porém, de analisarmos a obra de Gay, das quais *An untamed state* receberá maior destaque, faremos um breve tratado sobre o estupro na seção a seguir. A situação será tratada com respaldo de uma revisão bibliográfica da teoria feminista a respeito do tema. Desse modo, elucidaremos alguns aspectos importantes, para esta tese, que servirão como apoio teórico para as seções subsequentes.

2.2 O estupro: definições e mitos

While in the past a woman's life was shattered by rape because it destroyed her position in society, it's as if now the conflict has moved inside her. Rape has become an attack upon a woman's sexual identity, creating a “psychic wound,” a “violation of the self.”

Mithu Sanyal

Em 06 de janeiro de 2012, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos atualizou a definição legal do termo estupro em seu sistema, com a ajuda de Susan B. Carbon, diretora do Departamento sobre Violência contra as Mulheres e do diretor do FBI, Robert Mueller. Assim, a definição antiga, que não era modificada desde 1927, ganhou uma versão mais ampla e justa, com vistas a mudança no entendimento e na configuração do estupro no país. Da década de 1920 até a primeira década do século XXI, a definição prevista na lei americana era: “conhecimento carnal de uma mulher, através da força e contra sua vontade”⁷⁹ (*United States Department of Justice*). Ou seja, uma visão ultrapassada e restrita. Hoje, após a revisão, o conceito se tornou bem mais abrangente e é descrito como: “A penetração, independentemente da intensidade, na vagina ou ânus com qualquer parte do corpo ou objeto, ou penetração oral por um órgão sexual de outra pessoa, sem o consentimento da vítima”⁸⁰ (*United States Department of Justice*). Cabe salientar que essa definição não mais discrimina a questão de sexo ou gênero, podendo considerar-se que homens, intersexuais e transsexuais são tão perpetradores ou vítimas dessa agressão quanto as mulheres, o que, antes, era impossível de se afirmar perante a lei. Um grande avanço foi feito com essa nova versão, apesar de ainda não dar conta de todos os casos de estupro, abuso e violência sexuais que ocorrem não apenas nos Estados Unidos, mas também mundialmente.

Alguns dados estatísticos são importantes para esta tese no que diz respeito ao gênero das vítimas de violência sexual e seus perpetradores. De acordo com o relatório estatístico da Humboldt State University, “Sexualized violence statistics” (2020), com base em dados das três últimas décadas, utilizando diversas fontes oficiais, 91% das vítimas de estupro e abuso sexual são mulheres, enquanto 9% são homens. Uma em cada cinco mulheres já sofreram algum tipo de abuso sexual. Em torno de 96% dos abusadores são homens. Em aproximadamente 80% dos casos, o

⁷⁹ No original: The carnal knowledge of a female, forcibly and against her will.

⁸⁰ No original: The penetration, no matter how slight, of the vagina or anus with any body part or object, or oral penetration by a sex organ of another person, without the consent of the victim.

estuprador é conhecido da vítima e cerca de 25% das vítimas têm menos de 18 anos.

Nos campos teórico e filosófico, porém, a discussão e os questionamentos não são tão claros e definidos. Para Michel Foucault, em entrevista de 1977, o estupro pode ser entendido como um crime de violência, sem que seja necessário levar em consideração seu teor sexual, afirmando que:

A sexualidade não pode sob nenhuma circunstância ser objeto de punição. [...] Quando se pune o estupro, dever-se-ia punir a violência física e nada além disso. Não há diferença, em princípio, entre dar um soco na cara de alguém ou enfiar o pênis no sexo de alguém.⁸¹ (FOUCAULT, 2001, p. 200)

O pensamento de Foucault estava em concordância com a teoria produzida na segunda onda do movimento feminista a respeito do assunto. Em *Against our will*, de 1975, uma definição feminina de estupro pode estar contida em uma única frase: “Se uma mulher escolhe não ter relações sexuais com um homem específico e o homem escolhe proceder contra sua vontade, isso é um ato criminoso de estupro”⁸² (BROWNMILLER, 1993, p. 18). Brownmiller nos fornece uma explicação simples e utiliza a expressão “relação sexual”, considerando o ato em si. Porém, como veremos a seguir, deixa claro que o estupro é uma ofensa cujo objetivo é a imposição do poder masculino sobre a mulher. Segundo a teórica, o estupro:

[Acontece] não por culpa da mulher, essa não é e nunca foi a definição legal. Os antigos patriarcas que se uniram para escrever seus primeiros pactos haviam usado o estupro de mulheres para forjar seu próprio poder masculino - como então eles podiam ver o estupro como um crime de homem contra mulher?⁸³ (BROWNMILLER, 1993, p. 18)

Ao lermos toda a obra, é perceptível que Brownmiller deixa claro o seu objetivo de configurar o estupro como um ato de violência pela manutenção do poder masculino sobre as mulheres no qual todos os homens mantêm todas as mulheres em estado de medo. Dessa maneira, podemos perceber como Brownmiller e Foucault reduzem a problemática do estupro a atos de violência ou poder, sem considerar diversos fatores subjetivos, históricos, culturais e sociais que levam os

⁸¹ Traduzido do inglês: Sexuality can in no circumstances be the object of punishment . [...] When one punishes rape one should be punishing physical violence and nothing but that. There is no difference, in principle, between sticking one's fist into someone's face or one's penis into their sex.

⁸² No original: If a woman chooses not to have intercourse with a specific man and the man chooses to proceed against her will, that is a criminal act of rape.

⁸³ No original: Through no fault of woman, this is not and never has been the legal definition. The ancient patriarchs who came together to write their early covenants had used the rape of women to forge their own male power—how then could they see rape as a crime of man against woman?

homens a agredirem as mulheres através, especificamente, de um ato sexual, embora sob pontos de vista diferentes. Enquanto, para Foucault, a questão era minimizar o poder do discurso conservador sobre a sexualidade como instrumento de controle social, para Brownmiller, a intenção era a de eximir a vítima da culpa pelo ato.

Essa visão foi compartilhada por várias outras teóricas feministas da década de 1970, contribuindo para uma virada de paradigma em relação ao crime de estupro, tirando a carga da vergonha do ato de cima da vítima e passando a culpar o perpetrador, o verdadeiro responsável pelo crime de estupro. Como exemplo, podemos mencionar a teórica Susan Griffin, que usou a mesma abordagem de Brownmiller em seu artigo “Rape: the all-American crime”, de 1979. No texto, a ativista afirma que o estupro é “um ato de agressão no qual nega-se à vítima sua autodeterminação. É um ato de violência que, mesmo que não seja seguido de espancamento ou assassinato, ainda assim sempre carrega em si a ameaça de morte”⁸⁴ (GRIFFIN, 1979, p. 3).

A importância da obra de Brownmiller e da teoria feminista para as discussões sobre o assunto a partir dos anos 1970 foi grandiosa, pois muitas mudanças nas leis estaduais norte-americanas foram pensadas e até mesmo modificadas através de emendas que facilitassem o acesso da vítima à justiça. Ademais, mudanças sociais na forma como o assunto era considerado – um grande tabu rodeado de mitos – começaram a ocorrer. Como afirma a pesquisadora Beverly McPhail (2015), podemos dizer que foi o início de uma mudança no pensamento da sociedade americana no que diz respeito a esse tipo de violência.

Em 1981, a teórica Catherine MacKinnon, sob uma perspectiva também radical, na área do Direito, em seu artigo “Sex and violence”, afirma que o estupro funciona como uma forma de excitação sexual para aqueles que usam essa agressão para manter a hierarquia de gênero. Assim, sua teoria é interpretada como a utilização da violência sexual para se manter a imposição da “norma” heterossexual em nossa sociedade, impondo a subordinação feminina.

Se para Foucault e Brownmiller, o elemento sexual do estupro é minimizado perante a violência do fato, para MacKinnon, o ato sexual, embora forçado e sem

⁸⁴ No original: [...] an act of aggression in which the victim is denied her self-determination. It is an act of violence which, if not followed by beatings or murder, nevertheless always carries with it the threat of death.

consentimento, é relevante para a manutenção da sexualidade feminina como passiva diante da dominação masculina sistemática em nossa sociedade.

Além dos trabalhos teóricos que mudariam a visão da sociedade ocidental sobre o significado do estupro, as pesquisadoras feministas e a psicologia passaram a realizar estudos empíricos com a intenção de fazer novas descobertas acerca desse tipo de violência contra a mulher. O fato é que muitas ideias passaram a ser desmistificadas, como por exemplo, a crença de que o estupro era um acontecimento raro e que, normalmente, acontecia entre desconhecidos. Descobriram, então, que o estupro era, e continua sendo, uma violência bem comum e que, na maioria dos casos, o perpetrador é alguém conhecido da vítima: um familiar, um amigo, um colega de trabalho ou de faculdade e até mesmo o companheiro, o namorado ou o marido. (MCPHAIL, 2015).

Novas terminologias foram adotadas a partir das décadas de 1970 e 1980, tais como “sobrevivente” em vez de “vítima”, “violência sexual” no lugar de “estupro” e “cultura do estupro” para descrever uma sociedade que é condescendente com o crime e advoga a favor do agressor, julgando a vítima e deixando de responsabilizar os culpados. Vítima pressupõe passividade, enquanto sobrevivente indica agenciamento e capacidade de superação. Estupro, além de carregar significados míticos, não inclui, em suas definições, outras formas de violência como o assédio e o abuso. (TOIT, 2009; SANYAL, 2016).

Nas décadas de 1980 e 1990, as pesquisas acerca do estupro tomaram uma proporção maior nas áreas jurídica, sociológica, psicológica e cultural e vários fatores foram identificados, como aponta McPhail:

As pesquisas identificaram múltiplos fatores culturais de gênero associados a homens sexualmente agressivos inclusive aceitação do uso da violência contra a mulher; hostilidade em relação à mulher; crença nos papéis sexuais tradicionais, na hierarquia de gênero, na ideologia patriarcal, no sexo impessoal, e no controle masculino sobre a mulher; no direito sexual masculino; e atitudes contraditórias em relação à mulher.⁸⁵ (MCPHAIL, 2015, p. 4)

A partir das pesquisas realizadas nesse período, segundo a pesquisadora, deve-se admitir que a constatação teórica inicial de que o crime de estupro se resume a uma questão de poder e controle através da violência é uma

⁸⁵ No original: Research identified multiple gendered cultural factors associated with sexually aggressive men including acceptance of the use of violence against women; hostility toward women; belief in traditional sex roles, a gender hierarchy, patriarchal ideology, impersonal sex, and male control of women; male sexual entitlement; and adversarial attitudes toward women.

supersimplificação de uma questão que, na verdade, é multifatorial. McPhail observa que “o estupro é um ato violento, mas é também sexual, e é esse fato que o diferencia dos outros crimes”⁸⁶ (MCPHAIL, 2015, p. 7). Ademais, a pesquisadora alega que se há múltiplos fatores pelos quais as pessoas fazem sexo de forma mútua e consentida, por que não haveria vários motivos pelos quais as violências sexuais ocorrem em todo o mundo? Ela cita motivos como, por exemplo, vingança, punição, acesso sexual a alguém vista como inacessível, fantasia sexual, desafio, poder, controle, dominação, camaradagem entre homens e prova de masculinidade. Longe de ser associado a distúrbios mentais perversos, embora não possam ser desconsiderados em alguns casos, o crime é frequentemente cometido como uma prática masculina normativa e sistemática.

Louise du Toit, professora e filósofa sul-africana, publica, no ano de 2009, *A philosophical investigation of rape*, no qual lança um olhar para a problemática do estupro de forma simbólica, considerando-o uma luta entre os mundos da vítima e do esturador. Nesse aspecto, não se pode apagar a subjetividade sexual de ambos ao falar sobre estupro. É importante destacar que a pesquisadora concorda que a questão não é singular, mas sim coletiva, histórica e política.

O estupro, no campo do simbólico, para a pesquisadora, funciona como uma forma de manutenção do espaço político público como masculino. É como se ela, a mulher, estivesse sempre à disposição do homem, “ela ainda não representa para ele um limite absoluto no qual ele confronta a alteridade subjetiva radical. Ela nunca se torna o outro feminino concreto com quem ele precisa negociar e entrar em diálogo”⁸⁷ (TOIT, 2009, p. 25).

Nas sociedades pré-modernas, a sexualidade feminina era reduzida de forma objetificada em função do homem. O corpo da mulher pertencia ao homem – pai, marido, chefe da comunidade –, portanto, o estupro era considerado um ato de violação de propriedade privada masculina, em vez de ser considerado uma ofensa moral contra uma mulher: o estado de espírito da vítima não era levado em consideração, nem seu consentimento. Essa visão de quem possui o direito de

⁸⁶ No original: Rape is a violent act, but it is also a sexual act, and it is this fact that differentiates it from other crimes.

⁸⁷ No original: She does not yet represent to him an absolute limit in which he confronts radical subjective alterity. She never becomes the concrete, female other with whom he needs to negotiate and enter into dialogue.

propriedade do corpo da mulher só começa a se modificar com advento do Iluminismo europeu, porém sem ser completamente cabível na realidade, já que estupro no casamento ou de prostitutas não era entendido como uma prática de violação sexual. Se a mulher fosse casada ou prostituída era seu dever ter relações sexuais, forçadas ou não. Isto é, o paradigma do que poderia ser considerado estupro continuava sendo masculino. (TOIT, 2009).

Em sociedades que favorecem o estupro (*rape-prone society*)⁸⁸, como a nossa, esse crime é a expressão de uma lógica já existente, é um elemento-chave na nossa constituição política, particularmente na relação política entre os sexos. A experiência da violência sexual, para a vítima, representa a perda de si, da relação com o outro e do mundo. O estupro deve ser considerado em suas dimensões sociopolítica, linguística, legal, histórica, simbólica e ontológica, como observa Toit:

A sobrevivência ao estupro é frequentemente acompanhada por um profundo sentimento de perda que é global, no sentido de ser uma perda de um mundo de significado como um todo ou um universo simbólico, sustentado e sustentador de um ser integrado, ainda que fluido. As consequências do estupro são por vezes caracterizadas para a vítima pelo colapso total de um 'ser do mundo' coerente, integrado e significativo ou 'um mundo subjetivo'⁸⁹. (TOIT, 2009, p. 80, grifos da autora)

O artigo de McPhail, professora da University of Houston, "Feminist framework plus" (2015), faz uma revisão das concepções feministas de estupro a partir da segunda onda do feminismo e expõe outros pontos de vista, propondo um conceito mais abrangente para a violência sexual. Ela, obviamente, parte do trabalho de Brownmiller, como marco inicial da teoria feminista sobre o assunto, e da mobilização das ativistas na década de 1970 no sentido de acolher vítimas de violência sexual nos centros de atendimento às mulheres sobreviventes desse crime, os *Rape Crisis Centers*. Esses locais trabalhavam no intuito de prevenir, informar, fornecer ajuda legal e aconselhamento às vítimas. McPhail não nega a importância dessa virada cultural na sociedade americana, já que o criminoso passava a ser considerado o único culpado por cometer uma violência sexual contra uma mulher.

⁸⁸ Toit adota os termos *rape-prone* e *rape-free societies*, cunhados pela antropóloga Peggy Reeves Sanday, para diferenciar uma sociedade em que o estupro ocorre com alta frequência e que relativiza a violência sexual, em detrimento de sociedades em que a frequência de estupros é baixa e o crime é rigorosamente punido e desaprovado.

⁸⁹ No original: Survival of rape is often accompanied by a profound sense of a loss that is global, in the sense that it is the loss of a whole, meaningful world or symbolic universe, sustained by and sustaining of an integrated, if fluid, self. The aftermath of rape is often characterized for the victim by the total collapse of such an integrated and meaningful, coherent 'worlded self' or 'subjective world'.

Essa tomada de consciência também acontecia nos *Consciousness Raising Groups*, já mencionados no primeiro capítulo, nos quais as mulheres começaram a descobrir que suas histórias de violência e abuso sexuais eram compartilhadas por muitas outras mulheres. Dessa forma, passaram a perceber que a violência sexual era cultural e sistêmica, normalmente relevada, usada como meio para que os papéis de gênero e o controle sobre os corpos femininos fossem mantidos. (MCPHAIL, 2015).

Em 2016, a acadêmica e escritora teórica alemã Mithu Sanyal, lança a obra *Rape: from Lucretia to #MeToo*, na qual faz uma genealogia do crime de estupro e de sua literatura teórica, desconstrói mitos e traz reflexões contemporâneas acerca do assunto. A pesquisadora faz um interessante tratado histórico sobre a significação do estupro ao longo dos séculos nas sociedades ocidentais. Afirma que na Idade Média, assim como em outros períodos históricos conservadores, a honra de uma mulher se localizava em seu corpo. Essa honra poderia ser perdida quando lhe tiravam a virgindade fora do casamento ou quando a estupravam, o que, obviamente, não se aplicava à esposa “possuída” pelo marido ou às prostitutas. Durante o período colonial, as mulheres escravizadas e indígenas também não poderiam ser consideradas mulheres “honradas”, já que eram colonizadas e serviam aos homens como moeda de troca, mão de obra, corpos para reprodução e satisfação sexual.

Sanyal também discute a dificuldade de se conceituar o que é estupro, visto que, fora do discurso jurídico, há diversas interpretações e definições culturais e subjetivas sobre a questão. Distorções acerca da sexualidade, provocadas por crenças religiosas e sociais, por exemplo, podem servir para se relativizar uma violência sexual.

Na sociedade contemporânea, atenta-se também para o afeto que atinge a psique da vítima de violência sexual. Segundo Sanyal (2016) mulheres violentadas relatam sentimentos de medo, culpa, vergonha, dor e raiva, sendo a vergonha o principal deles, uma emoção altamente complexa e culturalmente aprendida. Cunhado em 1978, a expressão “transtorno de estresse pós-traumático”, problema associado inicialmente a veteranos de guerra, deu origem ao termo “síndrome do trauma de estupro”, relacionado a uma fase aguda de desorganização interna logo após o ato, assim como o impacto de longo prazo que afeta o estilo de vida da vítima fisicamente, psicologicamente, socialmente e sexualmente. Entretanto, nem

todas as vítimas de estupro apresentarão a mesma resposta psíquica ou terão seu comportamento modificado após a ocorrência do crime. A resposta é altamente pessoal.

O fato de o estupro ser considerado um ato sexual sem consentimento da vítima também é uma problemática a se considerar quando se discute a questão, pois consentimento significa permissão. Em uma relação sexual desejada pelas partes envolvidas, devemos partir do princípio de que há certo agenciamento entre os indivíduos. Ora, consentir é deixar acontecer, dar permissão, ceder, dar ocasião (*Dicionário Michaelis* online). Será que não existe estupro em que a vítima, na falta de alternativas, cede através de ameaça ou manipulação? De acordo com Sanyal “consentir não significa livre escolha: significa *livre escolha sob certas circunstâncias ditas sociais*”⁹⁰ (SANYAL, 2016, n.p., grifo da autora). Assim, consentir não é o mesmo que fazer algo por vontade própria, mas deixar que ajam sobre si. Considerar que alguém deva consentir que façam sexo consigo é negar que o outro possa tomar a iniciativa em uma relação de desejo mútuo. Devemos considerar ainda os casos em que a vítima não possui sequer a habilidade de consentir ou tomar qualquer iniciativa, como quando ela está sob o efeito de drogas ou bebidas alcoólicas, quando está desacordada, quando é mentalmente incapaz de responder por si, quando é uma criança etc.

O que configura o estupro no imaginário popular? Se formos convidados a fazer um exercício de imaginação de uma cena de estupro, provavelmente pensaremos em algo como: uma mulher em um local escuro e vazio sendo atacada violentamente por um desconhecido malvestido, sujo e armado. Ela é espancada e imobilizada. Ela grita, luta, tenta fugir. Ele rasga suas roupas, aponta a arma para a sua cabeça e a violenta de forma grosseira. São mitos que carregamos em nosso imaginário coletivo. São cenas de filmes, de telenovelas, lendas urbanas, histórias de alerta contadas por familiares.

Sobre mitos do estupro como esse, Heather Schmidt (2004) aponta para as crenças comuns de que a mulher “convida” ao estupro através da forma como se veste e através de seu comportamento; o estuprador é imaginado como desconhecido, negro e que estupra mulheres brancas; as mulheres fazem falsas

⁹⁰ No original: Consent doesn't mean free will: it *means free will under certain given social circumstances*.

acusações de estupro por se arrependem da relação sexual; as vítimas sofrem danos físicos durante o estupro; e a vítima sempre pode evitar o estupro. A escritora aponta para o fato de que não há um perfil de vítima de estupro ou um perfil de estuprador.

Contudo, de acordo com o site norte-americano *National Sexual Violence Resource Center* (NSVRC), a maior parte das vítimas são mulheres jovens e crianças. Estatisticamente, o que se pode afirmar é que, na maioria dos casos, em torno de 5% das acusações são falsas, grande parte dos estupros ocorre em um local conhecido da vítima e os casos são subnotificados. Além disso, os dados revelam que o agressor costuma ser um homem que possui uma vida social “típica”, ou seja, trabalha, tem família, uma vida sexual ativa e não possui histórico de distúrbios mentais; o ato é geralmente intrarracial; e nem sempre há marcas de violência no corpo da vítima. (SCHMIDT, 2004).

Em *The politics of sexual violence*, de 2016, a pesquisadora britânica Alison Healicon faz uma categorização do estupro sob uma perspectiva contemporânea através da teoria feminista e de relatos de vítimas de estupro com o intuito de não generalizar a definição do crime ou da representação da vítima. Contudo, já na introdução reitera que “a cultura do estupro contemporânea normaliza e portanto trivializa a violência sexualizada masculina, compartimentalizando e ranqueando ‘tipos’ de estupro de acordo com sua presumida gravidade e raridade”⁹¹ (HEALICON, 2016, p. 2).

A pesquisadora mostra sentimentos em comum entre as vítimas entrevistadas, tais como vergonha e alienação. Ela observa que a vergonha faz parte da identificação da vítima com o julgamento social perante as normas de moralidade de nossa cultura, que presume a culpa da mulher. Contudo, afirma que a responsabilidade pela violência sexual envolve o perpetrador e o contexto social, pois há sociedades mais tolerantes em relação à violência contra a mulher. Ela afirma que “a violência sexual como uma questão social é negligenciada em detrimento da análise das ações e o caráter da ‘vítima’”. Assim a responsabilidade e

⁹¹ No original: Contemporary Rape Culture normalises and therefore trivialises male sexualised violence, compartmentalising and ranking ‘types’ of rape according to assumed severity and rarity.

a consequente culpa são prontamente atribuídas à mulher”⁹² (HEALICON, 2016, p. 63).

Há de se considerar também as desigualdades interseccionais. Afinal, quem tem mais credibilidade ao denunciar um estupro? A credibilidade dependerá do perfil da vítima e do perfil do agressor. Embora a lei não discrimine a vítima por seu passado ou comportamento, esses elementos ainda são usados pela opinião pública ou pela defesa do acusado contra a vítima. E se o perpetrador não se inclui no estereótipo de um criminoso violento, é praticamente encarado como vítima de uma mulher que possui a intenção de “tirar vantagens” do acusado.

Lugares comuns como “ela merece ser estuprada”, “ela estava pedindo por isso”, “ela não se cuidou”, dentre outros, são desculpas perversas que circulam em sociedades como a nossa. A sociedade neoliberal tira proveito da responsabilidade individual por atos que acontecem contra a mulher, pois ela “escolhe” se colocar em situações de perigo. (HEALICON, 2016). Daí a importância de movimentos como o *Slutwalk* por transmitir a mensagem de que não importa a forma como a mulher se veste ou se comporta. A ideia que se quer difundir através desse tipo de manifestação é a de que, mesmo que ela seja uma *slut* [vadia] (apropriando-me do termo utilizado nas passeatas), ninguém tem o direito de violentá-la.

Em 2018, Germaine Greer, renomada no meio acadêmico, escreve um livro intitulado *On rape*, que logo se tornou controverso por conta de suas afirmações contraditórias diante de tantos debates e desconstruções de mitos que cercam a problemática da violência sexual. A autora deixa claro que seu texto tratará apenas da penetração vaginal de uma mulher, contra a sua vontade, pelo pênis de um homem. Parece que esse estreitamento em sua definição se dá pelo fato de Greer não querer discutir as várias concepções do que se pode compreender por estupro atualmente.

Entretanto, a teórica levanta polêmicas a respeito de entendimentos equivocados que circulam em nossa cultura sobre o estupro. Uma delas é a noção de que o estupro é um ato de “violência” sexual. O estupro pode não envolver violência, já que uma mulher pode ser estuprada inclusive enquanto dorme. (GREER, 2018). O sexo não-consensual não necessariamente envolve força, o que

⁹² No original: Sexual violence as a social issue is neglected at the expense of scrutinising the actions and character of the ‘victim’. As such, responsibility and the ensuing blame are readily attached to the woman.

pode ser (mal)interpretado como uma mera relação sexual ruim. Ela cita o exemplo de uma conhecida, casada, com cinco filhos, que regularmente é acordada pelo marido no meio da noite para fazer sexo. Ela diz relutar por estar cansada, sonolenta e sem disposição. O marido costuma insistir até que ela ceda aos seus caprichos para evitar que a casa toda acorde e para poder voltar a dormir. A partir dessa ilustração da vida real, ela afirma que o sexo não-consensual é banal, apesar de ser um mal, pois o homem tira proveito da intimidade que possui com a mulher ou, em outros casos, finge uma intimidade, alienando a “outra”. Dessa forma, a mulher que passa por essa situação sofre uma corrosão de sua autoestima. É estupro? Sim, afirma Greer.

Em relação aos casos de estupro que passam sem punição, Greer desconstrói o mito de que o criminoso será condenado. Ela observa:

A maioria das discussões sobre o estupro dizem respeito a casos de estupro que foram julgados. Eles representam uma proporção minúscula do sexo não-consensual que realmente acontece, dos quais quase nenhum é sequer reportado; a maioria daqueles que são reportados não resulta em condenação.⁹³ (GREER, 2018, n.p.)

A condenação de um perpetrador dependeria da quebra do silêncio, da acusação, além de evidências ou provas do acontecido, já que o relato da vítima nem sempre é tido como verdade. Segundo Greer, provas de resistência não são mais exigidas pela lei americana e 70% das mulheres que relatam ter sofrido abuso dizem ter experienciado uma significativa paralisia, um ataque de imobilidade, causado pelo medo diante da situação. O medo do estupro é uma sensação comum entre as mulheres, maior do que o de outros crimes. Esse temor se desenvolve na infância como consequência dos avisos que os responsáveis dão para as crianças e adolescentes. (GREER, 2018).

A acadêmica britânica Tanya Serisier propõe em seu livro *Speaking out* (2018) a disseminação de um gênero narrativo de experiência pessoal sobre violência sexual. Ela situa o início da produção desse gênero nos relatos pessoais compartilhados em grupos de mulheres durante a segunda onda do movimento feminista e as atuais *hashtags*, já mencionadas, #MeToo, #YesAllWomen e #BeenRapedNeverReported, que contam com histórias de mulheres anônimas e

⁹³ No original: Most discussions of rape concern themselves with cases of rape that were prosecuted. These represent a tiny proportion of the nonconsensual sex that actually occurs, almost none of which is ever reported; most of what is reported doesn't result in a prosecution, and most of the prosecutions don't result in convictions.

famosas sobre suas experiências de violência, assédio e abuso sexuais. Seguindo essa perspectiva, ela afirma acreditar que assim chegaremos ao fim da violência sexual. Em contrapartida, confesso discordar da pesquisadora nesse ponto, mas acredito que o relato pessoal ajude a própria vítima a lidar com o trauma e a motivar outras mulheres e meninas a fazerem o mesmo. Também acredito que o alcance dessas *hashtags* possa ser tão amplo e poderoso que atinja pessoas influentes, causando mudanças de atitude em nossa sociedade a respeito desse crime. Além disso, a abordagem da problemática é facilitada e a quebra de tabus e mitos que ainda cercam a temática podem ser desconstruídos. Portanto, concordo quando ela afirma que “as narrativas de experiência podem produzir empoderamento individual, libertação coletiva e mudança social”⁹⁴ (SERISIER, 2018, p. 44).

Como afirma Serisier, em 2017 a revista *Time* considerou como personalidade do ano as chamadas *silence breakers* envolvidas no lançamento das *hashtags* acima mencionadas, reconhecendo o status político que o movimento merece. Essas mulheres estão trabalhando pela mudança cultural chamando a atenção do interesse público para o problema da violência sexual. O ativismo *online* se torna uma das formas de discurso político ativista ao lado da literatura, da escrita acadêmica e das passeatas, gerando uma história conjunta a partir de uma nova forma de *consciousness raising*:

Essas narrativas chamam a atenção para o poder da narrativa coletiva e também para os processos de marginalização e homogeneização ao longo dos eixos de raça e classe que podem limitar a capacidade das mulheres de participarem e moldarem essas histórias.⁹⁵ (SERISIER, 2018, p. 96)

Essa forma de relato coletivo possibilitado pelas *hashtags* proporcionam às mulheres, em escala global, uma nova forma de serem ouvidas e de contribuírem para um saber que, antes desse fenômeno, era parcial, visto que o compartilhamento dessas histórias não ocorria de forma ampla. Diante de tais narrativas, devemos nos questionar se as estatísticas oficiais têm revelado a realidade sobre a violência sexual contra a mulher. Encontramo-nos perante a sempre existente urgência política do problema. Contudo, agora descortinada.

⁹⁴ No original: [...] narratives of experience can produce individual empowerment, collective liberation and social change.

⁹⁵ No original: These narratives draw attention to the power of collective storytelling and also to the processes of marginalisation and homogenisation along axes of race and class that can limit women's ability to participate within and shape these stories.

Como visto nesta seção, as pesquisadoras contemporâneas, tais como Alison Healicon, Louise du Toit, Ann Cahill e Mithu Sanyal, afirmam que definir o estupro como um ato de violência e poder é uma visão parcial da problemática, pois também se trata de uma questão de satisfação sexual através da violação do corpo da vítima, causando-lhe consequências psicológicas negativas. Tal ato faria parte da crença social de que o homem possui o direito de oprimir e violentar uma mulher, atacando sua honra e integridade física, a fim de atingi-la da maneira mais íntima possível e de provar sua “superioridade” sexual fálica, como afirma Healicon:

O “sexo” da violência sexual é essencial, mas não apenas por ser a expressão cultural da estratificação de gênero. A violência sexual envolve partes sexuais do corpo socialmente designadas e tal violação é intimamente e vergonhosamente experienciada. É tanto sexualizada quanto é uma violência⁹⁶. (HEALICON, 2016, p. 67)

De acordo com a antropóloga argentina Rita Segato, em *La guerra contra las mujeres* (2016), o ato de estupro é uma agressão por meios sexuais, da ordem do poder e, muitas vezes, praticado em grupo – numa espécie de confraria masculina disposta hierarquicamente, como em uma máfia. Nesse caso, o mandato da masculinidade é estabelecido pelo poder conseguido a partir desse ato violento e criminoso sob o olhar dos confrades.

Segundo Ann Cahill (2001), por ser um ataque corporal sexual em particular em um sujeito corporificado, o estupro constitui uma debilitação fundamental e sexualmente específica da integridade subjetiva daquela pessoa. Obviamente, nem todas as mulheres reagem da mesma forma. Muitas não se recuperam, outras encontram na terapia, por exemplo, uma forma de suportar a existência. Veremos nas próximas seções como Roxane Gay aborda a questão em sua obra, tanto em textos não-ficcionais quanto em sua ficção.

Vale ressaltar que, nesta tese, iremos considerar o estupro uma violência sexual cometida pelo homem contra a mulher, envolvendo o ato sexual não consensual, pois nos textos aqui estudados trataremos dessa relação de poder e de violência específica e desigual que envolve os sexos masculino e feminino.

⁹⁶ No original: The ‘sex’ of sexual violence is central but not only because it is a cultural expression of gendered stratification. Sexual violence involves socially designated sexual body parts and such violation is intimately and shamefully experienced. It is both sexualised and violence.

2.3 O feminismo, o estupro e o corpo em *Bad feminist* e *Hunger*

There's no benefit to creating a hierarchy of rape where one kind of rape is worse than another because rape is, at the end of the day, rape.

Roxane Gay

Roxane Gay relata em *Bad feminist*, sua primeira obra não-ficcional, através de ensaios e textos autobiográficos, acontecimentos de sua vida e discorre sobre questões que dizem respeito à vida das mulheres e da sociedade contemporânea sob um viés feminista, tais como: gênero, sexualidade, raça, entretenimento, literatura e política. Dentre esses assuntos, Gay critica a própria academia literária no ensaio “Beyond the measure of men”, enfatizando o quanto o meio acadêmico, e até mesmo a literatura popular, ainda divide a produção literária entre literatura e literatura produzida “para mulheres”, como se os livros de autoria feminina e sobre as mulheres fossem passatempos e não fizessem parte de uma literatura séria e para todos, como afirma na seguinte passagem:

Quando os homens se tornaram o padrão de referência? Quando coletivamente decidimos que escrever era uma atividade mais digna se fosse assumida por homens? Imagino que tenha sido o “sistema literário” que tomou essa decisão quando, durante muito tempo, os homens dominaram o cânone, e eram aqueles cujo trabalho foi chamado de digno, recebendo, assim, a maioria dos prêmios literários de prestígio e atenção da crítica.⁹⁷ (GAY, 2014b, p.174, grifo da autora)

Pode-se perceber que Gay é uma intelectual cujas opiniões desafiam o patriarcado e o sexismo que ainda temos de enfrentar. Além disso, denuncia, como já explorado nesta tese, o lugar da mulher no sistema literário, muitas vezes considerado coadjuvante.

No entanto, abordaremos nesta seção a visão de Roxane Gay sobre as seguintes questões: feminismo, violência sexual e problemas relacionados ao seu corpo. *Bad feminist* é um livro variado, subdividido em ensaios por assunto,

⁹⁷ No original: When did men become the measure? When did we collectively decide writing was more worthy if men embraced it? I suppose it was the “literary establishment” that made this decision when, for too long, men dominated the canon, and it was men whose work was elevated as worthy, who received the majority of the prestigious literary prizes and critical attention.

contendo textos subdivididos por assuntos. Na introdução, explica os motivos da escolha do título de sua própria obra:

Aceito o rótulo de má feminista porque sou humana. Fico confusa. Não estou tentando ser um exemplo. Nem ser perfeita. Nem dizer que tenho todas as respostas. Nem dizer que estou certa. [...] Sou má feminista porque não quero nunca ser colocada em um Pedestal Feminista. Dessas pessoas, espera-se que se comportem com perfeição. [...] Considere-me já como criticada.⁹⁸ (GAY, 2014b, n.p.)

Gay afirma acreditar no feminismo de forma plural, não em um feminismo essencial ou em um “Feminismo” único com F maiúsculo, já que é um movimento realizado por pessoas, que não são perfeitas. Muitas vezes, observa que não se enxerga dentro do movimento feminista *mainstream* por ser uma mulher negra e descendente de imigrantes. Contudo, reconhece a importância histórica do movimento, todas as conquistas alcançadas e acredita na liberdade das mulheres dizerem, inclusive, que não são feministas. Isso também é um direito. Mesmo assim, continuará, como toda feminista, lutando para que a liberdade e os direitos de todas as mulheres sejam conseguidos. (GAY, 2014b).

A autora reafirma a importância de se pensar de forma interseccional, considerando diversos fatores que influenciam quem somos e que questões pesam para cada uma de nós. Há de se respeitar as diferenças e tentar minimizar as distâncias entre as mulheres. No primeiro capítulo do livro, intitulado “Me”, a escritora reitera ser essencial reconhecer privilégios. Afirma que, apesar de ser mulher, negra e filha de imigrantes haitianos, sua família é de classe média alta e mora nos Estados Unidos. Ela sempre viveu em um lar amoroso e estudou em escolas de elite, realizou o mestrado e o doutorado com bolsas de estudos, além de suas contas terem sido pagas até os 30 anos de idade e os seus livros serem reconhecidos e publicados. (GAY, 2014b). Esse é um exercício que todas as pessoas deveriam fazer: reconhecer seus privilégios, ter consciência de suas opressões, pensar de forma interseccional, saber ouvir, ter empatia e não negar ou comparar desvantagens.

⁹⁸ No original: I embrace the label of bad feminist because I am human. I am messy. I'm not trying to be an example. I am not trying to be perfect. I am not trying to say I have all the answers. I am not trying to say I'm right. [...] I am a bad feminist because I never want to be placed on a Feminist Pedestal. People who are placed on pedestals are expected to pose, perfectly. [...] Consider me already knocked off.

Neste momento, podemos traçar um paralelo entre o pensamento de Gay e as ideias de Rosi Braidotti em “By ways of nomadism” em que conceitua a subjetividade feminina, principalmente a feminista, como nômade. Um ser complexo definido por variáveis como classe, raça, idade, orientação sexual, estilo de vida etc. Uma mulher que assume uma posição antiessencialista e fala com o objetivo de empoderar outras mulheres. O estado nômade dessa mulher é definido pela subversão das convenções sociais a partir de uma tomada de consciência crítica de sua posição dentro das normas da sociedade. (BRAIDOTTI,1994).

Roxane Gay é uma nômade contemporânea. A despeito de seus privilégios de classe, vivencia múltiplas opressões devido à sua cor, seu sexo, sua sexualidade, seu corpo e sua descendência. Dentro das múltiplas opressões vivenciadas pelas mulheres em diferentes lugares e tempos históricos, podemos ressaltar, nas obras que serão aqui estudadas, a questão da violência sexual. Sobre a problemática que a envolve, no ensaio “The careless language of sexual violence”, Gay afirma que:

Vivemos em uma cultura excessivamente permissiva em relação ao estupro. Enquanto por um lado há muitas pessoas que o entendem, bem como os danos causados por ele, por outro, vivemos em uma época que exige a expressão “cultura do estupro”. Essa expressão denota uma cultura em que somos bombardeados, de diferentes maneiras, pela ideia de que a agressão masculina e a violência contra as mulheres são aceitáveis e, muitas vezes, inevitáveis.⁹⁹ (GAY, 2014b, p. 129, grifo da autora)

Gay aborda a questão do estupro relatando não somente o que lhe ocorreu, mas também discutindo casos reais famosos, filmes e mitos. Além disso, afirma o quanto o ato sexual e o estupro são vulgarizados em letras de música, em piadas, na linguagem, na televisão e no meio político. A autora faz ponderações contundentes em relação ao assunto ao afirmar que assim que um caso de estupro se torna público, imediatamente coloca-se em xeque os antepassados da vítima: onde ela estava, o que estava vestindo, quem são seus pais (principalmente quem é a mãe), em vez de investigarem quem é o agressor e puni-lo. (GAY, 2014b).

No ensaio citado acima, por exemplo, ela relata ter se sentido perturbada com o caso de uma garota de onze anos que sofreu um estupro coletivo em Cleveland, no Texas, cuja notícia foi publicada no *The New York Times* pelo jornalista James

⁹⁹ No original: We live in a culture that is overly permissive where rape is concerned. While there are certainly many people who understand rape and the damage of rape, we also live in a time that necessitates the phrase “rape culture.” This phrase denotes a culture where we are inundated, in different ways, by the idea that male aggression and violence toward women is acceptable and often inevitable.

McKinley Jr., que se refere ao acontecido como algo que “abalou a cidade”. Gay questiona por que o artigo não se refere ao abalo sofrido pela criança. No artigo, o jornalista lamenta que as vidas daqueles homens mudariam para sempre, talvez nem poderiam estudar mais na mesma escola, e quase não usa a palavra “estupro” no artigo. A escritora então conclui:

Fico preocupada com o fato de permitirmos tal distância intelectual entre a violência e a representação da violência. Falamos sobre o estupro, mas não falamos cuidadosamente sobre o estupro. [...] Talvez as pessoas não entendam o trauma do estupro coletivo. [...] a ideia de que um bando de homens se alimenta do frenesi uns dos outros e tanto individualmente quanto coletivamente acreditam ser seu direito violar o corpo de uma mulher de maneira inominável e assistir os outros revezarem.¹⁰⁰ (GAY, 2014b, p. 132)

Para a filósofa brasileira Márcia Tiburi, em *Feminismo em comum*, “as mulheres concernem bem mais ao mundo da violência do que ao mundo do poder. [...] enquanto a violência é ‘sofrida’ por mulheres, o poder é ‘exercido’ pelos homens” (TIBURI, 2018, p. 107). Não apenas por eles, mas também “por toda uma sociedade que produz esses mesmos homens como seres de privilégios contra outros seres que, não sendo homens, não teriam privilégios” (TIBURI, 2018, p. 108).

Certamente o exercício do poder por meio da violência é uma realidade com a qual convivemos. Essa violência se expressa de diversas maneiras, inclusive através de atos sexuais criminosos praticados contra as mulheres. É isso que Gay evidencia nos textos escolhidos para este estudo.

Dessa forma, Gay nos coloca diante de uma situação alarmante: a realidade do estupro e como se fala sobre ele nos meios de comunicação. Afinal, esse também é o seu lugar de fala. Em outros ensaios que compõem o livro, Gay comenta casos de violência e abuso contra mulheres que vieram a público e relata, timidamente, no ensaio “What we hunger for”, como foi estuprada na adolescência por um grupo de meninos da escola em uma cabana na mata e o quanto isso acabou com sua autoestima. Assim, critica a cultura do estupro, a qual ainda faz a vítima se sentir culpada e envergonhada, como se tivesse provocado a situação. Gay foi mantida naquele local por horas pelo grupo de meninos que a estupravam: “os garotos olhavam pra mim enquanto bebiam cerveja e riam e diziam coisas que

¹⁰⁰ No original: I am troubled by how we have allowed such intellectual distance between violence and the representation of violence. We talk about rape, but we don't carefully talk about rape.[...] Perhaps people do not understand the trauma of gang rape. [...] the idea that a pack of men feed on one another's frenzy and both individually and collectively believe it is their right to violate a woman's body in such an unspeakable manner and watch the others take turns.

eu não entendia; porque eu sabia das coisas, mas eu não sabia nada sobre o que um grupo de meninos podia fazer para matar uma garota”¹⁰¹ (GAY, 2014b, p. 143). A partir desse dia, sem contar nada a ninguém – por medo, vergonha e culpa – continuou frequentando a escola. Os garotos e seu “namorado” haviam contado uma história diferente para toda a classe e ela passou a ser chamada de vadia (*slut*) na escola.

Pierre Bourdieu evidencia que os jogos de violência masculinos, tantas vezes envolvendo atos sexuais, se dão pelo fato de que a virilidade tem que ser avaliada por seus iguais. Inúmeros rituais comportam “verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes” (BOURDIEU, 2012, p. 65).

No ensaio “The illusion of safety / the safety of illusion”, Gay reflete sobre o trauma que a acompanha até os dias de hoje e os sinais que desencadeiam sintomas de ansiedade, afirmando a necessidade dos avisos indicativos de idade e de gatilhos em filmes, programas de televisão e conteúdo online que causam estresse em pessoas que sofrem de estresse pós-traumático. Isso porque admite sentir náusea, suores e dor quando vê homens que se parecem com seus agressores, quando sente um hálito de cerveja em um homem, quando vê uma mulher ser atacada em um filme, quando passa de carro perto de uma mata, quando está fazendo sexo ou quando é revistada no aeroporto. (GAY, 2014b).

Gay conclui seu livro de ensaios afirmando que quanto mais escreve, mais se coloca no mundo e mais entende quem foi e quem quer se tornar, assegurando que está aberta a ser uma boa mulher, apesar de se considerar, ironicamente, uma má feminista. Assim, reitera:

Não importa que questões eu tenha com o feminismo, eu sou uma feminista. Eu não posso e não vou negar a importância e a absoluta necessidade do feminismo. Como a maioria das pessoas, eu sou cheia de contradições, mas também não quero ser tratada como lixo por ser uma mulher.

Eu sou uma má feminista. Prefiro ser uma má feminista do que não ser feminista.¹⁰² (GAY, 2014b, p. 318)

¹⁰¹ No original: The boys stared at me while they drank beer and laughed and said things I didn't understand because I knew things but I knew nothing about what a group of boys could do to kill a girl.

¹⁰² No original: No matter what issues I have with feminism, I am a feminist. I cannot and will not deny the importance and absolute necessity of feminism. Like most people, I'm full of contradictions, but I also don't want to be treated like shit for being a woman. I am a bad feminist. I would rather be a bad feminist than no feminist at all.

Três anos mais tarde, em 2017, Roxane Gay publica uma nova obra não-ficcional, o livro de memórias *Hunger*, no qual relata seu caminho até a obesidade, afirmando que, após ter passado pelo trauma do estupro coletivo na adolescência, desenvolveu distúrbios alimentares, além de querer se tornar cada vez “menos atraente” para os garotos, vestindo roupas largas e engordando o máximo que podia, o que ressalta no seguinte relato:

Quando eu tinha 12 anos eu fui estuprada e então eu comi e comi e comi para transformar meu corpo numa fortaleza. Eu era problemática e então cresci e me distanciei daquele dia terrível e me tornei um tipo diferente de pessoa problemática.¹⁰³ (GAY, 2017b, n.p.)

Nessa obra, Gay dá mais ênfase às suas vivências pessoais, o que essa violência sexual trouxe para o seu corpo, como foram suas reações e sua interpretação de fatos traumáticos ao longo de sua vida. Após concluir que deveria evitar ser estuprada novamente, chegou à obesidade mórbida com a ideia de que poderia lutar caso fosse preciso.

Segundo Bordo (1993) a violência sexual deve se tornar assunto inevitável, pelo fato de as mulheres internalizarem a crença cultural de “tentação sexual” e carregarem a culpa por “avanços indesejados” e pela violência sexual cometida contra elas, algo que deve ser contado, pois:

[...] essa culpa se transforma em inquietação com nossa feminilidade, vergonha dos nossos corpos, e autoaversão. Por exemplo, a anorexia nervosa, que normalmente se manifesta após um episódio de abuso ou humilhação sexual, pode ser vista como, ao menos parcialmente, uma defesa contra a “feminilidade” do corpo e um castigo por seus desejos.¹⁰⁴ (BORDO, 1993, p. 8)

No caso da autora Roxane Gay, os distúrbios que se manifestaram foram a compulsão alimentar e a bulimia. Relata que tentou várias dietas, inclusive por insistência dos pais, tendo passado por uma rígida dieta líquida ainda na

¹⁰³ No original: When I was twelve years old I was raped and then I ate and ate and ate to build my body into a fortress. I was a mess and then I grew up and away from that terrible day and became a different kind of mess.

¹⁰⁴ No original: This guilt festers into unease with our femaleness, shame over our bodies, and self loathing. For example, anorexia nervosa, which often manifests itself after an episode of sexual abuse or humiliation, can be seen as at least in part a defense against the "femaleness" of the body and a punishment of its desires.

adolescência – que resultou em uma inflamação na vesícula –, passando pelo vegetarianismo na idade adulta, com o objetivo de comer alimentos menos gordurosos, até chegar à conclusão de que deveria fazer uma cirurgia bariátrica e praticar esportes para obter algum controle sobre seu corpo. (GAY, 2017b).

A psicoterapeuta Teresa Lauer em *The truth about rape* explica que distúrbios alimentares estão diretamente relacionados a traumas de violência sexual. No caso de Gay, não foi a anorexia, entendida como tentativa de controlar a vida através do controle do peso, que se apresentou. Segundo a terapeuta, a bulimia está ligada a uma tentativa de aliviar a dor eliminando a comida de maneira forçada, limpando-se, “enquanto que na compulsão alimentar, a mulher come em excesso em uma tentativa de modificar seu corpo com a finalidade de evitar futuros ataques, pois em sua mente seu corpo funcionou como um convite ao estupro”¹⁰⁵ (LAUER, 2004, p. 215).

Hunger começa com um tom pessimista, pois a escritora afirma que não se trata de um livro sobre perda de peso. Não é uma história de superação sobre antes e depois de um corpo que pesava 260 quilogramas, perdeu 60 e chegou a 200. É sobre viver com esse corpo, como a própria autora descreve: *an unruly body* (um corpo indisciplinado). No entanto, ela quer ter controle desse corpo, quer passar despercebida. Mas não consegue, tem presença. Gay diz que seu refrão é “não sei como as coisas saíram tanto do controle, ou eu sei”¹⁰⁶ (GAY, 2017b, n.p.).

Na intenção de tentar superar seu trauma ou suportar a lembrança desse grave acontecimento em sua vida, a saída encontrada pela escritora foi a literatura e os relatos autobiográficos que fazem parte de seus ensaios e suas memórias, pois como afirma: “Não sei como falar de estupro e violência sexual quando se trata da minha própria história. É mais fácil dizer que ‘aconteceu algo terrível’. Aconteceu algo terrível. Esse algo terrível me destruiu. [...] Não quero ficar em silêncio”¹⁰⁷ (GAY, 2017b, n.p.).

Em *Hunger*, ela conta com mais detalhes sobre o dia em que foi estuprada. Ela achava estranho o fato de o falso namorado fingir que não a conhecia quando

¹⁰⁵ No original: [...] a woman who compulsively overeats may be attempting to change her body in order to avoid future rapes. In her mind she may believe that it was her body that invited the rape.

¹⁰⁶ No original: I don't know how things got so out of control, or I do.

¹⁰⁷ No original: I don't know how to talk about rape and sexual violence when it comes to my own story. It is easier to say, “Something terrible happened.” Something terrible happened. That something terrible broke me. [...] I don't want to be silent.

estavam diante de outras pessoas. Entretanto, marcavam de se encontrar sozinhos. Quando foi estuprada por ele, haviam marcado um encontro na mata para andar de bicicleta e foram até uma cabana. Lá estavam os amigos de seu “namorado”, bebendo cerveja e esperando pelos dois. Eles a seguraram, a despiram e a estupraram, um após o outro, rindo, bebendo, se divertindo e cuspidando nela (GAY, 2017b).

Em uma visão psicanalítica, segundo Freud, para o ser humano, o uso do outro como objeto de saciação do prazer é algo que ocorre em nossa sociedade sem que para isso o sujeito que viola o outro seja perverso. Ele afirma que:

O próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. (FREUD, 2011, p. 57)

No contexto deste estudo, parece que podemos substituir a expressão “ser humano” e seu respectivo “objeto sexual” por “homens” e “mulheres”, pois a escritora, assim como suas personagens e outras mulheres da vida real, às quais se refere, sofreram violências sexuais inadmissíveis causadas por estupradores homens. Entretanto, eles não parecem perceber o sofrimento alheio e dão continuidade à vida após cometerem um crime.

Como afirma Bordieu, “o ato sexual é pensado em função do princípio do primado da masculinidade” (2012, p. 27) e o ato sexual é uma relação de dominação pelo seguinte motivo:

Estar construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2012, p. 31)

Gay divide sua vida, sua história, em antes e depois do estupro, assim como o seu corpo se tornou a representação disso. Antes era uma menina protegida, católica, boa aluna, de família bem estruturada, uma afável filha haitiana. Depois, uma garota transformada, quieta, “um nada”, “um ninguém”, não mais uma criança, tendo ficado em silêncio sobre o assunto por muito tempo. Um ano após o ataque sexual que sofreu, sua família teve de se mudar, pois seu pai era engenheiro civil, projetava pontes e a família precisava se mudar com frequência. Gay foi para um

colégio interno, o mais caro e tradicional do país, Exeter. Lá, tinha acesso irrestrito à comida. Nas primeiras férias, a família quase não a reconheceu.

Conforme narra os episódios ou descreve as lembranças da infância, da adolescência e do início da vida adulta, a escritora tece comentários a respeito dos problemas pelos quais passou. Sobre vítimas de estupro, afirma que normalmente a mulher resolve não contar o que aconteceu por saber que será desacreditada, enquanto o homem, o agressor, será ouvido, e sua palavra valerá mais. Então, ela observa: “ela [a verdade] se espalha pelo corpo como uma infecção. Ela se torna depressão ou vício ou obsessão ou alguma outra manifestação física do silêncio do que ela [a mulher] teria dito, precisava dizer, não conseguiu dizer”¹⁰⁸ (GAY, 2017b, n.p.).

Nessa escola, a escritora conta que sofreu outros tipos de bullying, afinal, era negra, filha de haitianos, obesa. Entretanto, ninguém no colégio sabia sobre o estupro. Ela comia avidamente para preencher o vazio emocional que a atingira, assim como lia e escrevia em todo o seu tempo livre. Ela afirma que a leitura e a escrita salvaram sua vida. Quanto mais o tempo passava, mais ela “perdia seu corpo”, parando de se olhar no espelho, pois não sentia nada além de vergonha. (GAY, 2017b). Tinha certeza de que fora estuprada por culpa sua, de que merecera, era tudo o que aquela garota podia esperar.

Em *Fat is a feminist issue*, a psicoterapeuta britânica Susie Orbach corrobora o que afirma Gay. Embora o comedor compulsivo saiba das desvantagens de ser obeso e sinta desconforto e vergonha, seu corpo funciona como uma muralha, uma fortaleza, uma dessexualização, uma proteção. (ORBACH, 2006).

Ao fim de quatro anos em Exeter, havia ganhado 54 quilogramas. Ao entrar na vida adulta, já na faculdade, decidiu sumir por um ano sem dar notícias à família, vivendo de trabalhos informais, morando com desconhecidos e viajando pelo país para encontrar pessoas que conhecia online. Ela conclui que esse ano foi quando ela tomou as piores decisões de sua vida:

Eu era insequente. Eu não me importava com o meu corpo porque o meu corpo não era nada. Eu deixava os homens, majoritariamente, fazer coisas terríveis com o meu corpo. Eu os deixava me machucar porque eu já estava machucada e então, realmente, eu estava procurando alguém que terminasse o que já tinha sido começado.

¹⁰⁸ No original: It spreads through the body like an infection. It becomes depression or addiction or obsession or some other physical manifestation of the silence of what she would have said, needed to say, couldn't say.

Sem chão. Sem temor. Essa foi a reputação que conquistei no meu círculo social.¹⁰⁹ (GAY, 2017b, n.p.)

Após essa fase, e muitos quilos a mais, Gay retoma sua vida acadêmica e o contato com a família. Pelo fato de sempre ter sido uma aluna exemplar e ter notas altas, consegue bolsas de estudo. Além disso, começa a escrever para blogs e inicia sua carreira como professora. Lembra que no primeiro dia de aula passou mal, estava com muito medo. Não o medo da aula em si, mas do que os alunos pensariam de sua aparência. Embora seu corpo seja seu escudo, a imagem corporal de uma mulher obesa perante a sociedade é, para ela, um mal-estar constante, uma confissão de falta de controle (ORBACH, 2006).

O próprio corpo passou a ser o seu grande empecilho na vida. Evitava ir ao médico, usar transporte público, encontrar a família e se permitir viver o que queria, de se arrumar. Tal problemática é evidenciada na seguinte passagem: “Eu me nego certas armadilhas de feminilidade como se eu não tivesse o direito a tal expressão quando meu corpo não segue as prescrições sociais de como o corpo de uma mulher deve ser”¹¹⁰ (GAY, 2017b, n.p.).

Na vida adulta, Gay se relacionou tanto com homens quanto com mulheres, sem, contudo, viver uma relação feliz. A solidão, a raiva, a culpa e o desprezo pelo próprio corpo a fizeram levar uma vida sem afetos positivos por si mesma. Quando publicou *Bad feminist* e *An untamed state*, ambos em 2014, sabia que teria de lidar com o trauma, já que a história se tornaria pública. A família soube do acontecido pelas resenhas nos jornais, mais de vinte anos depois do ataque que sofreu. Seu pai a interpelou e disse que ela merecia justiça, poderia fazer algo, punir os responsáveis. Ela se recusou e, após muito diálogo, diz que a família a entende. A autora termina *Hunger* dizendo que escrevê-lo foi a coisa mais difícil que já fez na vida.

¹⁰⁹ No original: I was reckless. I did not care about my body because my body was nothing. I let men, mostly, do terrible things to my body. I let them hurt me because I had already been hurt and so, really, I was looking for someone to finish what had already been started. Bottomless. Fearless. This is the reputation I developed in my social circle.

¹¹⁰ No original: I deny myself certain trappings of femininity as if I do not have the right to such expression when my body does not follow society's dictates for what a woman's body should look like.

2.4 Estupro no Haiti: “Things I know about fairy tales”, *An untamed state* e “Sweet on the tongue”

There is war between the sexes. Rape victims, battered women, and sexually abused children are its casualties.

Judith Herman

Em sua primeira coletânea de contos autorais, *Ayiti*, de 2011, há quinze contos que exploram a cultura haitiana através de um realismo cheio de conflitos sobre pessoas tendo que assimilar uma outra cultura, a americana, ou conviver com as contradições do Haiti. Assuntos recorrentes na obra são: abuso sexual, identidade, migração Haiti-Estados Unidos, violência e racismo. Os contos não seguem um formato único e alguns dos textos apresentam um estilo misto de prosa e ensaio, pois assemelham-se a lembranças poéticas.

Um desses contos, “Things I know about fairy tales”, publicado originalmente em 2009 no site NecessaryFiction¹¹¹ e em *Ayiti*, de 2011, foi expandido mais tarde, transformado em romance, a saber, *An untamed state*, e retirado da coletânea *Ayiti* em 2018, quando a obra foi relançada. Em entrevista coletiva para o canal no YouTube *Politics and Prose*¹¹², em ocasião do lançamento do romance supracitado, Gay confirma essa adaptação ao responder a uma pergunta da plateia, justificando a reescrita como uma necessidade de contar aquela história com mais detalhes. A autora afirma que a história permanecia viva em sua mente e ela se entusiasmou com a ideia de reescrevê-la em forma de romance.

Trata-se da história de uma mulher que foi sequestrada e estuprada por vários homens durante treze dias enquanto a negociação do resgate era feita com a família. A protagonista, sem nome, é casada com um homem americano, Michael e tem um filho ainda bebê, Christophe. Os três moram em Miami, mas estavam no Haiti visitando os pais da narradora. Enquanto estavam na praia, ela é levada violentamente por homens armados com rifles. O conto possui passagens intercaladas da narrativa e de breves releituras de contos de fadas clássicos,

¹¹¹ Link: <http://necessaryfiction.com/stories/RoxaneGayThingsIKnowAboutFairyTales>

¹¹² Link: <https://www.youtube.com/watch?v=dbCtpxIQnkY>

deixando claro que a característica de *cautionary tale* dos contos de fada não vale para a vida real. A história começa da seguinte maneira:

Quando eu era muito jovem, minha mãe me contou que não acreditava em contos de fadas. Eles eram, ela gostava de dizer, lições vestidas de roupas chiques. Ela preferia erradicar as princesas e vilãs e, em vez disso, preocupava-se com a moral.

Era uma vez, não faz muito tempo, eu fui sequestrada e mantida em cárcere por treze dias. Logo após minha libertação, minha mãe disse que não havia nada a ser aprendido com o que havia acontecido comigo. Ela me mandou esquecer todo o incidente porque não havia a moral da história.¹¹³ (GAY, 2011, n.p.)

Nessa passagem, fica claro o objetivo da autora de conectar o seu texto a uma desconstrução dos contos de fadas ao enfatizar, logo no início do conto, seu triste desfecho. Em seguida, há a primeira passagem de um conto clássico sem *happy ending*: “Chapeuzinho Vermelho não via o perigo que estava enfrentando até ser tarde demais. Ela pensava que estava segura. E então, não estava nem um pouco segura”¹¹⁴ (GAY, 2011, n.p.). A autora faz o mesmo com as personagens clássicas Branca de Neve, Rapunzel, Bela Adormecida, Bela, Alice e Gata Borralheira ao longo do conto.

Os criminosos, haitianos, são retratados como homens brutos, cruéis e sem empatia, ressentidos pela própria condição crítica de pobreza do Haiti. Esses perpetradores se comprazem com o sofrimento da personagem principal, uma descendente de haitianos que vive nos Estados Unidos, cuja família é abastada. A seguir, um trecho em que ela descreve a primeira interação com um dos sequestradores: “Ele zombou de mim, me chamou de diáspora com o ressentimento que os haitianos que não conseguem partir carregam de quem conseguiu”¹¹⁵ (GAY, 2011, n.p.).

Segundo Michel Laguerre, em *Diasporic citizenship* (1998), diáspora significa deslocamento e reanexação, situação em que o indivíduo cria novos laços em uma

¹¹³ No original: When I was very young, my mother told me she didn't believe in fairy tales. They were, she liked to say, lessons dressed in fancy clothes. She preferred to excise the princesses and villains and instead concerned herself with the moral.

Once upon a time, not long ago, I was kidnapped and held captive for thirteen days. Shortly after I was freed, my mother told me there was nothing to be learned from what had happened to me. She told me to forget the entire incident because there was no moral to the story.

¹¹⁴ No original: Little Red Riding Hood didn't see the danger she was facing until it was too late. She thought she was safe. She trusted. And then, she wasn't safe at all.

¹¹⁵ No original: He sneered at me, called me *diaspora* with the resentment that those Haitians who cannot leave hold for those of us who did.

outra terra. Esse processo de tentar se enraizar na segunda nação é mais forte para a segunda geração da diáspora, ou seja, quem é filho de imigrantes e já nasce no país para onde os pais migraram. Porém, a presença simbólica da terra natal, da origem e da verdadeira raiz persiste de forma idealizada como o berço familiar. No caso do Haiti, os sentimentos contraditórios em relação à identidade e à necessidade de pertencimento são uma constante para quem se instala nos Estados Unidos. Isso porque esses imigrantes caribenhos e seus descendentes vêm de um país repleto de contradições em si. Contradições essas que envolvem até mesmo a tonalidade da cor de seus cidadãos. Quanto mais escuro, mais pobre e vulnerável, quanto mais claro, mais abastado e privilegiado¹¹⁶.

Voltando ao conto, nos trechos subsequentes ao sequestro e ao início das negociações, os estupros começam a acontecer, como narra a protagonista:

Embora meu sequestro fosse uma transação de negócios, meus captores se divertiam ao misturarem prazer à minha custa. Eu lutei, mas eu também implorei para que usassem camisinha. Fiz o que tinha de fazer. Coisas piores poderiam ter acontecido.¹¹⁷ (GAY, 2011, n.p.)

Após o pagamento do resgate, a narradora é libertada, volta para a família e para os Estados Unidos. Ao longo do conto, além dos trechos em que faz observações sobre os contos de fadas, a personagem também denuncia a prática do crime de sequestro no Haiti em alguns trechos, como em: “um dos meus colegas mencionou um artigo de revista que ele leu sobre como o Haiti superou a Colômbia como a capital do sequestro mundial”¹¹⁸ (GAY, 2011, n.p.).

A história termina com o casal e o filho no voo voltando para Miami. O marido, compreensivo e carinhoso, tenta uma reaproximação. Mas ela não era mais a

¹¹⁶ O Haiti é um país que possui um histórico de governos totalitários e êxodos. Apesar de ter sido a primeira nação latino-americana a conseguir sua independência por revolução, em 1804. Sua história como colônia envolve um passado de exploração, inicialmente como colônia espanhola, e a partir do século XVII como colônia francesa. Após a conquista da independência, instaurou-se como a primeira república negra das Américas, onde a elite mulata utilizou o militarismo para manter o controle da nação e a manutenção dos grandes fazendeiros no poder. (LINSTROTH *et al.*, 2009).

¹¹⁷ No original: Although my kidnapping was a business transaction, my captors enjoyed mixing in pleasure at my expense. I fought, but I also begged them to use condoms. I did what I had to do. Worse things could have happened.

¹¹⁸ No original: One of my colleagues mentioned a magazine article he read about how Haiti had surpassed Colombia as the kidnapping capital of the world.

mesma: “Eu encarei a estranha no espelho. Eu me imaginei descendo, descendo pela toca do coelho do meu felizes para sempre”¹¹⁹ (GAY, 2011, n.p.).

Em entrevista para *The Rumpus Book Club*¹²⁰, Gay reafirma que a protagonista de “Things I know about fairy tales” era persistente em sua mente e que precisaria desenvolver aquela história, com outra estrutura, com a inclusão e o desenvolvimento de outros personagens.

Assim, Gay escreve *An untamed state*, romance que narra o sequestro de Mireille Duval, filha de um abastado engenheiro e empresário haitiano, Sebastien Duval, que enriquecera trabalhando nos Estados Unidos, onde Mireille nasceu.

O romance se divide em duas partes e narra, além dos dias em que Mireille fica no cativeiro, seu casamento e trabalho, a convivência entre a protagonista e a família do marido, lembranças da infância da protagonista e a vivência de seu trauma após o acontecido.

A primeira parte do romance começa com o título *Happily ever after* (Felizes para sempre), uma frase que costuma terminar contos de fadas romantizados. O título, no romance em questão, serve para ser desconstruído ao longo da história. O excerto inicial também alerta o leitor para o que o espera, isto é, um conto de fadas às avessas:

Era uma vez, numa terra muito distante, eu fui sequestrada por uma gangue de homens jovens, destemidos, porém apavorados, com tanta esperança impossível batendo em seus corpos que queimava suas próprias peles e fortalecia seus desejos até os ossos. Eles me mantiveram cativa por treze dias. Eles queriam me destruir. Não era pessoal. Eu não estava destruída. É o que eu digo a mim mesma.¹²¹ (GAY, 2014a, p. 3)

O realismo do romance o encaixa na essência de desconstrução dos contos de fadas de forma brutal, assim como o conto que o inspira, adaptado para os

¹¹⁹ No original: I stared at the stranger in the mirror. I imagined going down, down the rabbit hole of my own happily ever after.

¹²⁰ Link: <https://therumpus.net/2014/06/the-rumpus-book-club-chat-with-roxane-gay/>

¹²¹ No original: Once upon a time, in a far-off land, I was kidnapped by a gang of fearless yet terrified young men with so much impossible hope beating inside their bodies it burned their very skin and strengthened their will right through their bones. They held me captive for thirteen days. They wanted to break me. It was not personal. I was not broken. This is what I tell myself.

nossos tempos, em que a “princesa” tem como antagonista não uma mulher (a bruxa, a madrasta), mas um homem (o pai, o rei, o estuprador), como observaremos a seguir.

Nessa primeira seção, em subdivisões entre cativo e vida anterior ao sequestro, em forma de *flashbacks*, observamos que Mireille tinha um casamento feliz, um filho ainda bebê, Christophe, uma carreira como advogada e toda uma vida estabelecida nos Estados Unidos, desde o seu nascimento, com a própria família. Seus pais, Sebastien e Fabienne, haviam decidido se mudar de volta para o Haiti, onde passaram a viver em uma mansão, pois seu pai havia enriquecido como engenheiro em solo americano. Sua irmã mais velha, Mona, que trabalha com o pai, vive entre Porto Príncipe e Miami com o marido cubano, Carlos.

A história começa com Mireille e o marido americano, o engenheiro Michael Jameson, na praia em Porto Príncipe com o filho do casal, um bebê de onze meses. Estavam brincando com o filho enquanto “bebiam algo gelado e se aqueciam na perfeição de seu felizes para sempre”¹²² (GAY, 2014a, p. 11). Na volta para a casa dos pais, onde estavam de férias, Mireille é sequestrada por homens armados e levada até uma casa na periferia da cidade. Após três dias de negociação, Sebastien se recusa a pagar o valor do resgate, um milhão de dólares, alegando que se assim o fizesse os criminosos sequestrariam outras pessoas da família. Oferece cento e vinte e cinco mil. Ambos os lados se mantêm inflexíveis e as negociações ficam estagnadas. Mireille é várias vezes obrigada a implorar por seu resgate ao telefone em contato com o pai ou o marido.

Após esse período, os criminosos passam a estuprar e a espancar Mireille todos os dias. São sete homens que se revezam e com quem Mireille luta, sem esmorecer. Essa gangue é liderada por um homem a quem chamam de *Commander*. Um outro criminoso, TiPierre, braço direito do *Commander*, em certo momento da trama, passa a pagar os outros homens da gangue para poder ter o direito de estuprar Mireille na vez deles. Dessa forma, Mireille segue sendo violentada pelos dois. Há uma mulher nessa gangue, irmã do *Commander*, a qual cozinha e faz os serviços domésticos da casa onde Mireille está “enjaulada”, como ela mesma repete.

¹²² No original: We would drink something cold and bask in the perfection of our happily ever after.

Ambas as partes do romance são divididas em seções numeradas. As seções da primeira parte se alternam entre o que está acontecendo com Mireille no cativeiro e momentos de sua vida passada. Nessas passagens anteriores ao sequestro, narradas em primeira pessoa, assim como a narrativa principal, Mireille fala sobre a imagem estereotipada que os americanos possuem de uma descendente haitiana, como em:

Eu sou uma curiosidade para meus amigos americanos - uma haitiana que não é das favelas ou da área rural, uma haitiana que viveu uma vida de privilégios. Quando eu falo sobre a minha vida no Haiti, eles ouvem minhas histórias como se fossem contos de fadas, histórias que não poderiam ser verdadeiras pela natureza de sua bondade.¹²³ (GAY, 2014a, p. 9)

O Haiti é visto por Mireille como suas origens, seu berço, suas raízes, mesmo tendo nascido e sido criada nos Estados Unidos. É filha da diáspora, considera-se uma “boa filha haitiana”. Segundo Stuart Hall, em seu artigo “Cultural identity and diaspora” (1989), a identidade cultural não é uma essência fixa. Ela tem suas histórias, seu passado, e as identidades caribenhas são marcadas por processos de ruptura e diferença. Tais processos resultam de histórias de exploração colonial, migrações em massa, governos ditatoriais e profundos abismos sociais e raciais.

Em vários momentos em que Mireille divaga em seus pensamentos, o Haiti aparece como um elemento importante de sua vida, como nos seguintes excertos: “Há três Haitis - o país que os americanos conhecem e o país que os haitianos conhecem e o país que eu achava que conhecia”¹²⁴ (GAY, 2014a, p. 10) e:

Todo verão, meus pais nos levavam para o Haiti durante a pior época possível – junho e julho. Sempre começávamos a arrumar as malas no início de maio. Era fácil peneirar nossas roupas – roupas boas para a igreja e para visitar os parentes distantes, roupas de banho para a praia¹²⁵. (GAY, 2014a, p. 49)

O Haiti aparece como um lugar idílico, pastoral, para a personagem que terá sua visão modificada após o trauma brutal que virá experimentar. Quando Michael resolve conhecer a família de Mireille, antes do casamento, ela já havia alertado o

¹²³ No original: I am a curiosity to my American friends—a Haitian who is not from the slums or the countryside, a Haitian who has enjoyed a life of privilege. When I talk about my life in Haiti, they listen to my stories as if they are fairy tales, stories that could not possibly be true by nature of their goodness.

¹²⁴ No original: There are three Haitis—the country Americans know and the country Haitians know and the country I thought I knew.

¹²⁵ No original: Every summer, my parents took us to Haiti during the worst possible time - June and July. We always began packing in early May. It was easy to sift through our clothes - nice outfits for church and visiting distant relatives, swimsuits for the beach.

noivo: “Eu tentei prepará-lo. Eu expliquei que ele iria ver coisas que ele provavelmente nunca veria nos Estados Unidos, coisas difíceis e dolorosas. Eu expliquei que não há lugar mais bonito e mais feio no mundo”¹²⁶ (GAY, 2014a, p. 86).

Por ser filha de imigrantes haitianos, mesmo que de uma família de classe alta, a convivência de Mireille com a mãe de Michael, Lorraine, é conflituosa no início, por preconceito da sogra. Na primeira visita à fazenda dos pais de Michael, ouve frases como “Não temos muita gente do seu tipo aqui” e “acho que vocês não vão durar. O meu filho só está se divertindo, sempre quis ir para as ilhas”¹²⁷ (GAY, 2014a, p. 71). Mireille, como descendente de imigrantes caribenhos representa para aquele “Outro” que, para o norte ocidental, faz parte de um conjunto de exclusão que se dá fisicamente da América Central para baixo. Como aponta Hall: “Nós pertencemos ao marginal, o subdesenvolvido, a periferia, o ‘Outro’. Estamos na margem de fora, na ‘beira’, do mundo metropolitano – sempre ‘Sul’ do *El Norte* de alguém”¹²⁸ (HALL, 1990, p. 228, grifo do autor).

A relação de Mireille com a sogra muda quando, já casada com Michael, decide cuidar da mãe do marido após Lorraine descobrir um câncer. Mireille pede afastamento do trabalho e se muda para viver na fazenda e conseguir acompanhar Lorraine em seu tratamento, enquanto o pai de Michael, Glen, mantinha a fazenda funcionando. São quatro meses vivendo com a sogra e ouvindo ironias como: “Esses saltos são impraticavelmente altos. Aceite sua altura natural.” e “esse seu perfume é muito jovem pra você, faz você cheirar como uma vagabunda adolescente”¹²⁹ (GAY, 2014a, p. 124). Com o passar das semanas, o tom de Lorraine em relação à Mireille, que a trata com respeito, carinho e consideração, muda e a sogra reconhece o que a nora fez por ela, considerando-a agora uma amiga, alguém da família.

¹²⁶ No original: I tried to prepare him. I explained how he would see things he might never see in the States, difficult and painful things. I explained that there is nowhere in the world both as beautiful and as ugly.

¹²⁷ No original: We don’t get much of your kind around here. “I don’t think you’re going to last. My son is having a little fun, he always wanted to go to the islands”.

¹²⁸ No original: We belong to the marginal, the underdeveloped, the periphery, the ‘Other’. We are at the outer edge, the ‘rim’, of the metropolitan world – always ‘South’ to someone else’s *El Norte*.

¹²⁹ No original: those shoes are impractically high. Accept your natural height [...] That perfume or yours is too young for you, makes you smell like a teenage tart.

Essa relação de Mireille com Lorraine, que passa a ser uma relação de família, é fundamental no romance. O cuidado que a nora oferece à sogra é retribuído após o sequestro de Mireille, quando a sogra a ajuda a cuidar de suas feridas emocionais. Esse acontecimento no romance mostra como as mulheres podem ultrapassar a barreira do preconceito e se ajudarem mutuamente, vivenciando o que entendemos por sororidade, aquele sentimento de fraternidade e irmandade entre mulheres a despeito de questões raciais, sociais e de origem. (CODE, 2000).

Nas seções em que Mireille descreve seus momentos de horror vividos sob a posse dos sequestradores, o leitor é levado a se revoltar contra os criminosos, que cometem atrocidades com a narradora; e contra o pai de Mireille, que se recusa a pagar o resgate. Essa revolta é salientada pela narrativa gráfica de toda a brutalidade pela qual a personagem passa, como no trecho em que descreve apenas o início da sequência de estupros:

Eu arranhei e chutei e gritei e cuspi em sua face. Ele apenas ria mais. Ele tirou as minhas roupas, me deixou nua, e então ele me despiu de algo que não posso nomear, me virando de bruços, me puxando pelos quadris, forçando minhas coxas a se separarem com as dele, forçando-se dentro de mim. Ele me abriu e me rasgou. Tudo rasgado. Tudo que eu conseguia pensar era no meu corpo, como pela primeira vez na minha vida eu entendi a grande fraqueza, a total fragilidade da carne humana.¹³⁰ (GAY, 2014a, p. 79)

Nesse momento da narrativa, podemos pensar na personagem como alguém cuja vida já não tem valor. De acordo com o pensamento de Judith Butler, em *Undoing gender*, há pessoas que não contam como seres humanos, cujos mundos não importam, cujas vidas, se perdidas, não merecem sequer serem lamentadas. (BUTLER, 2004). O pai de Mireille prefere manter as posses que acumulou a poupar a filha da situação degradante em que se encontra.

O sentimento de Mireille após dias sob o domínio dos sequestradores, após ter sido estuprada, algemada, queimada por cigarros, cortada, esmurrada, era de total dissociação. O sentimento começa no cativo e a acompanha após a libertação. Perto do fim da primeira parte do livro, antes de sua libertação, em vários momentos ela afirma não ser ninguém, como em: “Eu tinha que parar de pensar

¹³⁰ No original: I scratched and kicked and screamed and spit in his face. He only laughed more. He stripped me of my clothing, stripped me bare, and then he stripped me of something I cannot name, flipping me onto my stomach, pulling me up by my hips, forcing my thighs apart with his, forcing himself inside me. He ripped me wide open. Everything tore. All I could think about was my body, how the first time in my life I understood the very weakness, the utter fragility of human flesh.

sobre minha vida antiga. Eu não era ninguém. Eu não tinha carreira. Eu não tinha nada. Eu não era nada”¹³¹ (GAY, 2014a, p. 184). A vulnerabilidade do corpo expõe Mireille ao toque e à violência. O corpo é o local do “fazer” e do “ser feito”, local de lutas. É algo que não é só nosso, tem sua dimensão pública. Segundo Butler:

A violência é certamente um toque da pior espécie, uma maneira pela qual a vulnerabilidade humana em relação a outros humanos é exposta em sua forma mais aterrorizante, uma forma em que somos entregues, sem controle, à vontade de um outro, a forma pela qual a vida em si pode ser expurgada pela ação intencional de um outro.¹³² (BUTLER, 2004, p. 24)

Assim, a vida de Mireille se torna precária. Seu sequestro foi marcado por sequências de estupros brutais. Roxane Gay, em seu artigo “Thesis on the feminist novel”, afirma que não quis estilizar a violência em seu romance. Ela precisava fazer o leitor se sentir desconfortável e aterrorizado enquanto testemunhava a experiência de Mireille. Estava contando uma história e fazendo um pronunciamento político. (GAY, 2014e).

Para Toit (2009), o estupro é uma desumanização, uma forma de envergonhar e de objetificar o feminino de maneira que a subjetividade sexual feminina é sempre minada. Ao passo que o homem reafirma a sua masculinidade e o seu papel de desbravador no mundo, a mulher se desfaz, na sua humilhação, sendo levada para a margem do político.

Segundo Heileith Saffioti (2015), o patriarcado é uma estrutura de poder que perpassa toda a sociedade, impregnando também o Estado, que se baseia tanto na ideologia quanto na violência. Essa violência, além de física, é emocional e moral, marcada por uma “virilidade como força-potência-dominação”, permitindo um desencontro social entre homens e mulheres, em que essas recebem tratamento de não sujeitos, seres não essenciais.

Em outras passagens do romance, a condição da mulher em sociedades patriarcais, violentas e misóginas é revelada. As personagens femininas do romance, todas relacionadas a Mireille, demonstram empatia umas pelas outras. São, obviamente, personagens secundárias, mas ilustram a importância de se ajudarem ou pelo menos expressarem solidariedade diante dos problemas de outras

¹³¹ No original: I had to stop thinking about my old life. I was no one. I had no career. I had nothing. I was nothing.

¹³² No original: Violence is surely a touch of the worst order, a way in which the human vulnerability to other humans is exposed in its most terrifying way, a way in which we are given over, without control, to the will of another, the way in which life itself can be expunged by the willful action of another.

mulheres. No romance, o melhor exemplo é a relação entre Mireille e Lorraine. Mas além dessa relação, há o vínculo afetivo de amizade e cumplicidade entre Mireille e Mona (irmãs) e o amor pela mãe – uma mulher submissa ao marido.

Entretanto, há duas passagens em que as relações se mostram contraditórias, revelando que a questão do gênero pode ser encoberta por outros fatores, como a classe social. Em uma passagem tensa e violenta em que Mireille acaba de ser estuprada e algemada, uma mulher aparece em sua “jaula”, que é, na verdade, um pequeno quarto, e a ajuda a fugir. Mireille corre pelas ruas sem saber para onde está indo até ser capturada novamente pelo *Commander*. Na sequência, descobre que a mulher que a soltou era a irmã do *Commander* que estava seguindo as ordens do irmão, um jogo para comprovar o seu poder. Mais tarde, ao esperar a comida que ela preparava, Mireille pensa: “Eu queria rasgar a pele do rosto dela para que eu pudesse ver o sangue de uma mulher que fica parada e não faz nada enquanto outra tolera o que está sendo feito comigo”¹³³ (GAY, 2014a, p. 189).

Em outra passagem, o *Commander* conta para Mireille que sua mãe ainda está viva e que ela trabalhava limpando o chão, lavando roupas e cozinhando para um homem como o pai de Mireille. Ele disse que homens como o pai de Mireille tratavam sua mãe como uma prostituta, pois sabiam que sairiam ilesos. Quando ele terminou de falar, Mireille rebateu:

A sua mãe não merecia as atenções indesejadas de um homem como o meu pai. Eu não merecia as atenções indesejadas de um homem como você. Normalmente são as mulheres que pagam o preço pelo que os homens querem.¹³⁴ (GAY, 2014a, p. 197)

A última passagem da primeira parte termina com o pagamento do resgate e com o *Commander* dizendo que iria libertar Mireille depois de “se divertir com ela” pela última vez. Quando ele terminou, Mireille diz a ele que deveria tê-la matado e antes de relatar sua libertação, constata: “Era uma vez, minha vida era um conto de fadas e então eu fui roubada de tudo o que mais amava. Não houve felizes para sempre. Após dias morrendo, eu estava morta”¹³⁵ (GAY, 2014a, p. 208).

¹³³ No original: I wanted to tear the skin from her face so I could see the blood of a woman who would stand by and do nothing while another woman endured what was being done to me.

¹³⁴ No original: Your mother did not deserve the unwanted attentions of a man like my father.” I said, “I did not deserve the unwanted attentions of a man like you. It is often women who pay the price for what men want.

¹³⁵ No original: Once upon a time, my life was a fairy tale and then I was stolen from everything I’ve ever loved. There was no happily ever after. After days of dying, I was dead.

Apesar de ter lutado como pôde durante os treze dias em cativo, a protagonista estava em situação de desamparo diante do horror que estava vivendo. Em *Horrorism*, a filósofa italiana Adriana Cavarero diferencia os termos vulnerabilidade e desamparo. A pessoa vulnerável é aquela que sempre está exposta a circunstâncias adversas, podendo sofrer violências diversas em seu corpo. Ou seja, todos nós. A pessoa que se encontra em desamparo está sob o poder do outro sem condições de igualdade para se defender ou fugir. A violência ocorre de forma unilateral, por exemplo, quando um está armado e o outro não. No caso da tortura, a vítima, vulnerável e desamparada, enfrenta o sofrimento em seu corpo, que é reduzido a “objeto abjeto” no qual a dor está sendo infligida. (CAVARERO, 2007). Reiterando essa ideia, a professora e pesquisadora Maria Conceição Monteiro, em artigo titulado “A revolta das mulheres sacrificadas”, afirma que o espaço da vulnerabilidade, em casos como o do romance analisado, é o corpo da mulher, a qual se encontra indefesa diante da violência que está sofrendo. O *horrorism* é exposto como um corpo em dor, um corpo feminino sacrificado “em nome do poder masculino que se quer soberano e perpétuo” (MONTEIRO, 2021, p. 761).

Mireille desejava ter sido morta. A morte pode vir como consequência da tortura, mas não é isso que o torturador quer. O *Commander* se recusou a matar Mireille, preferindo machucá-la e esfaqueá-la de modo que, segundo ele, ela não seria uma mulher que iriam querer mais além dele próprio. (GAY, 2014a). Segundo Cavarero:

O corpo morto, não importa o quão mutilado esteja, é apenas um resíduo da cena da tortura. A forma especial de *horrorismo* do qual o torturador é o protagonista característico na verdade prefere se consumir no corpo vivo, prolongar o sofrimento inscrito no *vulnus* [ferida], levando o ser vulnerável ao limite do suportável da dor e da ofensa.¹³⁶ (CAVARERO, 2004, n.p., grifos nossos)

Podemos entender o estupro sob tortura, então, como o horror praticado em seu aspecto erótico ou como a erotização do horror, já que o frenesi sexual ocorre de forma criminosa e é gozado na crueldade. Conforme Rita Segato (2016), a violação sexual objetiva o aniquilamento da vontade da vítima, que perde o controle

¹³⁶ Traduzido do inglês: The dead body, no matter how mutilated, is only a residue of the scene of torture. The special form of horrorism of which the torturer is the featured protagonist actually prefers to consummate itself on the living body, to prolong the suffering inscribed in the vulnus, bringing the vulnerable one to the limit of bearability of pain and offense.

sobre o próprio corpo conforme o desejo do agressor. No ato do estupro, a dominação física e moral do homem sobre a mulher se completa enquanto ela vive, pois o desejo nesse caso é a subjugação desse 'outro' que é a mulher através da soberania do 'eu' homem que a derrota psicológica e moralmente.

No romance, a segunda seção, cujo título é *Once upon a time* (Era uma vez), relata como a personagem principal vive com o trauma. A volta para os Estados Unidos e o afastamento do Haiti não a fazem se recuperar das dores psíquicas que agora fariam parte de sua existência. Mireille tenta voltar ao trabalho e resiste, no início, à ideia de buscar ajuda médica e psiquiátrica, mesmo sabendo que poderia ter contraído alguma enfermidade ou estar grávida. Muito debilitada, passa um tempo afastada do marido e do filho, período em que se recupera na casa da sogra. O transtorno pós-traumático nos é mostrado através de fugas desesperadas de um lugar para o outro em uma tentativa de escapar da realidade: sua mente ainda não estava livre.

Toit (2009) observa que a vítima do crime de estupro, inconscientemente, costuma manifestar sentimentos negativos e comportamentos autodestrutivos, tais como: culpa, ódio a si mesma, abuso de substâncias tóxicas, prostituição, distúrbios alimentares, suicídio e negligência em buscar ajuda. Para Saffioti não existe vítima de violência sexual resiliente, ou seja, aquela que não apresenta indícios de trauma após o que sofreu. A violência física deixa marcas psíquicas, "feridas na alma, que sangram, no início sem cessar, e, posteriormente, sempre que uma situação ou um fato lembre o abuso sofrido" (SAFFIOTI, 2015, p. 19). Essas feridas podem ser tratadas e ter suas sequelas reduzidas, mas nunca são curadas totalmente.

A segunda parte do romance começa com Mireille chegando a uma igreja, onde acaba de ser recebida por um sacerdote. Sem conseguir conversar corretamente, tenta se expressar e é reconhecida como a filha de Sebastien Duval que fora sequestrada. Assustada, com medo de que o *Commander* ainda a encontrasse, Mireille espera na igreja e vê o pai e o marido chegando. Durante o encontro, o pai agradece ao sacerdote, promete uma boa doação e, devido ao seu estado, como ela mesma observa: "Ele mal conseguia olhar para mim. Mais tarde, ele me diria que meus machucados o fizeram ficar enjoado. Eu diria 'suas mãos estão neles'"¹³⁷ (GAY, 2014a, p. 215).

¹³⁷ No original: He could barely look at me. Later he would tell me the bruises made him sick to his stomach. I would say, "Your hands are on them."

Decidindo ir embora de volta para os Estados Unidos, Michael se envolve em uma discussão com Fabienne, mãe de Mireille, ficando clara a tensão entre os sentimentos de nacionalidade que envolvem a situação. Após ele declarar que nunca mais voltariam ao Haiti, Fabienne enfrenta o marido de Mireille:

- Que americano de sua parte, fazendo isso com o local de nascimento dos pais de sua esposa, como se tal coisa fosse possível.
- Sabe, Fabienne, ser americano é muito bom agora. Isso nunca teria acontecido conosco em Miami, ou em qualquer outro lugar dos Estados Unidos e não se esqueça disso.
- Fabienne se aproximou e cravou as unhas nos braços de Michael.
- Vivi mais da metade da minha vida nos Estados Unidos. Você está sendo bastante seletivo sobre os méritos do seu país e como isso deve ser bom para você, Sr. América.¹³⁸ (GAY, 2014a, p. 244)

De volta aos Estados Unidos, Mireille não consegue se comunicar com o marido e vai encontrar abrigo na fazenda dos pais de Michael, onde cuidara da sogra e recebe o acolhimento que precisa. Nessa fase do romance, Mireille reconhece que Lorraine a trata com todo o carinho que necessitava, inclusive levando-a para uma consulta com sua médica. Assim, a protagonista descobre que precisa se submeter a uma cirurgia de reconstrução do canal vaginal.

Dessa forma, Mireille conta o que foi suportável dizer ao marido, aceita se tratar e fazer terapia, apesar de não conseguir ainda se olhar no espelho e se envolver novamente com Michael. Ele passa a se sentir rejeitado pela esposa e não consegue sequer conviver com ela. Mireille reconhece suas restrições:

Eu queria me virar e ir até Michael, beijar seu rosto e seus lindos ombros, tirar seu cabelo do rosto, oferecer-lhe algum tipo de consolo, algum tipo de promessa de que poderíamos encontrar nosso caminho de volta ao nosso conto de fadas.¹³⁹ (GAY, 2014a, p. 300)

Conforme a psiquiatra e pesquisadora Judith Herman, em *Trauma and recovery* (2015), eventos traumáticos sobrecarregam a mente humana de forma que as sensações de controle, conexão e significado ficam abaladas. O indivíduo entra

¹³⁸ No original: “How American of you, this being done with the birthplace of your wife’s parents, as if such a thing were possible.”

“You know, Fabienne, being American is feeling pretty good right now. This would have never happened to us in Miami, or anywhere in the States and don’t you forget that.”
Fabienne closed the distance between them and dug her fingernails into Michael’s arm. “I lived more than half my life in the United States. You are being quite selective about the merits of your country and how nice that must be for you, Mr. America.”

¹³⁹ I wanted to turn and go to Michael, to kiss his face and his pretty shoulders, to brush his hair from his face, to offer him some kind of solace, some kind of promise that we could find our way back to our fairy tale.

em um estado de alerta, como se estivesse sempre à espera do dano, da surpresa, da armadilha. A especialista afirma que:

Inicialmente, a revivência intrusiva do evento traumático predomina, e a vítima permanece em um estado altamente agitado, em alerta para novas ameaças. Surgem sintomas intrusivos mais proeminentes nos primeiros dias ou semanas após o evento traumático, diminuem em algum grau dentro de três a seis meses e, em seguida, atenuam-se lentamente ao longo do tempo.¹⁴⁰ (HERMAN, 2015, n.p.)

É justamente isso que Gay deixa transparecer através do comportamento de Mireille: um descontrole emocional forte no início e uma amenização dos sintomas traumáticos com o passar do tempo. Herman afirma, a partir de pesquisas com vítimas de estupro, que as sobreviventes desse crime relatam mais abalos nervosos do que outros grupos de pacientes clínicos, inclusive com tentativas de suicídio.

Cinco anos se passam e a protagonista agora relata ter tentado várias terapias, ter aceitado suas feridas físicas, ter conseguido retomar a convivência com o filho e com o marido. Mireille observa ter encontrado a verdade com uma terapeuta que lhe disse: “Vou ser honesta com você, Mireille. Você vai melhorar, mas nunca vai ficar tudo bem, não da forma como era. Não há como ficar bem depois de tudo o que você passou”¹⁴¹ (GAY, 2014a, p. 334). O casal tenta, inclusive ter outro filho, mas Mireille não pode mais engravidar. Contratam uma barriga de aluguel e têm uma filha, chamada Emma Lorraine.

Após esse período de recuperação, Mona, irmã mais velha de Mireille, a convence a voltar ao Haiti e a retomar a relação com os pais. O reencontro é marcado pelo rancor de Mireille e pelas tentativas de explicação do pai. Mireille queria contar tudo a ele, mas desiste percebendo que ainda havia humanidade e bondade dentro de si mesma, ainda não o tivesse perdoado, como podemos notar a seguir: “Quando olhei para seu rosto, tudo o que vi foi um homem velho que fez uma terrível e fraca escolha e tinha de conviver com isso pelo resto de sua vida. Ele não

¹⁴⁰ No original: Initially, intrusive reliving of the traumatic event predominates, and the victim remains in a highly agitated state, on the alert for new threats. Intrusive symptoms emerge most prominently in the first few days or weeks following the traumatic event, abate to some degree within three to six months, and then attenuate slowly over time.

¹⁴¹ No original: “I am going to come clean with you, Mireille. You will get better but you will never be okay, not in the way you once were. There is no being okay after what you’ve been through.”

merecia a verdade de como eu morri” (GAY, 2014a, p. 352). A seguir, Mireille mente e sente-se liberta: “Eu vim aqui para te dizer que te perdoo”¹⁴² (GAY, 2014a, p. 352).

Ao final do romance, em um jantar em Miami com o marido, a irmã e o cunhado, Mireille percebe que conhece o garçom que os atende. Era o *Commander*, que agora trabalhava como *busboy* nos Estados Unidos. Mireille o confronta nos fundos do restaurante, chamando-o pelo seu nome verdadeiro, Laurent, até que ele foge. Mireille, como advogada, entende que seria completamente plausível ele estar em Miami trabalhando, provavelmente ilegalmente, servindo mesas.

Mireille reflete que ele “não era mais um chefe, não mais o rei de seu mundo, sentado em seus lençóis vermelhos de cetim assistindo seriados americanos. Ele não era mais uma lâmina me cortando por dentro, sua ferida fresca”¹⁴³ (GAY, 2014a, p. 358).

De acordo com Roxane Gay em *Bad feminist*, a primeira versão da conclusão do romance não contava com um final feliz, porém após receber alguns *feedbacks* sobre a narrativa, percebeu que deveria tornar o fim da história otimista, ou menos desesperançoso, de alguma maneira. Assim, a autora oferece às mulheres uma saída para uma situação difícil: em vez de morte, vingança, desespero, separações e tantos outros finais pessimistas, a escritora mostra que é possível ter esperança após a vivência de um trauma.

A narração em primeira pessoa, na maior parte da história, possibilita a uma sobrevivente de sequestro e estupro relatar sua terrível experiência de modo que ela se torne suportável, funcionando como uma descarga de emoção. Em vários trechos durante o período em que estava em sua “jaula” e após sua libertação, suja, com roupas rasgadas, ferida, descabelada, cheia de sêmen e sangue, Mireille se define como “ninguém”. Isto é, não conseguia mais se sentir como uma pessoa com identidade. Essa sensação relatada pela personagem a coloca na posição de um ser abjeto, aquele cuja vida não importa e não merece ser vivida, posto que não é considerado sujeito, como observa Judith Butler em *Bodies that matter* (2011). Segundo a filósofa, o sujeito é aquele que “circunscreve sua própria reivindicação à

¹⁴² No original: I looked at my father, the man who had been the uncompromising measure for all things in my life for so long. There was still good in me. He did not need to know the truth for me to feel more alive. “I came here to tell you I forgive you”.

¹⁴³ No original: He was no longer a boss, no longer the king of his world, sitting on his red satin sheets watching American sitcoms. He was no longer a blade digging into me, his fresh wound.

autonomia e à vida”¹⁴⁴ (BUTLER, 2011, p. xiii), o que Mireille não é capaz de fazer nesse momento, pois foi forçada à exclusão pela violência causada contra seu sexo e gênero. Ela passa a ser menos humana, inumana, impensável.

Algumas seções são narradas em terceira pessoa pois, segundo Roxane Gay, nas entrevistas mencionadas anteriormente, a história precisava de um respiro em alguns momentos. As cenas brutais do cativo são claustrofóbicas e a tensão psicológica é tamanha que Mireille se torna uma personagem, em momentos cruciais, de extremo desequilíbrio e exaustão, não mais uma narradora confiável. O leitor fica muito próximo de Mireille, muito envolvido. Ela precisava de um narrador onisciente para continuar a história em seu lugar. Afinal, são treze dias sem controle da própria existência.

A autora afirma que quis abordar a questão da recuperação do trauma e do estresse pós-traumático vivenciado por mulheres que passaram por situações de violência sexual, assim como ela própria. Mireille passa cinco anos fazendo terapia, passando por vários terapeutas diferentes até que um deles, como já mencionado anteriormente, diz que ela não seria mais a mesma. Segundo Gay, a autora, isso é uma verdade que ela quis trazer para a história: “Eu escrevi essa parte, em grande parte por mim mesma, para me libertar (e Miri), da narrativa de que há um caminho único em direção à cura”¹⁴⁵ (GAY, 2014d, n.p.).

Usado como alvo de agressão e símbolo de resistência, no romance, podemos destacar o corpo da mulher. Assim sendo, o título, *An untamed state*, passa a ser entendido como uma metáfora desse corpo, um “estado indomado”, que mesmo passando pelo sofrimento agudo de um acontecimento brutal, é capaz de sobreviver. Sobre as cenas explícitas de violência, Gay afirma que:

Eu quis escrever sobre esse tipo de violência de uma forma que não fosse bonita. Eu não queria escrever ao redor da violência, então eu tentei olhar de cima para baixo [...] Espero que as pessoas vejam o que eu estava tentando fazer. Espero que as pessoas não achem que é violência gratuita.¹⁴⁶ (GAY, 2014d, n.p)

¹⁴⁴ No original: [...] the domain of the subject will circumscribe its own claim to autonomy and to life.

¹⁴⁵ No original: I wrote that part, in large part for myself, to kind of free myself (and Miri), from the narrative that there is a tidy path toward healing.

¹⁴⁶ No original: I wanted to write about this kind of violence in a way that was not pretty. I didn't want to write around the violence so I tried to stare it down. [...] I hope that people will see what I was trying to do. I hope that people won't find the violence gratuitous.

Em 2018, *Ayiti* é lançado novamente por outra editora, sem a história “Things I know about faity tales” e com dois novos contos, dos quais um pode ser claramente lido como uma recriação de *An untamed state*: “Sweet on the tongue”, uma história com certo aprofundamento psicológico da protagonista. Aqui, contam-se acontecimentos da vida de Therese, uma médica haitiana imigrante, que narra seu encontro e casamento com um agente de atores americano de Hollywood, Campbell. Essa narrativa também inclui o que acontecera com ela durante a lua de mel: um sequestro seguido de um estupro coletivo.

Quando criança, toda a família se mudara do Haiti para os Estados Unidos, exceto o pai, um arquiteto e empresário, que havia preferido permanecer em seu país de origem: “[...] meu pai nunca saiu da ilha. Ele diz que é muito pedir a um homem que deixe o único lar que ele jamais conheceu”¹⁴⁷ (GAY, 2018, n.p.).

O conto se inicia com uma visita à avó, e a personagem segue narrando sua história em breves *flashbacks* desde o encontro com o marido até o momento presente. Mesmo com toda a família morando nos Estados Unidos, decidem se casar e passar a lua de mel no Haiti, em um resort. Durante esse período, é sequestrada por vários homens e fica sob seu poder durante três dias até que a família paga pelo resgate e ela é solta. A personagem havia sido levada para um armazém de cana-de-açúcar, violentada e espancada pelos sequestradores. O conto é marcado pela tensão dos momentos de violência sexual que Therese veio a sofrer, como podemos notar a seguir:

Fui levada a um armazém de cana-de-açúcar e jogada em um cômodo sem mobília, o chão colando de sujeira doce. Eu não conseguia pensar. Eu estava apavorada. Estava indescritivelmente quente. Eu mal conseguia respirar. Horas depois, um homem gordo com uma cabeça careca e lustrosa apareceu. Disse que a esposa de um americano rico valia muito dinheiro. Ele me mandou tirar a roupa. Eu não sabia o que fazer. Ele me estapeou. Eu olhei em seus olhos para tentar entender que tipo de homem ele era. Eu demorei demais. Ele me estapeou de novo e me deu um soco no estômago. Minhas entranhas doeram. Eu disse que meu marido iria pagar por mim. Ele rasgou e tirou minhas roupas e me arrastou pelos cabelos para um quarto grande com uma montanha de açúcar grosso que ia até o teto. Ele me jogou no chão e o açúcar arranhou minha pele nua. Ele

¹⁴⁷ No original: “[...] my father never left the island. He says it is too much to ask a man to leave the only home he has ever known.

desabotoou as calças. Eu implorei. Não havia para onde correr, homens por todos os lados.¹⁴⁸ (GAY, 2018, n.p.)

Após sua soltura, o casal retorna para os Estados Unidos, onde Therese passa por vários exames médicos e tratamentos para se recuperar fisicamente de suas feridas. Fica quatro meses tentando se restabelecer psicologicamente e se reconectar com Campbell, quando descobre uma gravidez. O exame confirma que a criança não é de seu marido. Therese se recusa a abortar e resolve doar o bebê, vivendo com a gravidez como se fosse uma nova tortura: “Eu não aceitava me olhar em espelhos. O meu corpo era o pior tipo de prisão, totalmente inevitável”¹⁴⁹ (GAY, 2018, n.p.). Porém, quando o bebê nasce, Therese e Campbell decidem ficar com o menino, configurando um final feliz.

Diante da terceira versão da mesma história, podemos notar que Gay não a havia esquecido. Precisou recontá-la mais uma vez. Porém, com nomes e nuances diferentes. A primeira versão conta uma história fragmentada e inacabada, cuja protagonista nem sequer tem um nome, parecendo ser apenas um esboço do que viria a ser a narrativa de Mireille e, posteriormente, Therese.

Enquanto o primeiro conto termina com a volta da protagonista e seu marido para os Estados Unidos, o segundo traz um final mais otimista. Apesar de descobrir que o pai biológico do filho não é o marido, o final é feliz com o nascimento da criança e o restabelecimento de sua vida conjugal.

No entanto, o Haiti continua sendo visto como um lugar onde as condições para se viver são insustentáveis, como relata a personagem principal: “O lar é uma ilha no Caribe. Alguns a chamam de joia. Todos aqueles que a deixam a chamam de lar, embora poucos de nós queira estar lá, não do jeito que está agora”¹⁵⁰ (GAY,

¹⁴⁸ No original: I was taken to a sugar warehouse and thrown into a room with no furniture, the floor sticky with sweet grime. I couldn't think. I was terrified. It was unspeakably hot. I could hardly breathe. Hours later, a fat man with a shiny, bald, head appeared. He said the wife of a rich American was worth a lot of money. He told me to undress. I didn't know what to do. The man backhanded me. I looked into his eyes to try and make sense of the kind of man he was. I took too long. He backhanded me again and drove his fist into my stomach. My gut wrenched. I told him my husband would pay for me. He tore my clothes from my body and dragged me by my hair into a large room filled with a mountain of raw sugar that reached to the ceiling. He threw me down and the sugar scratched my bare skin. He unbuckled his pants. I begged. There was nowhere to run, men everywhere.

¹⁴⁹ No original: I refused to look at myself in mirrors. My body was the worst kind of prison, utterly inescapable.

¹⁵⁰ No original: Home is an island in the Caribbean. Some call it a jewel. Everyone who leaves the place calls it home though few of us actually want to be there, not the way it is now.

2018, n.p.). Gay afirma que cresceu com a identidade haitiana em primeiro plano. Conforme foi envelhecendo, foi percebendo o quanto o Haiti é um lugar complexo. Assegura que é fortemente conectada ao Haiti e que nada vai mudar isso. Roxane Gay reflete:

Quando eu era nova, meus pais levavam nossa família para o Haiti durante os verões. Para eles, era um regresso ao lar. Para os meus irmãos e para mim era uma aventura, às vezes uma obrigação, e sempre uma educação necessária sobre privilégio e sobre a graça do passaporte americano. Até visitar o Haiti, eu não tinha ideia do que a pobreza realmente era ou a diferença entre a pobreza relativa e a absoluta. Ver a pobreza de forma tão clara e abrangente deixou marcas profundas em mim.¹⁵¹ (GAY, 2014b, p. 15)

Nesse conto, a narração também é feita em primeira pessoa, o que nos leva a compreender a importância do relato das vítimas e sobreviventes por meio das personagens de ficção de um crime tão sério. Sabendo disso, por experiência própria, Roxane Gay recorre à ficção para abordar o assunto de forma assídua. Como afirma Susan Brownmiller:

Uma mulher que escolhe escrever sobre estupro provavelmente tem uma razão pessoal sombria, um segredo sinistro, uma história de abuso real ou imaginada, um trauma no passado em algum lugar, uma fixação, uma Experiência Ruim que a desconfortou permanentemente ou instaurou nela a compulsão de Contar ao Mundo.¹⁵² (BROWNMILLER, 1993, p. 7)

Outras teóricas corroboram essa visão, assim como Toit, ao afirmar que sobreviventes de estupro concordam que falar e escrever sobre o assunto, ou seja, “(verbalizar, articular, encontrar sua voz novamente) em um contexto em que alguém possa realmente *ouvir* sem julgamento, suspeição ou culpa, é um dos instrumentos mais poderosos da recuperação”¹⁵³ (2016, p. 91, grifo da autora). Como reitera Sanyal, a linguagem desempenha um papel fundamental na maneira como o estupro é avaliado e processado pelas vítimas. Para a autora, precisamos de narrativas para entender e lembrar o que acontece conosco, pois “qualquer evento sem narrativa é

¹⁵¹ No original: When I was young, my parents took our family to Haiti during the summers. For them, it was a homecoming. For my brothers and me it was an adventure, sometimes a chore, and always a necessary education on privilege and the grace of an American passport. Until visiting Haiti, I had no idea what poverty really was or the difference between relative and absolute poverty. To see poverty so plainly and pervasively left a profound mark on me.

¹⁵² No original: A woman who chooses to write about rape probably has a dark personal reason, a lurid secret, a history of real or imagined abuse, a trauma back there somewhere, a fixation, a Bad Experience that has permanently warped her or instilled in her the compulsion to Tell the World.

¹⁵³ No original: [...] (voicing, articulating, finding back one’s own lost voice) in a context where someone can actually *listen* without judgment, suspicion or blame is one of the most powerful instruments in the recovery.

um não-evento, inaudível para o nosso ouvido interno e, portanto, duas vezes mais perigoso. É apenas por meio de narrativas que comunicamos nosso mundo interno ao mundo externo”¹⁵⁴ (SANYAL, 2019, n.p.).

Ao mesmo tempo que o romance é o desenvolvimento de uma história incipiente contada em “Things I know about fairy tales”, “Sweet on the tongue” funciona como uma saída menos brutal para a história de uma mulher que fora sequestrada, violentada e torturada por criminosos no país de origem de seus pais. Esses criminosos são homens impiedosos e miseráveis, enquanto essa mulher é uma sobrevivente que perde a sua dignidade, chegando a perder a linguagem, a identidade e a subjetividade, tendo vivenciado momentos de dor extrema.

Sobre a dor, a autora Elaine Scarry, em *The body in pain*, afirma que “a dor física não resiste à linguagem, simplesmente, mas a destrói ativamente, provocando uma reversão imediata ao estado anterior à linguagem, aos sons e gritos que um ser humano faz antes de aprender uma língua”¹⁵⁵ (SCARRY, 1985, p. 4). Sobre a tortura e suas formas de comunicação, coação e efeito, Scarry ressalta que:

[...] enquanto a tortura contém linguagem, palavras e sons humanos específicos, ela é em si uma linguagem, uma objetificação, uma atuação. A dor real, a dor agonizante, é infligida em alguém; mas a tortura, que contém atos específicos de infligir dor, é também em si uma demonstração e magnificação da experiência sentida da dor.¹⁵⁶ (SCARRY, 1985, p. 27)

O cativo certamente é um *locus* de tortura e a mulher ali cativa, sentindo a dor na carne e na alma, passa a se dissociar do seu “eu”, entrando em uma situação de contradição com a figura dos torturadores, como afirma Scarry:

Para o prisioneiro, o corpo e sua dor estão esmagadoramente presentes e a voz, o mundo e o ser (*self*) estão ausentes; enquanto para o torturador, a voz, o mundo, e o ser (*self*) estão esmagadoramente presentes e o corpo e a dor estão ausentes.¹⁵⁷ (SCARRY, 1985, p. 46)

¹⁵⁴ No original: Any event without a narrative is a nonevent, inaudible to our inner ear and hence twice as dangerous. It is only through narratives that we communicate our inner world to the outer world.

¹⁵⁵ No original: Physical pain does not simply resist language but actively destroys it, bringing about an immediate reversion to a state anterior to language, to the sounds and cries a human being makes before language is learned.

¹⁵⁶ No original: [...] while torture contains language, specific human words and sounds, it is itself a language, an objectification, an acting out. Real pain, agonizing pain, is inflicted on a person; but torture, which contains specific acts of inflicting pain, is also itself a demonstration and magnification of the felt-experience of pain.

¹⁵⁷ No original: [...] for the prisoner, the body and its pain are overwhelmingly present and voice, world, and self are absent; for the torturer, voice, world, and self are overwhelmingly present and the body and pain are absent.

No romance e nos contos tem-se a presença tanto da dor quanto do horror que as protagonistas experienciam. Segundo Birman, o horror é paralisante devido ao fato de que o sujeito se angustia diante da morte, entrando em um estado de sideração: “é uma forma radical de imanência, na qual o sujeito se encontra privado de qualquer apelo a uma instância de transcendência” (BIRMAN, 1999, p. 146). O sujeito entra num estado de eclipse, “paralisando-se de maneira vertiginosa, mergulhando então de modo abissal num processo temporário de suspensão e de inexistência” (BIRMAN, 1999, p. 147). Na experiência do horror inexistente qualquer referente e não se designa mais algo para a subjetividade. Consequentemente, a subjetividade deixa de existir momentaneamente, entrando numa órbita de suspensão em relação ao mundo dos objetos: “não existe proteção possível em relação ao horror, pois aquilo que aterroriza não se circunscreve no tempo e no espaço, mas se apodera da subjetividade como uma presa, como algo que lhe invade” (BIRMAN, 1999, p. 148).

É exatamente todo esse horror que as personagens das três histórias viveram através da dor: a física e a da alma. Essa dor teve de ser vivida, visto que as mulheres estavam em um cativeiro e não havia possibilidade de fuga. A tortura se instaura no ambiente e aquelas mulheres saem dali modificadas, retalhadas, abjetas, quase perdidas.

O que há em comum nessas três obras, além do enredo, é a figura do estuprador. Ele é haitiano, pobre, perverso, violento, tem ódio. Ódio da “diáspora” e da miséria, convertidas em seres humanos que merecem perder sua subjetividade - a mulher violentada - e em dinheiro - o resgate que não pagará pela vida destroçada e nem aliviará a desgraça dos torturadores, pois “a violência é o que resta para aqueles que não têm poder” (TIBURI, 2018, p. 110). Nesse aspecto, a violência é a “saída” encontrada por esses homens que, além de tudo, atuam em grupo. De acordo com Monteiro, “o grupo fortalece a cooperação e a aprovação entre os seus membros, concretizando uma solidariedade masculina maligna que aprisiona a mulher. Atuar em grupo remove a responsabilidade do ‘eu’” (MONTEIRO, 2021, p. 750).

Segundo Segato (2016), o crime sexual é a expressão de uma estrutura simbólica profunda em que os agressores, envoltos pela “pedagogia da crueldade”, repetem a cena violenta na sociedade, produzindo um efeito de normalização da crueldade, o que, consequentemente, causa um baixo nível de empatia em relação

às vítimas, uma dessensibilização social geral. Assim, firma-se o pacto de poder masculino, um poder paraestatal e abusivo que se expande na materialidade do corpo feminino, que é dominado e comercializado.

2.5 Estupro nos Estados Unidos: “La negra blanca” e “I will follow you”

In rape, the woman victim is reduced to pure sexually degraded body.

Louise du Toit

Mulheres difíceis, segundo livro de narrativas curtas de Roxane Gay, conta com histórias intrigantes e bem escritas que retratam tanto mulheres fortes e decididas quanto as que parecem sentir prazer em situações de abuso e sujeição, permanecendo em relações infelizes de forma passiva. Ao menos metade das histórias são sobre violência contra a mulher e o conteúdo sexual, na maioria das vezes, expressa a submissão feminina e a agressividade masculina.

O primeiro conto do livro, intitulado “I will follow you”, narra a convivência de duas irmãs que não suportam a ideia de se separarem e, por isso, vivem juntas, apesar de uma delas, Carolina, ser casada. A narrativa, contada em primeira pessoa por uma das personagens principais, Savvie, é não-linear, composta por *flashbacks* de um acontecimento que explica a relação das irmãs: mais uma vez, um sequestro seguido de estupros. No entanto, dessa vez, as vítimas eram crianças quando passaram pelo evento traumático: tinham 10 e 11 anos de idade. Após seis semanas sob o domínio do sequestrador, são liberadas em um hospital por ele: um homem chamado Mr. Peter. Alguns anos mais tarde, ele é pego pela polícia e condenado à prisão perpétua. As meninas, depois de adultas, ganham o direito a uma indenização do sequestrador.

O enredo, inicialmente, gira em torno de uma mudança que as irmãs resolvem fazer com o marido de Carolina, Darryl, da Califórnia para Nevada, na intenção de nunca mais voltarem para casa. O leitor só compreende o motivo dessa mudança no final do conto. Enquanto essa viagem acontece, paralelamente, toma-se conhecimento do que acontecera com as irmãs quando estavam sob a posse de

Mr. Peter, que era casado e tinha dois filhos, isto é, aparentemente um homem americano “normal” de classe média. Ele atraiu Savvie para sua van e Carolina, ao tentar ajudar a irmã, foi pega também. As meninas foram mantidas em um quarto, amarradas, estupradas por Mr. Peter e outros homens, e filmadas. As crianças não foram sequestradas em troca de resgate, apenas serviram para saciar os desejos sexuais doentios de Mr. Peter.

Após serem deixadas no hospital por Mr. Peter e reencontrarem a família, as irmãs nunca deixaram de fazer companhia uma para a outra, estavam sempre juntas. Os pais se acostumaram com essa ligação entre elas, porém, como observa Savvie, a narradora: “Eles não nos entendiam. Eles não conheciam as meninas que vieram para casa depois do Mr. Peter” (GAY, 2017a, n.p.). Durante a viagem com o marido de Carolina, Savvie descobre que Mr. Peter havia sido solto e estava em liberdade condicional. Ele escrevera uma carta para Carolina, pedindo perdão. A descoberta de que as garotas, na verdade, estavam fugindo de Mr. Peter surpreende Savvie, como pode-se observar pela passagem:

- Você nos trouxe aqui para nos escondermos, eu disse. Você deveria ter me contado a verdade.
[...]
- Essa é a verdade – ele sabe meu endereço e me mandou essa carta e isso significa que ele pode nos encontrar. Eu nunca mais quero voltar pra lá, ela suspirou. Eu não quero que ele nos encontre de novo.¹⁵⁸ (GAY, 2017a, n.p.)

A carta que Mr. Peter escreve é queimada pelas irmãs. Porém, Savvie conta ao leitor o conteúdo da carta, como no trecho:

[...] Mr. Peter encontrou Deus. Mr. Peter queria o nosso perdão. Mr. Peter precisava do nosso perdão para conseguir a condicional. Mr. Peter sentia muito pelas coisas terríveis que fez conosco. Mr. Peter não conseguiu resistir a duas menininhas lindas. Mr. Peter nos queria tanto que não conseguiu se conter.¹⁵⁹ (GAY, 2017a, n.p.)

Segundo Janice Haaken, em seu artigo “Traumatic revisions” (2003), o perdão é visto como uma atitude feminina, assim como a empatia e a solidariedade. Nesse sentido, a mulher é constantemente coagida a perdoar seu abusador, especialmente porque, historicamente, a maioria das mulheres, até poucas décadas

¹⁵⁸ No original: “You brought us here to hide,” I said. “You should have told me the truth.” [...] “This is the truth—he knows my address and he sent this letter and that means he can find us. I don’t want to ever go back there,” she whispered. “I don’t ever want him to find us again.”

¹⁵⁹ No original: [...] Mr. Peter found God. Mr. Peter wanted our forgiveness. Mr. Peter needed our forgiveness so he could get parole. Mr. Peter was sorry for every terrible thing he did to us. Mr. Peter couldn’t resist two beautiful little girls. Mr. Peter wanted us so bad he couldn’t help himself.

atrás, dependia economicamente do homem, o que dava a ele o suposto direito automático ao perdão. Porém, o discurso atual dos grupos oprimidos, ou de pessoas vitimadas por abuso sexual, é de se posicionar contra o perdão, pois é visto como uma forma de compactuar com o abuso ou contribuir com a repetição de um padrão opressivo de engajar a vítima, frequentemente uma mulher, em desculpar o perpetrador, que é frequentemente um homem. (HAAKEN, 2003).

As irmãs estavam imersas no medo. Segundo Birman, na experiência de medo, “o sujeito se apresenta diante de algo que pode ser efetivamente evitado, de alguma maneira, bastando para tal o agenciamento de alguma medida de proteção” (BIRMAN, 1999, p. 148). Nesse caso, a fuga. Agora na fase adulta, as irmãs se encontram em situação de desamparo diante da vida. Para Birman, o desamparo se iguala “à dependência insofismável do outro” (BIRMAN, 1999, p. 162). Ora, se o perpetrador está solto e pede perdão, diante do medo, as mulheres buscam a fuga. Além disso, não conseguem se libertar da codependência emocional em que se encontram, o que interpretam como proteção e companhia.

Mr. Peter transformou as irmãs em seres sem raízes, sem lar, deslocadas no mundo, sem sentimento de pertencimento. A necessidade da fuga as transforma em seres privados da oportunidade de dar expressão às suas existências e subjetividades. O trauma as acompanha ao longo da vida. Segundo Herman, o abuso infantil deforma a personalidade da vítima, que se considera incapaz de se proteger: “ela deve compensar as falhas do cuidado e da proteção adulta pelo único meio à sua disposição, um sistema imaturo de defesas psicológicas”¹⁶⁰ (HERMAN, 2015, n.p.). Essas defesas se manifestam como fugas e evasivas, pois a vítima se percebe impedida de tomar iniciativas e de viver com autonomia, tendo de conviver com o medo constante de reencontrar o trauma.

O outro conto escolhido dessa coletânea, “La negra blanca”, narra a história de Sarah, conhecida como Sierra, uma sexy stripper e dançarina de uma boate, filha de mãe negra e pai branco. Branca, de olhos verdes e cabelos loiros, corpo sensual

¹⁶⁰ No original: She must compensate for the failures of adult care and protection with the only means at her disposal, an immature system of psychological defenses.

como o de uma “garota negra” (GAY, 2017a), estuda, malha e sonha com um futuro melhor. Possui um cliente, William, que paga por suas danças e quer se envolver sexualmente com ela. Porém, ela o despreza e se apaixona por um garçom, Alvarez, que trabalha em um *diner*, lugar que ela frequenta após o seu turno.

O conto é narrado em terceira pessoa e vai além das questões de gênero e classe. A raça é um dos elementos imperativos na história, já que Sarah, cuja mãe era negra, carrega em si tudo aquilo que seu cliente William e sua tradição familiar desprezam. William Livingston III, levado apenas pela aparência de Sierra e sua dança sensual, paga para vê-la dançar e tenta comprar relações sexuais. Ele “ama mulheres negras, mas ele é riquíssimo e sua riqueza tem história. Ele não tem o que precisa para ir lá. Homens como ele não podem ir lá”¹⁶¹ (GAY, 2017a, n.p.).

William vive em uma mansão com a esposa e o filho. O palacete possui câmeras pela casa e no quarto da empregada, Carmen, uma jovem negra, a quem observa tomar banho, trocar de roupa, dormir. A personagem é descrita da seguinte forma em um dos momentos da narrativa: “Ela tem pele escura mogno, lábios carnudos, seios grandes, cintura fina, uma bunda preta perfeita”¹⁶² (GAY, 2017a, n.p.). Certa noite, ele vai até o quarto de Carmen, apenas de roupão, agarra-a pelos ombros e diz: “Eu sou dono de tudo nesta casa”¹⁶³ (GAY, 2017a, n.p.), rindo alto. A resposta de Carmen, percebendo as intenções dele, se restringe a: “Eu preciso desse emprego”¹⁶⁴ (GAY, 2017a, n.p.) e pratica sexo oral no patrão. William se tranquiliza dizendo para si mesmo que aquilo não era fazer sexo com uma garota negra.

Sarah e Alvarez mantêm uma paixão platônica, ambos contando suas gorjetas no fim de cada noite no *diner*. Alvarez é um imigrante ilegal, não possui documentos. Ele se preocupa quando Sarah conta a ele que William está passando dos limites dentro da boate. Ela não é uma prostituta, apenas dançarina. William passa a pressioná-la, e a segui-la, tentando investir em uma relação sexual. Isso fica evidente em uma das falas intimidadoras do personagem: “Ele disse, ‘eu quero

¹⁶¹ No original: [...] loves black women but he’s wealthy and his wealth has history. He doesn’t have what it takes to go there. Men like him can’t go there.

¹⁶² No original: She has dark mahogany skin, full lips, big breasts, narrow waist, a perfect black ass.

¹⁶³ No original: I own everything in this house.

¹⁶⁴ No original: I need this job.

transar com você de forma indecente porque minha mulher é uma maldita puritana”¹⁶⁵ (GAY, 2017a, n.p.).

Uma noite, após o fechamento da boate, Sarah segue para casa com Alvarez para lhe mostrar seu apartamento, mas são seguidos por William. Ele espera o garçom sair e força a entrada na casa de Sarah. Ela ameaça chamar a polícia e grita, mas ele dá um soco em sua mandíbula. “Ela tenta não desmaiar para que pudesse testemunhar”¹⁶⁶ (GAY, 2017a, n.p.). Em seguida, a cena de estupro acontece, ele usa camisinha, afinal “ele não sabe por onde uma stripper tem andado”¹⁶⁷ (GAY, 2017a, n.p.). Sarah tenta alcançar o celular e William a golpeia no estômago, a penetra e diz que fazer sexo com ela é como fazer sexo com uma negra. Quando ele termina, coloca dez notas de cem dólares em sua mesa e diz “Podíamos ter feito isso do jeito fácil, Sierra”¹⁶⁸ (GAY, 2017a, n.p.). Antes de ir embora, vê uma fotografia da mãe de Sarah e entende a descendência dela. Enquanto Sarah murmura que são ossos do ofício, William vai embora enojado e tentando se refazer do episódio: “o fato de ter feito algo que gerações de Livingstones tiveram a disciplina de evitar”¹⁶⁹ (GAY, 2017a, n.p.).

Já que o conto termina assim que o perpetrador consegue satisfazer seu ego, fica a cargo do leitor imaginar o *aftermath* de Sarah. Será que ela consegue superar o que lhe ocorreu? Pois, como reafirma Herman: “o propósito do estuprador é aterrorizar, dominar, e humilhar a vítima, é torná-la totalmente indefesa. Assim o estupro, por natureza, é intencionalmente designado para produzir trauma psicológico”¹⁷⁰ (HERMAN, 2015, n.p.).

Toda a beleza e o erotismo da dança de Sarah, quando Sierra, resultam na violência sexual sofrida dentro de sua própria casa. Sobre a conjunção erótica violenta, Bataille afirma que a mulher, nas mãos daquele que a assalta, “é

¹⁶⁵ No original: He said, ‘I want to fuck you filthy because my wife is a goddamned prude.

¹⁶⁶ No original: She tries not to pass out so she might bear witness.

¹⁶⁷ No original: [...] he doesn’t know where the stripper has been.

¹⁶⁸ No original: We could have done this the easy way, Sierra.

¹⁶⁹ No original: [...] the fact that he has done something generations of livingstones have had the discipline to avoid.

¹⁷⁰ No original: The purpose of the rapist is to terrorize, dominate, and humiliate his victim, to render her utterly helpless. Thus rape, by its nature, is intentionally designed to produce psychological trauma.

desposuída de seu ser. Perde, com seu pudor, essa firme barreira que, separando-a de outrem, a tornava impenetrável: bruscamente, ela se abre à violência do jogo sexual” (BATAILLE, 2020, p. 115). O teórico vai além ao anunciar que:

A violência sexual abre uma chaga. Raramente a chaga volta a se fechar por si só: é necessário fechá-la. E sem uma constante atenção, que a angústia funda, ela não pode permanecer fechada. A angústia elementar ligada à desordem sexual é significativa de morte. A violência dessa desordem, quando o ser que a experimenta tem o conhecimento da morte, reabre nele o abismo que a morte lhe revelou. A associação da violência da morte e da violência sexual tem esse duplo sentido. De um lado, a convulsão da carne é tanto mais precipitada quanto mais próxima está do desfalecimento, e, de outro, o desfalecimento, desde que lhe deixo tempo, favorece a volúpia. A angústia mortal não inclina necessariamente à volúpia, mas a volúpia, na angústia mortal, é mais profunda. (BATAILLE, 2020, p. 129)

Retomando a questão da representação do estuprador na obra de Gay, nos dois últimos contos aqui apresentados, pode-se perceber que o criminoso agora é americano, de classe média ou abastado, casado e com filhos, socialmente estabelecido e que mora na mesma cidade das vítimas. Possuem uma vida dupla: por um lado, um homem de família com uma vida social favorável; por outro, um predador sexual. A própria Roxane Gay diz se preocupar com o fato de as pessoas generalizarem e associarem o estuprador/sequestrador com o estrangeiro, o não-americano. Como ela afirma:

Uma das coisas que eu notei é que as pessoas costumam achar que isso é algo exclusivo do Haiti. A violência é uma condição global e tanto homens quanto mulheres sofrem com ela. É conveniente imaginar que esse tipo de coisa acontece fora das nossas vistas, além de nosso alcance, mas acontece todo santo dia aqui nos Estados Unidos.¹⁷¹ (GAY, 2014d, n.p.)

Dessa forma, o mito do perpetrador como um bandido “de fora”, das ruas e visivelmente desequilibrado é desconstruído. Ele pode ser qualquer homem, aparentemente inofensivo, que recorre a esse tipo de delito não apenas para dar vazão aos seus desejos sexuais inalcançáveis, mas também para manter aquele pacto de que falou Segato. O pacto velado da manutenção do poder masculino na sociedade por meio da dominação da mulher.

¹⁷¹ No original: One of the things I’ve noticed is that people seem to think this is unique to Haiti. Violence is a global condition and both women and men suffer from it. It is convenient to imagine that this sort of thing happens out of sight, beyond our reach, but it happens every single day here in the US.

Segundo o pensamento foucaultiano, o poder é exercido na sociedade entre indivíduos na forma de relação, de forma espalhada. O poder não é um bem que se passa adiante, ele é uma prática que pode envolver violência física ou não. Ele é uma “condução de condutas”, exercido através de instituições ou entre indivíduos e grupos que podem utilizar a razão, a disciplina ou a violência como meios de coerção. De acordo com o filósofo:

O poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se trata os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres ... todas essas relações são relações políticas. Só podemos mudar a sociedade sob as condições de mudar essas relações. (FOUCAULT, 2006, p. 262)

Assim, o pacto masculino paraestatal de que fala Segato funciona como um grupo espalhado pelos espaços sociais, impondo o seu poder de forma interpessoal em nome de algo maior: a dominação masculina, cujo *modus operandi* por excelência é a violência, seja ela física, emocional ou psicológica.

Assim como Sarah e Carmen, as irmãs Savvie e Carolina, Mireille, Therese e a própria Roxane Gay vivem com uma chaga aberta pela violência sexual que carregam em seu íntimo. Chaga essa que é significativa de morte, como afirma Bataille, após a experimentação de uma profunda angústia. Cada uma dessas mulheres passa a conviver com essa dor conforme as suas possibilidades. Não sabemos como Sarah e Carmen reagiram após os abusos sofridos. Pode-se imaginar que continuem vivendo com os ossos do ofício, enquanto Savvie e Carolina fogem, e Mirreile e Therese tentam se recuperar com a companhia da família. Já Roxane Gay escreve e dá vida a essas mulheres. Toda essa violência contra a mulher, em diferentes contextos, reitera o que Heleieth Saffioti afirma ao tratar a violência como a “ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2015, p. 18). Ela observa que a violência de gênero “não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” (SAFFIOTI, 2015, p. 85).

Carme Alemany corrobora a visão apresentada acima, observando que as violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas, como na passagem a seguir:

Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação ou força, lhes infligem, na vida privada ou pública, sofrimentos físicos, sexuais ou

psicológicos com a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las, atingi-las na sua integridade física e na sua subjetividade. (ALEMANY, 2009, p. 271)

Portanto, fica evidente, a partir das obras aqui analisadas, a dimensão que a violência sexual pode tomar na vida das vítimas.

2.6 A autora feminista está viva

A feminist novel explores what it means to not only be a woman, but to be a woman from a certain time and place. It explores the question of *identity* - the stories of who we are.

Roxane Gay

Dentro dos aspectos abordados e das obras mencionadas da escritora, podemos afirmar que Roxane Gay utiliza a literatura como voz para as questões feministas. Ela afirma acerca do tema que:

Um romance feminista é aquele que não só diz respeito explicitamente às histórias e consequentemente às vidas das mulheres; ele também ilumina alguns aspectos da condição feminina e/ou oferece algum tipo de imperativo para mudança e/ou faz uma declaração política corajosa e contumaz aos melhores interesses das mulheres.¹⁷² (GAY, 2014e, n.p.)

Em obras de ficção feministas, se ponderarmos sobre a questão da autoria e sua importância para a análise e a melhor compreensão de contos e romances, por exemplo, podemos chegar à conclusão de que a autora desempenha um papel de destaque no triângulo literário composto por escritora, texto e leitores (as).

Mantendo em mente a discussão a respeito da morte do autor, iniciada por Roland Barthes em “A morte do autor”, artigo de 1968, e reiterada por Michel Foucault em “O que é um autor?”, conferência de 1969, os quais combatiam a noção romântica de que o autor seria o gênio da obra e que sua intenção deveria ser

¹⁷² No original: A feminist novel is one that not only deals explicitly with the stories and thereby the lives of women; it is also a novel that illuminates some aspect of the female condition and/or offers some kind of imperative for change and/or makes a bold or unapologetic political statement in the best interests of women.

investigada a despeito da interpretação dos leitores, traremos, nesse momento, uma elucidação mais atualizada sobre o assunto.

Para Barthes, assim que uma história é contada e a escritura começa, “o autor entra na sua própria morte” (BARTHES, 2004, p. 56). Segundo o filósofo, como personagem moderno, o autor representa o prestígio do indivíduo, cujo texto deveria ser decifrado a partir de sua imposição pessoal, fechando a escritura, o que tornaria a teoria inútil.

O autor era a invocação do individualismo burguês da ideologia capitalista dos séculos XVIII e XIX, após a ascensão do romance, como esmiúça Antoine Compagnon em *O demônio da teoria* (2014). Na teoria, com o advento dos estudos linguísticos no século XX, “o autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto” (COMPAGNON, 2014, p. 50), passando a ser um “‘escriptor’ [...], não uma ‘pessoa’ no sentido psicológico” (COMPAGNON, 2014, p. 50). A história literária, segundo Compagnon, promove uma explicação do texto através da vida e da biografia do autor, mas “não recobre todo o problema da intenção, e não o resolve em absoluto” (COMPAGNON, 2014, p. 51). Entretanto, não se pode negar que há uma intenção do autor e que ela não “data do racionalismo, do empirismo e do capitalismo” (COMPAGNON, 2014, p. 52).

Foucault parte para a ideia de que os discursos literários existentes em nossa sociedade são providos da “função” autor, desenvolvendo uma crítica à figura do autor, e propondo sua substituição, pois “não há fato humano que não seja estruturado, nem estrutura que não seja significativa, o que quer dizer, como qualidade do psiquismo e do comportamento de um sujeito, que não preencha uma função” (FOUCAULT, 1992, p. 75). Para o filósofo, a “função autor” é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 36), e possui quatro características reconhecíveis: a possibilidade de punição e, portanto, de transgressão através do discurso; a origem, ou seja, quem escreveu, em que data, a partir de que projeto; a construção do “ser autor” como uma instância profunda, um indivíduo; e a pluralidade de egos, os que existem antes do autor e os que o ultrapassam. Segundo Foucault, “o anonimato literário não é suportável para nós; só o aceitamos na qualidade de enigma” (FOUCAULT, 1992, p. 16).

Contudo, tanto Barthes quanto Foucault, mesmo considerando a tese estruturalista da morte do autor, colocando o texto no centro da interpretação, não

desconsideram totalmente essa figura. Bruno Lima Oliveira informa, em seu artigo “O retorno do autor na literatura contemporânea”, que, com o estruturalismo “a crítica literária alijou-se da figura autoral, detendo-se unicamente ao texto. Mas mesmo Foucault reconheceu que o espaço deixado pelo autor carecia de preenchimento e propôs a função autor como sua substituta” (OLIVEIRA, 2009, p. 1). Barthes reconhece a presença do autor “nos manuais de história literária, nas biografias de escritores, nas entrevistas dos periódicos, e na própria consciência dos literatos, ciosos por juntar, graças ao seu diário íntimo, a pessoa e a obra” (BARTHES, 2004, p. 66).

Em 1996, o teórico Hal Foster publica *The return of the real*, anunciando o retorno heroico do artista e do arquiteto no fim do século XX, afirmando que o autor foi libertado. O crítico salienta que “o estranho renascimento do autor, essa condição paradoxal de autoridade ausente, é uma virada significativa na arte contemporânea e na política cultural. Aqui o retorno do real converge com o retorno do referencial”¹⁷³ (FOSTER, 1996, p. 168).

Dessa forma, a partir dos anos 1990, com a popularização dos meios de comunicação e informação, mais especificamente com o advento da internet, esse retorno do real e do autor se mostram mais expressivos e evidentes. Conforme revela a professora Ana Cláudia Viegas, “assistimos hoje a um ‘retorno do autor’, não como origem e explicação última da obra, mas como personagem do espaço público midiático” (VIEGAS, 2007, p. 15). Assim, começa-se a responder à pergunta que paira em nossa mente após lermos os textos de Barthes e Foucault, os quais reiteram a teoria estruturalista e linguística de estudar o texto por si só, sem evidenciar o autor.

Como não levar em consideração o autor, ou melhor, o sujeito, que compõe uma determinada obra, e todo o contexto que o rodeia? O leitor ou o pesquisador contemporâneos, agora já no século XXI, aceitam essa hipótese? Mesmo em gerações passadas, como Barthes bem afirma, havia algumas maneiras de se pesquisar sobre o autor, através de enciclopédias, biografias, entrevistas. Porém, na atualidade, principalmente se o autor ainda estiver vivo, há meios mais variados e dinâmicos de conhecermos o autor. Ainda de acordo com Viegas:

¹⁷³ No original: This strange rebirth of the author, this paradoxical condition of absentee authority, is a significant turn in contemporary art, criticism, and cultural politics. Here the return of the real converges with the return of the referential.

Situar o autor no século XXI, isto é, no contexto da cultura midiática, equivale a dizer que, “ao lermos um texto, não temos apenas o nome do autor como referência, mas sua voz, seu corpo, sua imagem veiculada nos jornais, na televisão, na *internet*. A obsessão contemporânea pela *presença* nos afasta da concepção barthesiana desse autor como ‘um ser de papel’. (VIEGAS, 2007, p. 18, grifos da autora)

Contudo, segundo a professora Diana Klinger, em sua tese de doutorado, ressalta ser importante distinguir o “autor que retorna” do “autor morto” pelos estruturalistas. Para Klinger, “o autor retorna não como garantia última da verdade empírica e sim apenas como provocação, na forma de um *jogo* que brinca com a noção do *sujeito real*” (KLINGER, 2006, p. 47, grifos da autora). Portanto, torna-se responsável pela autoria do texto, sem, contudo, deter a autoridade sobre ele.

Diante de uma autora feminista contemporânea como Roxane Gay que, como já mencionado, possui páginas na internet, redes sociais abertas, além de promover discussões sobre literatura, conceder entrevistas para diversos meios, publicar artigos em periódicos e jornais, opinar sobre vários assuntos e ainda escrever textos autobiográficos e memoriais, como evitar ou ignorar sua presença? Como aponta a historiadora e pesquisadora Margareth Rago, em *A aventura de contar-se*:

Seja no discurso autobiográfico publicado como livro, seja em entrevistas escritas e orais, nos relatos nos quais essas militantes narram suas vidas, nota-se que desfazem as linhas da continuidade histórica, questionam as identidades construídas e constituem-se relacionalmente como sujeitos múltiplos. Demonstram, assim, uma forte preocupação com a reinvenção de si e da relação com o outro, na perspectiva ética que abrem a partir das lutas feministas. (RAGO, 2013, p. 32)

Dessa forma, compreenderemos melhor os motivos que compõem suas histórias ao analisarmos a biografia de Gay, as obras aqui estudadas e seus relatos a respeito de seu conteúdo, tais como: “Eu também escrevo sobre violência sexual em minha ficção. O porquê dessa obsessão de escritora não importa, mas eu volto às mesmas histórias. Escrever é mais barato do que terapia ou drogas”¹⁷⁴ (GAY, 2014b, p. 134).

Acerca da relação autoficcional, pode-se dizer que atualmente os limites entre ficção e realidade são relativizados. Os livros de memórias, assim como as autobiografias, se expandiram muito no mercado editorial nas últimas décadas. (RAGO, 2013). Levando-se em consideração o conjunto da obra de escritoras como Roxane Gay, podemos pensar em um espaço autobiográfico composto por seu livro

¹⁷⁴ No original: I also write about sexual violence in my fiction. The why of this writerly obsession doesn't matter, but I return to the same stories. Writing is cheaper than therapy or drugs.

de memórias, seus ensaios com pitadas autobiográficas, seus *tweets* e seus posts na internet como formas de escrita que nos levam a cartografar sua *obra-biografia* – permitam-me um neologismo –, dentro daquilo que ela nos fornece.

O espaço cibernético faz abundar discursos confessionais na rede com autoras abertas para o diálogo como Gay, o que nos possibilita afirmar que essa pessoa, como sujeito, está se posicionando de forma individual com suas crenças e opiniões, construindo uma escrita pessoal que pode ser utilizada como parâmetro para compreendermos sua escrita ficcional. Em concordância com Rago, trata-se de:

Um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade. (RAGO, 2013, p 52)

Com isso em mente, podemos alegar que a autora feminista está viva, atrevo-me a dizer que ela nunca morreu. Ela tem coragem. Ela se coloca no texto. Ela se representa. Se o estupro é uma questão a ser superada pela autora, mesmo que isso nunca ocorra, é em sua obra que ela vai se posicionar, encontrando saídas a partir de suas personagens.

Deixemos claro que não é toda obra de autoria feminina que se encaixa no que estamos elucidando nesta seção. Estamos nos referindo à escritora feminista, aquela que propositalmente desafia o sistema patriarcal em sua ficção, trazendo para o centro de discussões temas controversos que ainda sejam considerados tabus pela sociedade. O estupro, a violência, a infância roubada, o trauma, o estuprador, mulheres imigrantes, mulheres negras, o dinheiro – capital que compra corpos e destrói vidas –, a sexualidade, a dor, o horror, tudo isso sem romantização, sem idealização, com realismo. Sua obra é um empurrão inesperado, é gráfica, é explícita, é atrevida. Quem se atreve a afirmar que ela não está ali?

As memórias confessionais de Roxane Gay são práticas feministas, já que são práticas de liberdade e de entrega em que a autora como indivíduo se autoconstitui. Gay passa por um processo de abertura de sua subjetivação através de suas confissões, uma vez que expõe, examina e explora criticamente como chegou a ser quem é.

Figura 6 – Roxane Gay e a capa de *An untamed state*

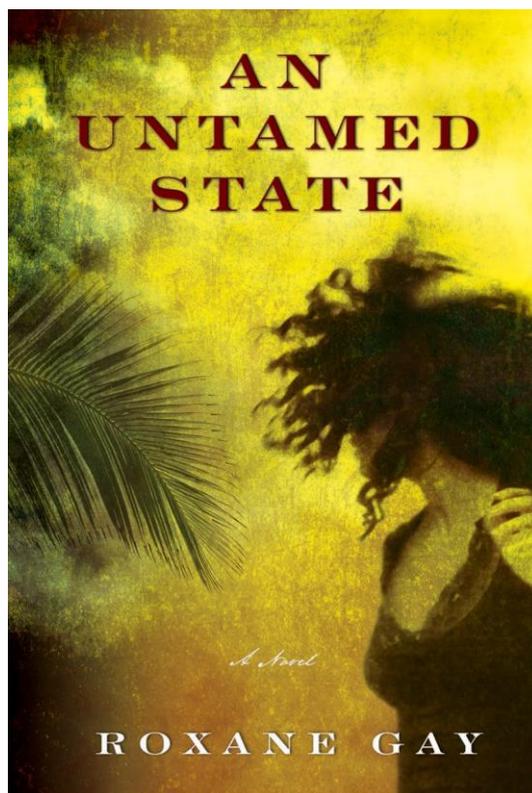


Foto recente de Roxane Gay e capa da primeira edição de seu único romance, *An untamed state* (2014), sem tradução para o português do Brasil até o momento.

Fonte: <https://www.instagram.com/roxanegay74/>

CONCLUSÃO: A AUTORA FEMINISTA DENUNCIA

As feministas insistem que repensemos nossas formas de vida de modo permanente. Exigimos que males tradicionalmente entendidos como parte de um inevitável comportamento de “meninos”, como estupro e assédio sexual, sejam reconhecidos como crimes sérios contra as mulheres. Para mostrar esses comportamentos como males, as feministas lutam para que ‘vejamos’ [sic] o mundo de modo diferente.

Drucilla Cornell

Ao longo dessa tese foi possível notar que a escritora feminista busca cumprir um papel na sociedade, como mulher e como artista, através do desbravamento de questões sociais que deveriam permanecer intocadas conforme os interesses do patriarcado. Essas artistas desafiaram o *status quo* por meio da inclusão de suas demandas políticas no ambiente literário.

Acompanhando a história do movimento feminista estadunidense, destacado no primeiro capítulo, percebe-se claramente o quão ávidas essas escritoras sempre estiveram por quebrar o silêncio, exprimir suas opressões e articular seus desejos. Como vimos, a partir do século XIX, a mulher consegue se organizar, formando associações e sindicatos, fundando editoras e periódicos, escrevendo e palestrando, a fim de se fazer ouvida.

Mas não bastava ser ouvida; essa “nova mulher” queria mudança, queria o voto, queria participar da sociedade. As sufragistas lutaram, protestaram, escreveram e buscaram reformas com algum sucesso. Mas em que meio sua expressão poderia ser propagada? Na literatura.

Ensaio, estatutos, cartas abertas, artigos, cartazes. Sim, todas essas composições faziam parte de suas estratégias para atingirem a sociedade de forma clara e rápida, mas o romance e o conto, ficções burguesas por excelência, serviriam muito bem para incutir ideias transgressoras nas mentes das leitoras e dos leitores que deveriam evoluir com a chegada do *fin-de-siècle* e fazer a virada que não seria apenas temporal, mas também mental e comportamental.

A mulher da virada do século precisava de sua literatura, mas não uma que estivesse nos moldes tradicionais que mimetizassem a ficção romanesca masculina. Era preciso escrever como uma nova mulher, era preciso escrever sobre sua condição. Assim, Kate Chopin se atreveu a escrever sobre o desejo daquela mulher que buscava maior liberdade sexual, que ansiava pela paixão, que desprezava o casamento e a maternidade. Aquela mulher que gostava de tomar banho de mar, que se permitia os pequenos prazeres mundanos.

Já Charlotte Perkins Gilman proferiu sua própria angústia através de Jane, uma mulher afastada do bebê, isolada em uma casa desconhecida, para cumprir sua afamada *rest cure*, como muitas mulheres burguesas da época. Quem sabia o que era melhor para ela eram o médico e o marido. Afinal, detinham o saber científico. Ela tinha de ficar longe dos livros, sem ocupar a mente, diante daquele papel de parede amarelo que foi se tornando horrendo, uma prisão. Mas a subversiva escrevia e, dessa forma, depunha contra a loucura imposta à mulher. E Christie, de Louisa May Alcott, que prova ser capaz de trabalhar em diversas áreas, assim como a própria Alcott, de governanta a atriz. Solteira, casada ou viúva ganha experiência, é independente e ainda ajuda as mulheres que cruzam sua jornada. O romance é uma apologia ao valor do trabalho feminino, diria até uma ode, caso fosse escrito em versos.

Vale ressaltar que muitas dessas escritoras não eram ativistas, não eram sufragistas e nem se autodeclaravam feministas, como Kate Chopin, por exemplo. Em contrapartida, as suas literaturas retratavam a mulher inquieta de seu tempo, aquela que não se encaixava no perfil de boa moça que foi feliz para sempre. Nem mesmo o esfriamento do movimento feminista após a conquista do sufrágio calou a escritora feminista.

Sylvia Plath e sua personagem Esther caíram na mesma armadilha que Perkins e Jane: a depressão - automaticamente definida como loucura ou histeria. Como já mencionamos através de Showalter, a histérica e a mulher se confundem na literatura. Plath denuncia os papéis de gênero impostos sobre a mulher americana na sociedade de 1950. Uma jovem universitária ingênua com talento para a escrita, virgem, sem experiência de vida. No entanto, percebe-se deixando a sanidade mental à medida que vai rejeitando as imposições sociais que recairiam sobre ela: o casamento e a maternidade.

Já nos anos de 1960, com os movimentos de esquerda renovados por uma nova geração revolucionária, filha da opressão e do conservadorismo dos anos de 1930 a 1950, surgem mulheres que querem mais do que reformas. Elas não querem mais negociar, querem revolucionar. Marian, de Margaret Atwood, sua personagem “protofeminista”, quase se deixa levar pelo conforto mudo do casamento com um homem que a enxerga como “função esposa”. Ela se sente perdida, experiencia um distúrbio alimentar conforme percebe que alguém está tomando o controle de sua vida. Mas Marian é uma mulher do fim dos anos 1960, época de fortes movimentos contraculturais nos Estados Unidos. Arruma um amante, volta a comer e termina o noivado, rompendo também com o pacto social proposto por um homem, voltando a tomar suas próprias decisões.

Na segunda onda do movimento feminista, a mulher negra também denuncia e vence. Celie representa a mulher que começa a reivindicar sua voz na sociedade. Ela conta sua opressão, seus maus-tratos, seu estupro, seus abusos físicos, sua subalternidade, sua solidão e sua humilhação. Parece muito, mas Alice Walker certamente desejou despejar a mágoa da mulher preta na face da sociedade americana que por tantos séculos a desprezou, inclusive o próprio movimento feminista classista da primeira onda, que apoiava, mas achava a pauta abolicionista um desvio de foco para a causa feminista. Essa mulher também não teve o devido lugar no início da segunda onda, mas o exigiu e se autointitulou mulherista, não feminista. E ela mostrou que é capaz de vencer. Celie venceu.

Com a reivindicação da terceira onda do movimento feita pela filha de Alice Walker, Rebecca Walker, as mulheres agora passam a compreender que o feminismo deve funcionar de forma interseccional, percebendo e incluindo a “outra”. Não se trata mais da “mulher”, no singular, mas das mulheres, no plural. A negra, a lésbica, a terceiro-mundista, a imigrante, a pobre e todas aquelas que se incluem em outras categorias de opressão, todas devem ser ouvidas e lidas.

As personagens latino-americanas imigrantes, assim como suas filhas, as filhas da diáspora, das escritoras Sandra Cisneros (descendente de mexicanos) e Julia Alvarez (descendente de dominicanos) se destacam por romper barreiras culturais e expressarem o seu multiculturalismo através da linguagem, da religião e de hábitos familiares. Essas mulheres da fronteira, *las mestizas*, são americanas, mas possuem raízes latinas. Elas saem da margem e começam a desconstruir o centro.

Enquanto isso, a garota branca de classe média, apesar de não precisar mais conviver com tantos tabus, continua vivendo seus dilemas psicológicos e sexuais. Tanto que Susana Kaysen, na década de 1990, sente a necessidade de contar, através de um livro de memórias, com provas documentais, que, em 1967, aos 17 anos, fora internada “voluntariamente” em uma instituição psiquiátrica. Cada amizade que faz possui um nome e um diagnóstico: Susana, transtorno *borderline*; Lisa, sociopata viciada em drogas; Polly, suicida; Daisy; transtornos alimentares. Ainda é fundamental falar sobre “loucura” feminina no fim do século XX, mais de 20 anos após o ocorrido. Contudo, livre dos tabus que cerceavam a sociedade nos anos 1960, a autora pôde pensar com distância sobre sua história e sobre as histórias de várias mulheres que passaram pela mesma experiência.

E a mulher do século XXI, (auto)liberada de várias obrigações das gerações passadas, após mais de um século de luta por equidade, continua precisando clamar por respeito. Respeito por seu sexo, seu gênero, sua sexualidade, sua origem, sua classe, sua cor e suas escolhas. Chimamanda Adichie, graduada e pós-graduada nos Estados Unidos, escreve tanto sobre o seu país de origem, a Nigéria, quanto sobre a experiência de ser uma mulher negra e estrangeira nos Estados Unidos. Na Nigéria, não precisa se preocupar por ser negra. Nos Estados Unidos, sim.

A popularização dos meios digitais de informação favorece o surgimento de uma nova escritora, aquela que publica em papel e online, aquela que participa de encontros literários virtuais e escreve colunas para jornais e blogs. Essa autora não abdica de tudo o que os feminismos, no plural, conquistaram. Ela reconhece essa história. Entretanto, sabe que ainda é preciso lutar. Ainda é preciso expor as mazelas de nosso sexo e de nosso gênero.

Jessica Valenti depõe contra o machismo com o qual temos de conviver diariamente em casa, nas ruas, na escola, na faculdade, no ambiente de trabalho, na política e na internet. Temos de conviver com atitudes e mensagens de teor sexual e com a misoginia desde a infância. Contudo, elas foram tão banalizadas que parecem normais. Então vamos falar sobre o significado de ser um objeto sexual sob a perspectiva de uma mulher. Acredito que todas as mulheres se identificariam com situações descritas em seu livro de memórias.

Uma questão urge nas discussões feministas contemporâneas presentes nas redes sociais, na mídia e na literatura: o assédio, o abuso e a violência sexual contra

a mulher. Autoras como Jessica Valenti e Roxane Gay tiram proveito do espaço virtual, além de atuarem academicamente, para denunciarem os abusos que sofreram e para auxiliarem suas leitoras, inclusive por meio de interações digitais.

Gay, através de suas personagens, em seus textos ficcionais, e de suas memórias e ensaios, revela um amargo panorama sobre a cultura do estupro. Fazemos parte de uma cultura permissiva em relação à exploração do corpo feminino por meio da violência. O acesso ao corpo da mulher é considerado livre pelos perpetradores de crimes de estupro e assédio.

O perfil da feminista contemporânea é claramente diferente das gerações anteriores por ter percebido que a mulher, que se declara feminista, não precisa renunciar à sua feminilidade ou sexualidade, seja ela qual for. A forma como se veste ou se comporta também pouco importam, pois o que importa é sua liberdade, e esta não pode ser usada como justificativa para que essa mulher sofra qualquer tipo de represália ou violência.

Os leitores e as leitoras de Gay se deparam com situações de extrema tensão em seu romance e em contos que abordam o estupro. Mireille narra, explicitamente, seus treze dias de tortura. As garotas Carolina e Savvie tiveram seus corpos infantis invadidos e filmados. Sarah era o tipo de mulher que “deveria ter facilitado” as coisas para não ser estuprada. Qual seria a famosa intenção da autora? O enredo muda, mas a história é a mesma. Suas protagonistas têm seu corpo transformado em nada, em resto. Porém, o que ainda sobra de minimamente humano de si mesmas vem à tona através da linguagem. Dessa maneira, sua humanidade é recobrada a partir de sua narrativa.

Ademais, nos contos e no romance analisados, fica claro como “em muitas histórias de vida, os males do estupro convivem e interagem com agravos estruturais como o racismo e o colonialismo, bem como com histórias e dinâmicas interpessoais e familiares”¹⁷⁵ (SERISIER, 2018, p. 49). No caso de Gay e de muitas de suas personagens, essas interseções agravantes são imprescindíveis.

Conforme os aspectos estudados nesta tese, concluímos que a quarta onda do movimento feminista é, na verdade, a culminação das ondas anteriores em um momento de encontro de reivindicações e liberdade de expressão, quebra de tabus e união de subgrupos fragmentados anteriormente. Ademais, podemos concluir que

¹⁷⁵ No original: in many women’s life stories the harms of rape sit alongside and interact with structural harms such as racism and colonialism as well as interpersonal and familial histories and dynamics.

a literatura feminista estadunidense tem se apresentado prontamente com o intuito de denunciar as opressões sofridas pelo sexo feminino ao longo do tempo em decorrência de uma cultura sexista, patriarcal e violenta. Ademais, essa literatura busca incluir a mulher em uma categoria na qual ela nunca foi completamente inserida: a de ser humano, a de ser sujeito, a de ser protagonista também da cultura, a começar por ser protagonista de sua própria vida.

Assim, destacamos a importância da militância de Gay sobre a problemática da violência sexual para o nosso momento histórico, não só no campo literário, mas também no político. É essencial o entendimento de que o que enfrentamos não é um problema individual e infrequente, mas coletivo e comum. Apesar das diferenças entre as mulheres a depender de sua cultura e todas as possíveis questões transversais, é fundamental nosso engajamento político no sentido de combater estruturas de poder opressoras.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The thing around your neck*. New York: HarperCollins, 2009. *E-book*.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. A conversation with Chimamanda Ngozi Adichie. *Image*. Issue 65, Spring 2010. Entrevista concedida a Susan Vanzanten. Disponível em: [https://imagejournal.org/article/conversation-chimamanda-ngozi-adichie/..](https://imagejournal.org/article/conversation-chimamanda-ngozi-adichie/) Acesso em: 28 dez. 2021.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

ALCOTT, Louisa May. *Work: a story of experience*. Project Gutenberg, 2003. *E-book*.

ALEMANY, Carme. Violências. In: HIRATA, Helena et al. (org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 271-276.

ATWOOD, Margaret. *The edible woman*. New York: Anchor Books, 1998. *E-book*.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BATES, Ulku U. et al. *Women's realities, women's choices: an introduction to Women's studies*. Third edition. Oxford: OUP, 2005.

BAYM, Nina. *Woman's fiction: a guide to novels by and about women in America, 1820-1870*. London: Cornell University Press, 1978.

BAYM, Nina. Melodramas of beset manhood: how theories of American fiction exclude women authors. In: BAYM, Nina. *Feminism and American literary history: essays by Nina Baym*. New Jersey: Rutgers University Press, 1992. p. 3-18.

BAYM, Nina. Women's novels and women's minds: an unsentimental view of nineteenth-century American women's fiction. In: *Novel: a forum on fiction*. Vol. 31, no. 1, 1998. p. 335-350.

BAYM, Nina. (ed.) *The Norton anthology of American literature*. 6th. ed. New York: Norton & Company, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERCOVITCH, Sacvan. *The Cambridge history of American literature*. Cambridge: CUP, 2005.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed 34, 1999.

BLACK, Alexandra *et al.* *Feminism is...* London: DK Publishing, 2019.

BOGADO, Maria; HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Rua. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade.* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.* 3. ed. Maringá: UEM, 2019.

BORDO, Susan. *Unbearable weight, feminism, western culture, and the body.* Berkeley: University of California Press, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAIDOTTI, Rosi. *By ways of nomadism. In: BRAIDOTTI, Rosi. Nomadic subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory.* New York: Columbia University Press, 1994.

BROWNMILLER, Susan. *Against our will: men, women and rape.* New York: Open Road, 2013. *E-book.*

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity.* New York: Routledge, 1999.

BUTLER, Judith. *Undoing gender.* New York: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex.* New York: Routledge, 2011.

CAHILL, Ann J. *Rethinking rape.* Ithaca and London: Cornell University Press, 2001.

CAVARERO, Adriana. *Horrorism: naming contemporary violence.* New York: Columbia University Press, 2007.

CHARLOTTE, Kroløkke; SØRENSON, Anne Scott. *Three waves of feminism: from suffragettes to grrls. In: CHARLOTTE, Kroløkke; SØRENSON, Anne Scott. Contemporary gender communication theories & analyses: from silence to performance.* Thousand Oaks: SAGE Publications, 2005. p. 1-23.

CHOPIN, Kate. *The awakening and selected short stories.* Pennsylvania: PSU, 2008. *E-book.*

CISNEROS, Sandra. *Woman Hollering Creek and other stories.* New York: Vintage ebooks, 1992. *E-book.*

COCHRANE, Kira. *All the rebel women: the rise of the fourth wave of feminism.* Guardian Books, 2013.

CODE, Lorraine. Sisterhood. *In*: CODE, Lorraine (ed.). *Encyclopedia of feminist theories* London: Routledge, 2000.

COLEMAN, Lisa L. Woolf and feminist theory: Woolf's feminism comes in waves. *In*: GOLDMAN, Jane (ed.). *Virginia Woolf in context*. Cambridge: CUP, 2012. p. 79-91.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COOK, Chris. *Macmillan dictionary of historical terms*. Second edition. London: Macmillan, 1990.

CORNELL, Drucilla. O que é feminismo ético? *In*: BENHABIB, Seyla *et al.* *Debates feministas: um intercâmbio filosófico*. Trad. de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Unesp, 2018.

CUNLIFFE, Marcus. *The literature of the United States*. 4th edition. New York: Penguin Books, 1986.

DEWIT, Ellen. 50 photos from American life in the 19th century. *Stacker*, v. 4, Sept. 2020. Disponível em: <https://stacker.com/stories/4000/50-photos-american-life-19th-century>. Acesso em: 27 dez. 2021.

DICKER, Rory. *A history of U.S. feminisms*. Seal Press: Berkeley, 2016.

EAGLETON, Mary. Literary representations of women. *In*: PLAIN, Gill; SELLERS, Susan (ed.). *A History of feminist literary criticism*. Cambridge: CUP, 2007. p. 105-119.

FERNANDES, Leela. Unsettling 'third wave feminism': feminist waves, interseccionalidade, and identity politics in retrospect. *In*: HEWITT, Nancy A. (ed.) *No Permanent Waves: recasting histories of U. S. Feminism*. London: Rutgers University Press, 2010. p. 98-118.

FOSTER, Hall. The return of the real. *In*: FOSTER, Hall. *The return of the real: the avant-garde at the end of the century*. Cambridge: The MIT Press, 1996. p. 127-170.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Politics, philosophy, culture: interviews and other writings, 1977-1984*. New York: Routledge, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 253-266.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos feministas. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 144-149.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FRIEDAN, Betty. *The feminine mystique*. New York: W.W. Norton and CO., 2001.

FRIEDMAN, Susan Stanford. *Mappings: feminism and the cultural geographies of encounter*. New Jersey: Princeton, 1998.

FULLER, Margaret. *Woman in the nineteenth century*. Project Gutenberg, 2005. *E-book*.

FUNCK, Susana Bornéo. *Crítica literária feminista: uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016.

GARCIA, Janaína. Manifestantes protestam contra e a favor de filósofa americana Judith Butler em São Paulo. *Uol notícias*. 07 nov. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/07/manifestantes-protestam-contra-filosofa-americana-judith-butler-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 29 dez. 2021.

GAY, Roxane. *Ayiti*. Oregon: Artistically Declined Press, 2011. *E-book*.

GAY, Roxane. *An untamed state*. New York: Consair, 2014a. Edição Kindle.

GAY, Roxane. *Bad feminist*. New York: Consair, 2014b. Edição Kindle.

GAY, Roxane. Roxane Gay “An untamed state”. *Politics and Prose*. May 8, 2014c. Entrevista coletiva em vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dbCtpxlQnkY..> Acesso em: 01 nov. 2021.

GAY, Roxane. The Rumpus book club chat with Roxane Gay. *The Rumpus*. June 4th, 2014d. Entrevista coletiva disponível em: <https://therumpus.net/2014/06/the-rumpus-book-club-chat-with-roxane-gay/>. Acesso em: 10 out. 2021.

GAY, Roxane. “Theses on the feminist novel”. *Dissent*. Vol. 61, no. 4. University of Pennsylvania, Fall 2014e. Disponível em: <http://doi.org/10.1353/dss.2014.0076..> Acesso em: 04 jul. 2019.

GAY, Roxane. *Difficult Women*. New York: Grove Press, 2017a. Edição Kindle.

GAY, Roxane. *Hunger*. HarperCollins, 2017b. *E-book*.

GAY, Roxane. *Ayiti*. New York: Grove Press, 2018. Edição Kindle.

GHANDEHARION, Azra; MAZARI, Milad. Women entrapment and flight in Gilman's "The yellow wallpaper". *Alicante journal of english studies*, Alicante, n. 29, p. 113-129, 2016.

GILMAN, Charlotte Perkins. *The yellow wallpaper*. Wisehouse classics: Sweden, 2016. *E-book*.

GOLDMAN, Jane. *The Cambridge introduction to Virginia Woolf*. Cambridge: CUP, 2006.

GRAY, Richard. *A history of American literature*. 2nd. ed. [S.l.]: Wiley-Blackwell, 2012.

GREER, Germaine. *On rape*. Melbourne: Melbourne University Press, 2018. *E-book*.

GRIFFIN, Susan. Rape: the all-American crime. *Ramparts*, v. 10, n. 3, Sept. 1971.

Disponível em:

<https://cdm16694.contentdm.oclc.org/digital/collection/p16694coll58/id/4721..> Acesso em: 02 jan. 2022.

GROSZ, Elizabeth. *Volatile bodies: towards a corporeal feminism*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

GUTIÉRREZ, Rachel. *O feminismo é um humanismo*. São Paulo: Antares/Nobel, 1985.

HAAKEN, Janice. Traumatic revisions: remembering abuse and the politics of forgiveness. In: REAVEY, Paula; WARNER, Sam (ed.). *New feminist stories of child sexual abuse: sexual scripts and dangerous dialogues*. London and New York: Routledge, 2003. p. 77-93.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. *Framework: the journal of cinema and media*, v. 36, p. 222-237, 1989.

HARAWAY, Donna. A cyborg manifesto: science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century. In: HARAWAY, Donna. *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991. p. 149-181.

HEALICON, Alison. *The politics of sexual violence: rape, identity and feminism*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

HERMAN, Judith. *Trauma and recovery: the aftermath of violence – from domestic abuse to political terror*. New York: Basic Books, 2015.

HEWITT, Nancy A. (ed.). *No Permanent Waves: recasting histories of U. S. Feminism*. London: Rutgers University Press, 2010.

HIRATA, Helena *et al.* (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

ISAACS, Alan *et al.* *Oxford dictionary of world history*. Oxford: OUP, 2003.

KAYSEN, Susanna. *Girl, interrupted*. New York: Vintage Books, 1994. *E-book*.

KELLY, Ernece B. Paths to liberation in Alice Walker's *The color purple* (1982). In: FISHER, Jerilyn; SILBER, Ellen S. (ed.). *Women in literature: reading through the lens of gender*. Westport: Greenwood Press, 2003. p. 75-78.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. 2006. 204 f. Tese. (Doutorado em Literatura Comparada) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LAGUERRE, Michel. *Diasporic citizenship: Haitian Americans in transnational America*. New York: Palgrave Macmillan, 1998.

LAUER, Teresa M. *The truth about rape: emotional, spiritual, physical, and sexual recovery from rape*. Blaine: The Lauer Group, 2002.

LEGATES, Marlene. *In their time: a history of feminism in western society*. Routledge: New York, 2001.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LINSTROTH *et al.*, Conflicting ambivalence of Haitian identity-making in South Florida. *Forum Qualitative Social Research*, v. 10, n. 3, Art. 11, Sept. 2009.

MACCANN, Hannah *et al.* *O livro do feminismo*. Rio de Janeiro: GloboLivros, 2019.

MACKINNON, Catherine. Sex and violence. In: SEARLES, Patricia; BERGER, Ronald J. (ed.). *Rape and society: readings on the problem of sexual assault*. New York: Routledge, 1995. p. 28-34.

MCPHAIL, Beverly. Feminist framework plus: knitting feminist theories of rape etiology into a comprehensive model. *Trauma, Violence, & Abuse*, v. 17, n. 3, p. 314-329, 2015.

MADSEN, Deborah L. *Feminist theory and literary practice*. Virginia: Pluto Press, 2000.

MARSHALL, Elizabeth. Borderline girlhood: mental illness, adolescence, and femininity in *Girl, Interrupted*. *The lion and the unicorn*, v. 30, n. 1, p. 117-133, Jan. 2006.

MARTIN, Wendy and WILLIAMS, Sharone. *The Routledge introduction to American women writers*. London and New York: Routledge, 2016.

MENDES, Kaitlyn *et al.* *Digital feminist activism: girls and women fight back against rape culture*. Oxford: OUP, 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MILLET, Kate. *Sexual politics*. Chicago: University of Illinois Press, 2000.

MILLER, J. Howard. We can do it!. *National Museum of American History*. 1943
Disponível em:
https://americanhistory.si.edu/collections/search/object/nmah_538122.. Acesso em 27 dez. 2021.

MOERS, Ellen. *Literary Women: the great writers*. New York: Doubleday & Company, 1976.

MOI, Toril. *Sexual/Textual politics: feminist literary theory*. 2nd ed. London: Routledge, 2002.

MONTEIRO, Maria Conceição. A revolta das mulheres sacrificadas. *Gragoatá*. Niterói, v. 26, n. 54, p. 749-765, 2021.

MS. Vol 1, No. 1. *National Museum of American History*. Disponível em:
https://www.si.edu/object/ms-vol-1-no-1:nmah_1803345.. Acesso em: 28 dez. 2021.

NEGOTIATORGUY. Real feminists don't have breasts. *In: all songs lead back t' the sea*. 28 mar. 2007. Disponível em: <https://itsmypulp.wordpress.com/2007/03/28/real-feminists-dont-have-breasts/>. Acesso em: 29 dez. 2021.

NOW bill of rights. *In: Morgan, Robin (ed.) Sisterhood is powerful: an anthology of writings from the women's liberation movement*. New York: Vintage Books, 1970.

OLIVEIRA, Bruno Lima. O retorno do autor na literatura contemporânea. *In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA*, 2009, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: UFU, 2009. p. 1-3.

ORBACH, Susie. *Fat is a feminist issue*. [S.l.]: ArrowBooks, 2006. 2 v. *E-book*.

PLATH, Sylvia. *The bell jar*. Harper Perennial, 1996.

QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas: UNICAMP, 2013.

ROONEY, Ellen. The literary politics of feminist theory. In: ROONEY, Ellen. (ed.). *The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory*. Cambridge: CUP, 2006. p. 73-95.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANDERS, Valerie. First wave feminism. In: GAMBLE, Sarah (ed.). *The Routledge companion to feminism and postfeminism*. London: New York: Routledge, 2006. p. 15-24

SANYAL, Mithu. *Rape: from Lucretia to #MeToo*. London: New York: Verso, 2019.

SCARRY, Elaine. *The body in pain: the making and unmaking of the world*. Oxford: OUP, 1985.

SCHMIDT, Heather. Rape myths. In: SMITH, Merrill D. (ed.). *Encyclopedia of rape*. London: Grennwood Press, 2004. p. 191-193.

SCHNEIR, Miriam (ed.). *Feminism: the essential historical writings*. Vintage books: New York, 1994.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Epublibre, 2016. *E-book*.

SERISIER, Tanya. *Speaking out: feminism, rape and narrative politics*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

SEXUALIZED violence statistics. In: *Stop rape: response and prevention*. Humboldt State University, [20--] Disponível em: <https://stoprape.humboldt.edu/statistics..> Acesso em: 05 jan 2022.

SHOWALTER, Elaine. Feminist criticism in the wilderness. *Critical inquiry*, v. 8, n. 2, p. 179-205, 1981.

SHOWALTER, Elaine. Toward a feminist poetics. In: SHOWALTER, Elaine. (ed.) *The new feminist criticism: essays on women, literature, and theory*. New York: Pantheon Books, 1985. p. 125-143.

SHOWALTER, Elaine. *The female malady: women, madness and English culture, 1830-1980*. London: Penguin Books, 1987.

SHOWALTER, Elaine. Tradition and the female talent: *The awakening* as a solitary book. In: BLOOM, Harold (ed.) *Kate Chopin*. Bloom's Literary Criticism: New York, 2007. p. 7-26.

SHOWALTER, Elaine. *A jury of her peers: American women writers*. Hachette Digital: London, 2009. Edição Kindle.

SHOWALTER, Elaine (ed.). *The vintage book of American women writers*. New York: Vintage Books, 2011. *E-book*.

SILVA, Jacilene Maria. *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*. Recife, 2019. Edição Kindle.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SMITH, Merril D. *Encyclopedia of rape*. London: Greenwood Press, 2004.

SNYDER, R. Claire. What is third-wave feminism? a new directions essay. *Signs*, v. 34, n. 1, p. 175-196, 2008.

STATISTICS In-Depth. *National Sexual Violence Resource Center*. Disponível em: <https://www.nsvrc.org/statistics/statistics-depth>. Acesso em: 12 dez 2021.

STERN, Madeleine B. *Critical essays on Louisa May Alcott*. Boston: G.K. Hall, 1984.

THE seven sisters. In: *MountHolyoke*. [20--]. Disponível em: https://www.mtholyoke.edu/about/seven_sisters.html... Acesso em: 20 fev. 2020.

THE United States of America. An updated definition of rape. January 6 2012. *Department of Justice Archives*. Disponível em: <https://www.justice.gov/archives/opa/blog/updated-definition-rape..> Acesso em: 04 jan. 2022.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TOIT, Louise du. *A philosophical investigation of rape: the making and unmaking of the feminine self*. London: Routledge, 2009.

TOLAN, Fiona. The edible woman: the psychology of early second-wave feminism. In: TOLAN, Fiona. *Margaret Atwood: feminism and fiction*. Amsterdam and New York: Rodopi, 2007. p. 9-34.

VALENTI, Jessica. Questions for Jessica Valenti: fourth-wave feminism. *The New York Times Magazine*. Entrevista concedida a Deborah Solomon. 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/11/15/magazine/15fob-q4-t.html..> Acesso em: 30 apr. 2019.

VALENTI, Jessica. When everyone is a feminist, is anyone? In: *The Guardian*. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/nov/24/when-everyone-is-a-feminist>. Acesso em: 30 abr. 2019.

VALENTI, Jessica. *Sex object: a memoir*. HarperCollins: New York, 2016. Edição Kindle.

WALKER, Alice. *The color purple*. New York: Pocket Books, 1982.

WALKER, Rebecca. Becoming the third wave. *Ms.* 39. 1992. p. 39–41.

WALLACE, Elizabeth Kowaleski (ed.). *Encyclopedia of feminist literary theory*. London and New York: Routledge, 2009.

WHELEHAN, Imelda. *Modern feminist thought: from the second wave to 'post-feminism'*. Edinburgh University Press: Edinburgh, 1999.

WOLF, Naomi. *The beauty myth: how images of beauty are used against women*. London: Vintage Books, 1991.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A vindication of the rights of woman*. Canada: HarperCollins, 2014. *E-book*.

WOOLF, Virginia. *A room of one's own*. London: HarperCollins, 1977.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: UEM, 2019.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: UEM, 2019.